Diário de Lisboa

21114

ANO 62.º N.º 12 114
Março 1983
Segunda-feira

28 20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

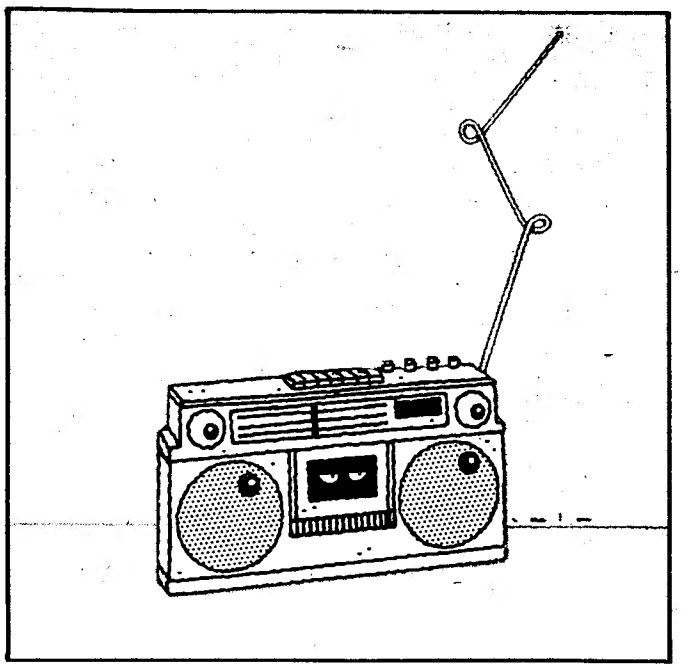
Conferência de Lisboa encerrou

Linha da Frente propõe campanha para isolar o regime do "apartheid"

O programa de acção adoptado pela Conferência Internacional de Solidariedade para com os Estados da Linha da Frente (CISELF) foi ao fim da manhã de hoje apresentado em conferência de Imprensa, presidida pelo tenente-coronel Vítor Alves. Três princípios básicos inspiram o programa: isolar completamente o regime do «apartheid»; travar o fluxo de apoio que mantém esse regime; e fortalecer e alargar os movimentos de solidariedade com os povos em luta na África Austral. O programa divide-se em medidas a adoptar relativamente aos Estados da linha da frente, África do Sul, Namíbia e Informação. A acção deve ser dirigida em três vectores: mobilização da opinião pública (para o que se exige uma informação de acordo com o código da UNESCO), campanhas de recolhas de fundos e pressão sobre a África do Sul e seus cúmplices. Nas campanhas de Imprensa integram-se as tendentes a obrigar a África do Sul a pagar indemnizações pelas mortes e destruições causadas pelas suas agressões, a levar os Estados que violam as sanções decretadas pela ONU a cumprirem os embargos ao fornecimento de armas e petróleo e a realização de novos empréstimos e investimentos. Paulo Jorge, ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, exprimiu a esperança de que os participantes na Conferência de Lisboa implementem as propostas de expressão e exercício concreto das medidas de solidariedade agora programadas.

Esta manhã em conferência de Imprensa: Vítor Alves entre Silas Cerqueira e Paulo Jorge

Págs 13, 14 e 15



Eleitorado dividido entre o golo e a palavra de ordem

Transistor foi rei no domingo dos políticos

O transistor foi no último fim-de-semana um sério concorrente dos líderes dos quatro maiores partidos que cumpriam uma agenda particularmente cheia de iniciativas: dos agricultores aos sindicalistas, dos candidatos a deputados ao eleitorado que os escolherá, Mário Soares, Álvaro Cunhal, Mota Pinto e Lucas Pires multiplicaram-se em intervenções. Mas os relatos de futebol surgiram como seus concorrentes... Com efeito, grande parte da assistência aos actos públicos dividiu a sua atenção entre os cenários e as promessas dos líderes políticos, transmitidas ao vivo, e dos relatos desportivos, captados através da Rádio. E foi com o coração a balançar entre o grito do golo e o entoar das palavras de ordem, que muitos participaram na agenda política de um domingo pouco primaveril. «Se não ganhar o meu partido, ao menos que ganhe o meu clube» – poderá ter sido a conclusão de alguns. O cúmulo desta dualidade político-futebolística ocorreu com o Partido Socialista em Santarém enquanto Mário Soares apresentava o caderno de medidas agrícolas, alguns assistentes deitavam o olho pelas janelas a fim de assistirem à vitória do União local por 4-0 sobre o Torres Novas. É que o campo era mesmo ao lado. Quanto ao discurso dos dirigentes – a que nos referimos nas páginas 5 e 24 – algumas afirmações: «Não é de sachola na mão e socos nos pés que Portugal entrará na CEE», dizia Soares em Santarém. Mota Pinto, em Lisboa, afirmava por seu turno ser irrealista pretender-se – simultaneamente maiores salários reais, menos desemprego, baixa de inflação e reforço dos direitos sociais. Quanto a Lucas Pires definia ser pretensão do CDS representar «o espírito de metade do País que votava AD». Finalmente, Álvaro Cunhal, em Grândola, interrogava-se sobre a actividade de Mota Pinto, Lucas Pires e Adriano Moreira antes do 25 de Abril e criticava Soares por os considerar democratas.

Jornalistas vão às urnas

Durante todo o dia de hoje, decorrem em Lisboa e Porto as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Jornalistas. Duas listas concorrem ao acto eleitoral: «A», proposta pela direcção cessante; e «B», apresentada por um grupo de sócios. Os resultados devem ser conhecidos ao princípio da madrugada.

Pág. 2

Mau tempo em todo o litoral

Mar matou três em Aveiro e Cascais

Um arrais de Aveiro, um marroquino e um alemão, este amante de «wind-surf», desapareceram, sábado, nas águas revoltas do mar, devido ao mau tempo que se fez sentir em todo o País, deixando sinais de violência no litoral. Não só em Aveiro e em Cascais, mas também na Praia Grande, onde o «Angra», barco português com bandeira panamiana, encalhou. Os seus 14 tripulantes salvaram-se, como vinte horas antes se tinham salvo doze dos também catorze tripulantes do «Narjis II». Dois (o arrais e um cidadão marroquino) é que não dispuseram de baleeira para atingir terra. O corpo do mestre do arrastão já apareceu. O de Moahamed Hassan continua a ser procurado.

Pág. 7

Benfica a um passo do céu

Gomes repete desaire no Estoril: grande penalidade (nas Antas) daria defesa de Bento.

Págs. 18 e 19

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6.º — 3.º
Telef. 41751 — 1200 LISBOA

ELEIÇÕES

Amanhã, dia 29, realizam-se as eleições para os Corpos Gerentes deste Sindicato.

Trata-se de um acontecimento que regularmente se repete (de 2 em 2 anos), manifestando o respeito pelo compromisso com os princípios democráticos que sucessivos Corpos Gerentes têm respeitado e defendido.

A circunstância de, nos últimos actos eleitorais, se ter apresentado uma única lista candidata não deverá entender-se como significando um alheamento desta classe profissional dos seus próprios problemas. Todavia, ao interesse e participação assinalados em momentos cruciais para a defesa e aprofundamento dos progressos alcançados não tem correspondido a participação dos associados em eleições para os Corpos Gerentes.

Face a esta realidade entende a Mesa da Assembleia Geral cessante apelar para a maior participação possível no que crê tratar-se de um acto de defesa dos interesses profissionais dos enfermeiros. É necessário que se tome consciência de que a complexidade dos problemas e a consequente dificuldade em forçar as soluções adequadas exige a participação maciça dos associados e, desde logo no acto, porventura dos mais importantes de actividade sindical, **As Eleições**.

LOCAIS DE FUNCIONAMENTO DAS MESAS DE VOTO

LISBOA	Hospital de S. José Hospital D. Estefânia Hospital de Santa Maria Hospital Pulido Valente Hospital Egas Moniz Sede do Sindicato: — Todos os restantes locais de trabalho
BARREIRO, ALCOCHETE, MOITA e MONTIJO	Hospital do Barreiro
ALCÁCER DO SAL, GRÂNDOLA, PALMELA, SANTIAGO DO CACÉM, SESIMBRA, SETÚBAL e SINES	Praça do Quebedo, 4 – Setúbal
ALMADA e SEIXAL	Centro Policlínico de Almada
SANTARÉM	União dos Sindicatos de Santarém Rua José Cardoso Silva, 8
ABRANTES	Hospital de Abrantes
TORRES NOVAS	Hospital de Torres Novas
TORRES VEDRAS	Hospital de Torres Vedras
PORTALEGRE	Sala de Conf. – Hospital de Portalegre
BEJA	Hospital de Beja
ÉVORA	Hospital de Évora – Sala de Reuniões
FARO	Hospital de Faro
PORTIMÃO	Hospital de Portimão
PONTA DELGADA	Rua da Misericórdia, 34
HORTA	Rua Conselheiro Medeiros, 27, r/c.
ANGRA DO HEROÍSMO	Rua Conselheiro Jacinto Cândido, 48

Lisboa, 24 de Março de 1983

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

A BARCA SEM OS CORVOS

Pobre Marx!

No centenário da morte de Marx, numerosas pessoas têm escrito neste jornal e noutros, com saber e erudição indiscutíveis.

Mas neste mesmo centenário, como é curioso ver a quantidade de análises superficiais, abusivas e tendenciosas: é, por assim dizer, a confirmação pela negativa da importância iniludível e permanente do velho patriarca barbudo. Há uma moda, que é uma certa confissão implícita de impotência não isenta de raiva em renegá-lo, mesmo por parte dos que se reclamavam da sua ascendência intelectual.

Eu cá, apenas observo os aspectos laterais desta circunstância, porque não me sinto capaz de ir ao fundo da questão (Ah! mas ao menos confesso-o logo à partida!).

É que uma certa pressa leva agora pessoas, grupos e partidos a dizer que «Marx morreu!» com um arzinho do nietschiano «Deus morreu!». Assunto melindroso, portanto.

Lembro-me de que, há umas duas dezenas de anos, ainda fervilhava grande debate em torno das ideias económicas de Keynes nos meios académicos ocidentais. Um economista, creio que sueco, opositor dessas ideias em teoria, teve um desabafo amargo mas admirável: «Agora, no fundo, somos todos já keynesianos!...»

Ora, observo que me parece espúria a preocupação de alguns em se afirmar livres da herança judeo-cristã, helénica, renascentista, eu sei lá! de tudo. Podem dizê-lo, podem desejá-lo, podem pensá-lo — **mas não o são.** As fortíssimas ideias que inflectem a evolução do pensamento, inflectem-no arrastando todo o mundo intelectual ou não, deixando nas suas franjas só os resíduos das ortodoxias estritas e inadaptadas — das ortodoxias novas, tanto como das que preexistiam.

Privei em certa altura, profissionalmente, com um senhor, importante, legionário, capitão de indústria, que frequentemente me expunha os seus conceitos de economia e de política: «Sabe, dinheiro só se ganha fazendo trabalhar os outros — esse é que é o nosso trabalho!»; «Isto, o capital quere-se a girar. Quanto mais girar mais acumula, e para se formar riqueza é preciso acumular»; «A política, meu caro, é uma treta; é só a economia que é real, percebe? Governa tudo: é a História que o mostra, estude a História, estude a História e veja o que é que faz a História...»

«Mesmo a religião, meu amigo, faz falta para ajudar a funcionar bem a sociedade. A padralhada é chata (olhe que eu cá sou muito religioso, ouviu? apesar de dizer isto...), a padralhada é chata mas faz falta». Dizia-se um antimarxista feroz! Não seria possível insinuar-lhe, sem que explodisse, que encontraria as suas ideias expostas com muito mais clareza em certos textos... certos textos que nunca tinha lido, nem leria nunca, «et pour cause»...

Vá lá! compreende-se.

Mas dos novos antimarxistas (que nunca admitiriam ignorar a matéria), quantos leram o «Capital»? mas todo, até ao fim? A «Contribuição para a crítica da Economia Política»? As «Onze teses sobre Feurbach»? Quantos aguentaram sem perturbação a turbulência mental do «Materialismo e Empiriocriticismo»? O «Anti-Dühring»? o maçudo Plekhanov?

É que, para quem conhecer o marxismo só através das recensões aos resumos das críticas às traduções (abreviadas) do «Capital», afirmar que abandonou definitivamente a adesão àquela doutrina não é muito mais significativo do que afirmar que abandonou definitivamente a literatura da Mary Love.

É lícito, mas não é impressionante.

A verdade é outra. É que, parafraseando o tal economista que não gostava de Keynes mas era obrigado a reconhecer que, «de facto», era como todos então, já keynesiano, também se dirá aos que não gostam de Marx e se opõem à sua doutrina:

«Hoje, somos **todos** já marxistas!»

17 de Março 1983

J.P. Martins Barata

comunicação social

Sindicato dos Jornalistas

Hoje (durante o dia) eleições para os corpos gerentes

Estão a decorrer hoje, durante todo o dia, as eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Jornalistas.

Concorrem duas listas: «A», apresentada pela Direcção cessante, e «B», apresentada por um grupo de sócios.

A primeira («A»), sob o lema «Defender a liberdade, dignificar a profissão», apresenta Vítor Santos como presidente da Assembleia Geral; António dos Santos, como presidente da Direcção; e Ângelo Granja, como presidente do Conselho Técnico e de Deontologia. Como substitutos, naqueles mesmos cargos: Mário Zambujal, Daniel Ricardo e Roby Amorim.

Por sua vez, a segunda lista («B»), sob o lema «Dignificar o jornalismo, relançar o Sindicato», apresenta Augusto de Carvalho como presidente da Assembleia Geral; Cesário Borga, como presidente da Direcção; e António de Sousa, como presidente do Conselho Técnico e de Deontologia. Como substitutos, naqueles mesmos cargos: Helena Marques, José Mensurado e Oliveira Figueiredo.

Os resultados das eleições devem ser conhecidos ao princípio da madrugada.

"Estrangulamento" da ANOP ameaça comprometer eleições legislativas

A tentativa de bloqueamento financeiro da agência ANOP foi denunciada numa reunião conjunta dos sindicatos representativos dos trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa e da sua comissão de trabalhadores.

A reunião constatou que a ANOP «não possui, neste momento, meios financeiros para pagar os salários de Março aos seus trabalhadores, nem para satisfazer os compromissos assumidos para com os fornecedores».

A situação, segundo os representantes sindicais, «deve-se ao facto de o Governo não ter ainda desbloqueado os duodécimos da dotação anual atribuída à ANOP».

Este «estrangulamento» ameaça, paralelamente, comprometer «de forma irreversível a cobertura informativa das próximas eleições legislativas» por parte da ANOP.

Afirmando tratar-se de «uma situação de boicote» por parte do Governo, os sindicatos e CT da ANOP solicitaram a intervenção do Presidente da República, do Primeiro-Ministro, do ministro das Finanças e do director-geral da Informação, a quem, paralelamente, solicitaram audiências urgentes.

Por sua vez, o Conselho de Informação para a ANOP, em recente reunião, e depois de ter apreciado o programa de cobertura das eleições legislativas próximas, apresentado ao CI pela Direcção de Informação da agência, decidiu solicitar, por unanimidade, à DI, informações sobre recursos humanos e técnicos para a cobertura das eleições nas diferentes fases previstas; material a enviar para a emigração; e recursos financeiros.

PSOE vota contra televisão privada

O congresso espanhol de deputados votou contra um projecto de lei apresentado pela oposição, relativo ao exercício do direito de liberdade de expressão e informação através da Rádio e Televisão.

Os socialistas, que contam com maioria absoluta no congresso, votaram contra o projecto de grupo parlamentar popular. A pretensão deste grupo parlamentar era a aprovação de uma lei orgânica que desse lugar à Televisão privada.

O deputado socialista que actuou no congresso em representação do seu partido afirmou que o PSOE não considera chegado o momento de regular a Televisão privada por razões técnicas e económicas – e defendeu a possibilidade de pluralismo com a Televisão pública.

política de A a Z

A decisão eleitoral e a indecisão política

As forças políticas e os interesses que aceitaram o esquema de bipolarização política e social preconizado pelo falecido Francisco Sá Carneiro, confrontados com o desmoronar da «Aliança Democrática», com o fracasso governativo, com a falência no plano administrativo e no plano da moralidade política, sentem-se agora ameaçados de perderem, nas urnas, o controlo de gestão dos negócios públicos, a influência no aparelho de Estado, na Banca, nas Empresas, o uso e o gozo dos inerentes benefícios.

E como lavra o pânico, surgem os homens de prudência e cálculo, em manobras e combinações experimentados, prevendo hipóteses, arquitectando cenários, empenhados em estabelecer os novos esquemas de reconstituição da AD ou de substituição da AD.

Tanto a «reconstituição da AD», como a «substituição da AD», dependem dos resultados eleitorais. Repetem-se as previsões, revelam-se resultados de sondagens. Faz-se correr que a imagem do professor Mota Pinto tem melhorado no juízo da opinião pública. Faz-se correr que o PSD recupera (que teria subido na sondagem de intenções de voto de 22 para 27 por cento), que o PS estagna ou decresce, que o CDS atinge cerca de metade das intenções de voto que à APU são atribuídas. São proibidas as sondagens, como se sabe. Mas já se anunciou o expediente para rodear a proibição legal e que consiste em publicar uma sondagem num jornal editado em Espanha. Os jornais de Espanha galgam a fronteira e saltam sobre as disposições legais. A divulgação das intenções de voto, as previsões eleitorais mais ou menos fantasiosas ou apuradas com técnicas sérias, exercerão o seu papel de influenciar hesitantes. A batalha eleitoral é decisiva – diz-se. Mas não está excluído que os seus resultados, contabilizados em votos e mandatos parlamentares, não tragam uma decisão aos nossos problemas. Não está excluído que os resultados eleitorais criem uma correlação de representações parlamentares na qual se reproduzam as ilusões e os impasses.

Admiti-lo desde já, quando a campanha eleitoral apenas se inicia, pode ser taxado de pessimismo, pode ser considerado desmobilizador, mas não vemos que seja possível ultrapassar as dificuldades – as da crise económica, as da crise político-social – sem uma ideia clara da perspectiva que se oferece relativamente aos resultados eleitorais e às soluções políticas nesses resultados apoiadas.

É evidente que haverá que constituir um Governo para substituir o Governo demissionário; é evidente que a «actual AD» – por seus líderes fundador (Diogo Freitas do Amaral) e sucessor do outro fundador (Francisco Pinto Balsemão) abandonada – está à mercê, na mais favorável das hipóteses, de uma negociação que valorizará a componente CDS. Com efeito, no caso do PSD atingir 30 por cento dos resultados eleitorais – o que seria surpreendente e para Mário Soares, e outros «voluntaristas» do PS, decepcionante – o partido liderado pela «troika» em Montechoro investida e a Mota Pinto confiado, ficaria, para ser Governo, na dependência do minoritário CDS. O pequeno partido CDS (o do «liberalismo nacional»), estaria em posição de formular as suas condições e de formalizar as suas exigências ao parceiro maior – o PSD. O habilidoso Lucas Pires aposta nessa eventualidade. Esse é o objectivo que inspirou a carta enviada aos dirigentes do PSD, carta que lhes endossa a responsabilidade da concorrência às urnas com listas separadas e que advoga uma reconsideração do papel da «Aliança Democrática» – de **esta** *reconstituída, de* **uma futura** *–, na situação pós-eleitoral. Carta que mereceu, a um dirigente do PSD, ser rotulada de «manobra eleitoral». Carta que, sem sombra de dúvida, visava alcançar uma fixação de voto no CDS e postular, em relação ao eleitorado flutuante, o voto últil no PSD na perspectiva conservadorista de manter a governação do estilo AD.*

O «pronunciamento» anticonstitucional dos empresários, à chamada da CIF no Porto reunidos, vem no sentido de manter a AD, ou pelo menos, permite como tal ser interpretado apesar das críticas e das recriminações. E é para eles, com promessas de mais fácil comunicabilidade que as de Lucas Pires, que se dirige o discurso ordeiro e autoritário de um Mota Pinto, obstinadamente evocador de um «reformismo» e de uma orientação «social-democrata» que se destina a concorrer primeiro, e depois, obviamente, a facilitar o entendimento pós-eleitoral com o Partido Socialista. Entre os «favores internacionais» e a cooperação esforçada dos «empresários nacionais», os sociais-democratas do PSD e do PS não hesitarão. Preferem dialogar em Nova Iorque, Bona ou Bruxelas, a submeterem-se às reivindicações, algumas das quais de um «restauracionismo» primário, proclamadas pelos «interesses económicos» reunidos no Porto.

Os «interesses económicos» não mobilizam as votações necessárias. As suas afirmações – independentemente das posições que têm na Imprensa – não influenciam decisivamente o eleitorado. A «Aliança Democrática» não produziu a Revisão Constitucional que os patrões de mentalidade medieval pretendiam, mas, para além da «Aliança Democrática» há quem não vislumbre saída.

Todavia a «Aliança Democrática» completou o seu ciclo de vida: o «sucessor» de Francisco Sá Carneiro, abandonado, atacado, traído, arrasta a causa da sua demissão e acompanha o afundamento da «Aliança Democrática» no qual teve tão directa e grave responsabilidade. Preside, com o pálido sorriso que lhe resta, a uma espécie de funeral político.

A «substituição da AD», ou seja uma fórmula de coligação que garanta ao PSD uma posição no «sistema-de-Poder», aponta para duas combinações opostas política e sociologicamente: entendimento com o PS ou entendimento com o CDS. Mas, por um lado, o entendimento com o CDS , prolonga a vigência do esquema de bipolarização; por outro lado, o entendimento com o PS, redundará na constituição do «bloco central».

Não é difícil descortinar no nebuloso futuro deste tipo de combinações que o prolongamento da vigência de um esquema de bipolarização criará espaço para o «eanismo», que lhe abre a possibilidade de se converter de «messianismo» esparso em «movimento organizado».

A médio prazo, o «bloco central» apresentaria vantagem para o CDS e para a APU, para a «margem direita» e para a «margem esquerda». Retiraria, por outro lado, e a curto prazo, aos partidos componentes, com o esbater-se da diferenciação ideológica e programática, base social de apoio. Perderá o PS em defender as mesmas posições políticas, a mesma política governamental, que o PSD. E a recíproca é verdadeira: o PSD perde espaço e razão de ser se com a política do PS se identificar. E darão razão ao inventor de cenários que já sentenciou que, em Portugal, há um partido a mais.

Houve quem pensasse ao ler o inventor de cenários que ele queria dizer que faltava um partido. Essa é uma obsediante preocupação: a de criar, em laboratório, o esquema partidário mais conveniente a uma Democracia jovem, a de inventar partidos, corrigir partidos, reformá-los por dentro, afeiçoá-los por fora a uma prática que se nos afigura mais justa.

Um documento recente aborda a questão sob outro ângulo: o do aprofundamento da democracia. Mas estamos à beira das eleições. A 25 de Abril vamos votar e é preciso que nestes dias se esclareça se o nosso voto vai renovar a «Aliança Democrática» ou criar o «bloco central»? E se um voto, ou o outro, comporta virtualidades potenciais para vencer a crise e reforçar a Democracia.

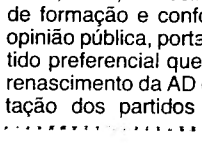
ponto a ponto

Os ministros português e moçambicano dos Negócios Estrangeiros participaram ao fim da tarde de sábado em Lisboa num encontro de trabalho — anunciou um porta-voz oficial.

Durante cerca de duas horas — referiu a fonte — Futscher pereira e Joaquim Chissano apreciaram as relações bilaterais e as possibilidades de aprofundamento da cooperação e dos meios para os seu desenvolvimento. Os dois ministros também analisaram questões internacionais de interesse comum para ambos os países. Na véspera, o chefe da diplomacia portuguesa recebera já o minstro angolano das Relações Exteriores, Paulo Jorge, e teve depois um almoço de trabalho com os chefes das delegações dos países de expressão oficial portuguesa presentes na Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente.

HELENA Roseta manifestou ontem o seu desagrado pelo Conselho da Europa promover uma exposição na Turquia 15 dias depois da abertura em Lisboa da «Décima Sétima Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura». «Não é legítimo tratar um país democrático como Portugal da mesma maneira que a Turquia, que não respeita os Direitos do Homem», disse a dirigente do PSD, que participou no colóqio sobre as Comunidades Europeias promovido pelo Instituo Sá Carneiro, recordou que Portugal só foi aceite no Conselho da Europa depois de ter promulgado a Constituição democrática de 1976. Helena Roseta, que participa na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa juntamente com cinco outros deputados portugueses, referiu que as vacilações daquela instância internacional relativamente à condenação da Turquia «põem em perigo a credibllidade do Conselho da Europa na defesa dos Direitos do Homem». A deputada do PSD lamentou também que o Governo da AD não tenha condenado claramente o regime turco, frisando que os deputados portugueses no Conselho da Europa tinham tomado essa atitude unanimemente.

O coronel Filipe Themudo Barataé governador de Timor-Leste de 1961 a 1963, foi sábado reconduzido no cargo de presidente da Assembleia Geral da Liga dos Amigos de Timor. Uma reunião da assembleia geral daquela liga em Lisboa aprovou o relatório e contas no ano transacto, e procedeu à eleiçãodos corpos gerentes para o triénio 1983/85. Manuel do Rosário dos Mártires foi também reconduzido no cargo de presidente da direcção. Contando cerca de 350 filiados,, a Liga dos Amigos de Timor congratulou-se pelo facto de a RTP ter aprêsentado um programa sobre Timor-Leste, na última edição de «Grande Reportagem», o que «contribuíu para manter viva a preocupação com os aspectos humanitários e culturais decorrentes da actual situação» do território.



DIRIGENTES políticos, responsáveis pelas concelhias de Albufeira do PSD, PS e PCP, reuniram-se ontem para debate dos problemas do concelho e funcionamento da Câmara Municipal. Cabrita Neto (PSD), Santos Serra (PS) e Silvestre Roque (PCP) discutiram durante cinco horas, as questões consideradas prioritárias para a zonaé entre elas o exixo viário da vila, abastecimento de água e rede de esgotos. O encontro informal, iniciativa do social-democrata Cabrita Neto, teve também por objectivo encontrar formas de diálogo que permitam uma articulação entre partidos e Câmara, com vista à resolução dos problemas do concelho de Albufeira. Um novo encontro, este formal, ficou marcado para o dia 29 de Abril, com vista a aprofundar as questões agora levantadas na reunião.

A repetição do acto eleitoral para a Assembleia de Freguesia de Cujó, concelho de Castro Daire, foi marcada para 29 de Maio, soube a ANOP na Câmara Municipal daquele concelho. A repetição do actó eleitoral torna-se necessária devido a igualdade de número de votos do CDS e PSD, únicas organizações políticas concorrentes às eleições de Dezembro último.

De novo a propósito da crise

«Não dá para entender»

António de Sequeira Zilhão

TAL é o estribilho do brasileirismo, em gíria popular, que se pode aplicar a situações como estas:

● A AD, coligação partidária chamada de «Aliança Democrática», perdeu os seus líderes e principais mentores e desagregou-se;

– mas, contudo, pretende-se agora fazer ressuscitar o seu espírito, fazer renascer **uma nova AD** com base em ambos os partidos (CDS e PSD) que determinantemente a enformavam.

● O PSD (ex-PPD) é um partido intitulado «social-democrata» (cujos termos, aliás, são consonantes com os do CDS, pois apenas têm, etimologicamente, uma sequência inversa das do Centro «democrático-social»...);

– mas o **PSD congratula-se, tal como o CDS, com o recuo eleitoral dos sociais-democratas da Alemanha Federal...**

● Um professor coimbrão, pregador da «Ordem» e de «um patriotismo saudável», já dera eloquentes provas do seu posicionamento político de cariz nitidamente regressivo, como chefe de um Governo fracassado, como apoiante de uma candidatura presidencial de sentido reaccionário e anticonstitucional, e já fizera as malas, em tempo útil, as malas de regresso à cátedra de Direito Civil;

– mas está agora de volta às agrestes lides da Política, e arvorado a líder-mor que se apresta para **restaurar a credibilidade desse partido dito social-democrata** (o qual, valha a verdade, como resulta da sua atitude e da sua acção, de «social-democrata» só tem, em última análise, o nome e um programa doutrinário, que larga faixa dos seus militantes e simpatizantes está longe de abraçar...)

● O mesmo investido e catedrático dirigente do PSD, convencido do próximo sucesso eleitoral deste, propõe-se ascender, de novo, à chefia do Executivo ministerial, respeitar (?) a Constituição, dialogar institucionalmente com o Presidente da República;

– mas **propõe-se,** também, num consenso de forças políticas mais ou menos alargado (com a decidida exclusão de qualquer contacto com o PCP), **contrariar os princípios e as directrizes constitucionais** (a corrigir mais intensivamente numa segunda «revisão»), designadamente quanto a aspectos de planeamento e colectivismo económicos; e **não aceitar,** «não dar aval» (sic) à «prática de supremacia ou de direcção presidencial da vida política portuguesa» (re-sic).

● Por seu turno, o PS (partido, por definição, de Esquerda, partido «socialista») considera que «a AD deixa um Portugal económica e financeiramente destruído», que a AD e os partidos seus componentes fracassaram redondamente, que os dirigentes «aliancistas» fugiram às responsabilidades, que o país não pode absolver os partidos da AD;

– porém, é só com estes mesmos partidos ou, em especial, com o PSD e com os «parceiros sociais» que a direcção do PS parece admitir, para depois de um desejado e antevisto sucesso ou êxito eleitoral, o entendimento, a cooperação política, o pacto, conducentes a **um hipotético e decantado consenso de solidariedade nacional.** Nesta orientação se pretende encarar a resolução dos **problemas nacionais** e o ataque à crise económica, financeira – e moral – que os dramatiza e potencia, mas marginalizando numa espécie de gueto político o PCP, e, com ele, o MDP, que constituem a força popular integrativa da APU (Aliança Povo Unido) relacionada com a maior organização sindical das massas trabalhadoras.

● E, em particular, quanto ao CDS?

– Este é o que, com o seu metafórico e brilhante líder intelectual, com mais directa franqueza deseja uma nova AD, **uma AD renascida das cinzas** (em que, inclusivamente, permaneça o infinitesimal partido da monarquia popular). E aqui parece não se admitir qualquer pré-intenção de acordo estruturado com o PS, enfim com o que de longe ou de perto cheire a socialismo. E chega-se ao ponto de ambicionar que as eleições, à vista, venham a traduzir-se num novo 25 de Abril contra, afinal o 25 de Abril de 1974...

MAIS expressões – agora mais concretas – do que se pode apresentar como contra-senso:

● O Governo AD (mais do que demissionário porque demitido...) permanece como Executivo para a gestão dos negócios correntes do Estado;

– Mas o facto é que **vai exorbitando desse seu atribuído carácter de simples Governo de gestão.**

● O demitido Governo AD e a Assembleia da República, em vias de ser dissolvida, aprovaram, de harmonia com as condições anunciadas e decididas pelo Presidente da República, o considerado indispensável Orçamento Geral do Estado, OGE **provisório** compreendendo as receitas e limites das despesas globais correspondentes às funções e departamentos dos serviços públicos, e como tal alterável «por lei aprovada pela Assembleia da República, com base em proposta a submeter pelo futuro Governo que resulte das próximas eleições» (**Vide** Lei n.º 2/83 de 18 de Fev., e Decreto-Lei n.º 119-A/83 de 28 de Fev. que desenvolve e põe em execução o OGE provisório para 1983);

– mas, entretanto, **o mesmo Governo continuou e continua a ocupar as cadeiras do Poder e a exercer a sua acção,** já depois de consumada a dissolução da Assembleia e convocadas que foram novas e antecipadas eleições gerais legislativas para o dia 25 de Abril de 1983.

● Entretanto, também – e como manifesta consequência desse Poder continuado – os órgãos-chave dos **mass media** da Comunicação Social, como o são a Imprensa e a TV estatizadas, continuam dirigidas em plena confiança dos partidos da AD, desenvolvendo, como é notório, uma acção de pendor tendencioso, isto é, de desinformação e de formação e conformação da opinião pública, portanto no sentido preferencial que importa ao renascimento da AD ou à reabilitação dos partidos nela comprometidos; ou, quando muito, visando um «consenso» alargado que envolva o PS.

Entretanto, ainda, a pasta ministerial da Administração Interna e a correlativa acção das autoridades administrativas são superiormente conduzidas por quem, ostensiva e combativamente, é candidato a Deputado por um dos partidos da AD.

DOUTORALMENTE surgiu, de início, a tese, emitida das bandas do PS, de que, do ponto de vista jurídico-constitucional, não havia remédio, não seria possível ou factível novo Governo de gestão que não fosse de composição AD, porque só um Governo assim formado **passaria** na Assembleia da República ainda de maioria AD; pelo que, praticamente, se tinha de aceitar que fosse sob o actual Governo de gestão que as próximas eleições sejam preparadas e realizadas.

Mas **dará mesmo para entender um tão rápido e ao mesmo tempo peremptório juízo?**

Então, logicamente, não será certo que as provisões constitucionais, quanto à necessidade de um Programa de Governo e sua apreciação pela AR, se encontram estatuídas e previstas, sim, para o caso normal de um Governo que se forme para durar e não, tão-só, – em face de uma Assembleia dissolvida – para o efeito transitório de gestão cor-

Continuação da pág. 6

Plano Energético Nacional: que opções para o ano 2000?

Nuclear e carvão têm custos finais idênticos

António Mota Redol (*)

A afirmação absoluta de que o nuclear tem menores custos do que o carvão, não é verdadeira para Portugal, afirma o engenheiro António Mota Redol na segunda parte do seu depoimento sobre o PEN. No contexto do endividamente externo do País, a alternativa nuclear é ainda mais desfavorável, pelo que se torna preferível esperar pela clarificação da situação internacional, e que «o País possa sair da difícil situação em que se encontra».

O custo do kW nuclear, ontem apresentado, é o médio de dois reactores construídos no mesmo local, com uma diferença de dois anos. Para um reactor isolado, o sobrecusto seria de 10 a 15 por cento.

Quer dizer, um reactor nuclear de 950 mW custaria, em moeda constante de 1983, cerca de 162 milhões de contos, sem encargos financeiros durante a construção, os quais é costume contabilizar no investimento. Calculando estes encargos, para taxas de juro optimistas, isto é, baixas, em 1984 e anos seguintes, obtém-se um custo total do primeiro grupo nuclear português de cerca de 250 milhões de contos.

Uma central a carvão da mesma potência (3×317mW) custaria cerca de metade.

Chega-se a essa conclusão tomando valores estimados para meados de 1980, com base em custos previsíveis para a central de Sines, agravados do índice de preços internos (23 por cento para 1983), atingindo-se então 89 contos/kW, ou seja, para três grupos da potência referida, cerca de 84 milhões de contos em moeda constante de 1983. Considerando os encargos financeiros durante a construção, o custo final sobe para cerca de 120 milhões de contos em moeda do mesmo ano.

Os encargos financeiros são menores, em percentagem, do que no caso nuclear, pois o período de construção – ou seja, o período de tempo entre o início das primeiras despesas em equipamento e a data de entrada em serviço industrial – é de 6 anos no carvão e de 8 no nuclear, e a entrada dos três grupos faz-se com intervalo de cerca de um ano, e não de uma só vez, como o grupo nuclear, pois os pedidos dos consumos de energia eléctrica em meados da década de 90 assim o permitem.

Cotações dos combustíveis

Interessa notar que os custos por kW estimados para investimentos na central a carvão são cerca de 20 por cento mais elevados do que os estimados pela EDP para a segunda central a carvão com grupos de 300 mW, no seu Plano de Produção e Investimento para 1983. Embora este facto possa parecer favorecer o nuclear, preferimos seguir critérios de cálculo semelhantes nos dois casos.

Considerando custos de tendência de longo prazo para os combustíveis, tomou-se um custo de US $40/lb para o urânio e US $82/t para o carvão colocado na central. Qualquer dos valores é superior ao custo actual no mercado mundial – em especial o primeiro, pois o urânio, que já foi obtido a US $44/lb durante alguns anos, sofreu uma baixa de cotação devido à conjuntura desfavorável que atravessa a sua aquisição – pois considera-se que a situação actual não se manterá e que se dará uma retoma da subida de preço dos dois combustíveis. Tem interesse referir que as cotações do carvão se têm mantido, ou mesmo baixado, no último ano e meio, e que se prevê continuarem em queda até 1984/1985.

Os encargos anuais fixos e variáveis de exploração e conservação foram fixados em 5 por cento dos encargos de combustível para o carvão, e actualizados os valores de 1979 para o nuclear. Não se ignoraram os custos de reprocessamento e de solidificação, e armazenamento final de resíduos, embora se admita que sejam obtidos sem grande consistência, devido à reduzida experiência comercial nestas operações.

O custo de desmantelamento foi de 10 por cento do investimento inicial, admitindo-se a contestação deste número, para quem o considerar estimado por defeito.

Custo final quase indiferente

A primeira carga de combustível nuclear foi avaliada em cerca de 13,5 milhões de contos, e o «stock» de carvão na respectiva central, em 6,1 milhões de contos.

Tomaram-se dois valores para o factor de utilização das duas centrais, sem distinção entre elas: 60 e 70 por cento (mais uma vez se favorece, embora sem grande significado, o nuclear, pois é costume considerar para este um factor um pouco mais baixo do que para o carvão).

Na central a carvão, examinou-se também uma alternativa com equipamento de dessulfuração de fumos, cujo investimento atinge 25 por cento do investimento da central, isto é, 21 milhões de contos.

Neste cenário de preços e para uma taxa de actualização de 10 por cento, obtêm-se os custos de produção do kW/h em moeda constante de 1983, que se indicam no quadro anexo.

Soluções concorrenciais a longo prazo

Estes resultados mostram também, tal como se havia concluído em 1978 no livro «O que é a energia nuclear. Oportunidade em Portugal», e no Livro Branco Sobre Centrais Nucleares, uma certa indiferença de custos dos dois tipos de produção no nosso país.

E pensamos que a longo prazo essa relação manter-se-á, pois sendo concorrenciais as duas vias, os seus preços não devem afastar-se. Os próprios fornecedores de equipamentos e de combustíveis estão interessados nessa aproximação, pois realizaram grandes investimentos e não querem deixar de tirar os seus lucros; o que não conseguirão, se não deixarem inviabilizar economicamente qualquer das alternativas. No caso do carvão, foram abertas muitas novas minas através de vultuosos investimentos, e construídos terminais de carga capazes de receberem barcos de grande tonelagem. Por isso, não é natural que o carvão se inferiorize em relação ao nuclear.

Por outro lado, à medida que grandes empresas de energia se apropriem de ambas as fontes, procurarão que as duas se mantenham em acção.

Isto não quer dizer que situações conjunturais não privilegiem uma ou outra solução.

É o caso da situação actual com a opção nuclear. Os custos do equipamento não têm aumentado tanto como no passado, pois as empresas fornecedoras têm poucas encomendas e querem aumentá-las, oferecendo preços favoráveis. O concentrado de urânio, que chegou a atingir durante alguns anos US$44/1b., anda por níveis da ordem dos US$25/1b. Por isso numa perspectiva de planeamento a prazo, não se pode recorrer aos preços que vigoram actualmente no mercado, porque as conclusões estariam viciadas à partida.

É importante referir ainda que em certos países em que o custo do KWh nuclear se apresentava muito favorável há uns anos em relação ao carvão, os dois custos se têm vindo a aproximar, apesar da conjuntura ser favorável ao nuclear. A indiferença de custos, surge em alguns casos.

Nuclear agrava défice externo

Noutros países, como a França, a situação ainda se mantem favorável, porque enveredou por um programa nuclear intenso, com estandardização de componentes, em que o efeito de série conduz à redução de custos. As centrais a carvão, porém, não estão sujeitas ao mesmo efeito, porque existe um reduzido número de projectos. Os resultados não são, pois, extrapoláveis para outros países.

Nos EUA, a comparação de custos leva a conclusões diferentes, consoante as regiões do país.

A afirmação absoluta de que o nuclear tem menores custos que o carvão é, no mínimo, discutível.

De qualquer modo, é importante deixar claro que existem dificuldades na realização de estudos económicos sérios, e que pequenas alterações na conjuntura económica ou nos projectos, invertem as conclusões. **Normalmente, as diferenças de resultados são inferiores aos erros cometidos na avaliação dos componentes.**

Um outro aspecto que importa referir, é o financeiro.

Como se viu, um grupo nuclear custará em Portugal cerca de 250 milhões de contos. O dispêndio em divisas na aquisição de equipamentos e serviços, seria da ordem dos 125 milhões, numa perspectiva optimista, contra cerca de 25 milhões da central a carvão, embora o dispêndio em divisas fosse muito menor na alternativa nuclear durante a fase de exploração.

Mas a questão é que a médio prazo, na situação difícil de endividamento externo em que o país se encontra a alternativa nuclear é muito mais desfavorável.

Se juntarmos os encargos financeiros resultantes dos empréstimos externos a realizar, a conclusão é ainda mais desfavorável.

Mas tratando-se de um programa nuclear, a situação ainda se agrava mais.

Assim, nos seis primeiros anos após o início da construção na alternativa nuclear, despender-se-ia cerca de 74 milhões de contos em divisas, num programa nuclear intenso, e cerca de 10 milhões de contos no caso do carvão, em moeda constante de 1983, pois o programa a carvão poderia iniciar-se mais tarde, o seu custo de investimento seria menor e maior a participação nacional. Além disso, como vimos, não é necessário entrar com 950 mw a carvão no mesmo ano, pois os consumos só exigem um, e mais tarde, dois grupos de 300 mW por ano. Há portanto um escalonamento mais favorável para o carvão.

Porém, se àqueles valores juntarmos os encargos financeiros, a diferença agrava-se.

Nestas circunstâncias, é preferível esperar um pouco mais, para que a situação internacional na matéria seja mais transparente, e o país possa sair da difícil situação em que se encontra.

Não é coerente cortarem-se investimentos de grande participação de recursos nacionais, para se realizarem outros que agravem a situação.

Continua na pág. 9

Custos de produção do KW/h para as alternativas nuclear e carvão em moeda constante de 1983 (Esc./KWh)

Utilização	Nuclear	Carvão	
		s/ Dessulfuração	c/ Dessulfuração
(%)			
60	6,43	5,60	6,09
70	5,55	5,26	5,68

Verifica-se que a alternativa nuclear só consegue conduzir a um custo final inferior ao da alternativa carvão para uma utilização que se afigura inatingível para Portugal (70 por cento), e desde que exista dessulfuração de fumos na central a carvão.

As diferenças de resultado em comparação com o PEN, derivam não só da correcção introduzida no custo do grupo nuclear, se fabricado num contexto semelhante ao que encarece os grupos a carvão em Portugal face aos outros países europeus, mas também da acentuada desvalorização do escudo, a qual prejudica preferencialmente os investimentos avaliados em moeda estrangeira.

No Porto, em Abril

Ensino universitário em debate

PORTO, – Um seminário sobre «O Ensino Universitário em Portugal», promovido pela Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto; nas suas instalações, em 9 e 10 de Abril próximo, vai reunir professores e responsáveis de quase todas as universidades portuguesas, algumas das quais enviarão delegações de acordo com o programa divulgado em conferência de Imprensa. A direcção da Associação de Estudantes justificou a iniciativa com a sua «oportunidade e necessidade de um debate a nível nacional sobre a nossa realidade universitária» e que à própria Faculdade de Economia do Porto, «interessa particularmente, dados os problemas que temos tido e as condições em que aqui se trabalha».

O Seminário abre às 9 horas do dia 9, sábado, com uma intervenção do presidente da AE, a que se segue o discurso de abertura pelo reitor da UP, prof. Oliveira Ramos, catedrático de História. Durante a manhã, o programa inclui, ainda uma comunicação do prof. Armando Castro, sobre a perspectiva histórica do ensino universitário em Portugal, uma comunicação do prof. Costa Durão sobre as condições de acesso ao Ensino Superior e um debate, moderado pelo dr. António Joaquim Esteves. Na tarde do primeiro dia, com início às 15 horas, haverá um debate com a participação dos profs. Valente de Oliveira, da coordenação da região Norte e Ferreira Real, director do Instituto Universitário de Trás-os-Montes, subordinado ao tema «A integração e cooperação das universidades no desenvolvimento regional». Às 17.30, haverá novo debate, moderado pelo dr. Manuel Porto, da coordenação da Região Centro.

No domingo, dia 10, os trabalhos começam às 10.30 com intervenções a cargo dos profs. Carvalho Guerra e Oliveira Fernandes sobre a cooperação interuniversitária, seguindo-se um debate, às 12 horas, moderado pela dra. Maria do Rosário Bastos. Às 15 horas estará em foco a investigação científica nas Universidades portuguesas, com a participação dos profs. Daniel Serrão, José Augusto Seabra, e João Baptista Machado, a que se seguirá após intervalo, um debate moderado pelo dr. Daniel Bessa.

Quadro do Ensino Especial

Trabalhadores do Centro do Porto exigem promulgação

PORTO, – Os centros de educação especial, integrados no Centro Regional de Segurança Social, criados em 1970, em regime de instalação, esperam há mais de dez anos a aprovação e promulgação do quadro de pessoal do Centro de Educação Especial do Porto, já que o Decreto-Lei n.º 289/80 «determinava um prazo de 180 dias para a apresentação do quadro definitivo e saída da lei orgânica. Contudo e volvidos três anos, os quadros de pessoal ainda não saíram o que «impossibilita a admissão de pessoal indispensável à prossecução das acções em curso e desenvolvimento de novas acções». Assim, os trabalhadores continuam em regime de prestação eventual de serviços, impossibilitados de acesso e progressão das carreiras e categorias a que têm direito, impedidos de transferências, etc.

Reunidos em plenário na passada quarta-feira, aqueles trabalhadores decidiram exigir: «a aprovação e promulgação imediata do quadro de pessoal do CEE do Porto, a entrada automática no quadro de «todos» os trabalhadores em exercício, incluindo os contratados a prazo com funções que correspondem a necessidades permanentes de serviço, a distribuição de todos os trabalhadores nas carreiras e categorias de acordo com as suas funções e o tempo global de serviço e, abertura imediata das negociações com os sindicatos representativos dos trabalhadores». O plenário deliberou ainda, «constituir um grupo de trabalho com elementos representativos das diferentes categorias profissionais e um elemento do sindicato dos professores do Norte e outro da Função Pública», com vista a desenvolver acções que conduzam à concretização daqueles objectivos.

Acções de formação no ensino primário

Uma vez mais o Ministério de Fraústo da Silva decretou e anulou medidas, desta vez relativas aos professores do ensino primário.

A Direcção-Geral do Ensino Básico informara recentemente os professores de que deveriam frequentar acções de «autoformação» nos próximos dias 30 e 31, nas respectivas escolas. Na prática, significava tal medida que depois de terminadas as avaliações dos alunos e quando deveriam entrar de férias, os professores tinham de permanecer nas escolas durante aqueles dois dias.

Face aos muitos protestos que se levantaram em vários pontos do País pelo absurdo da medida – tanto mais que é a Direcção-Geral do Ensino Básico que deve promover essas acções de formação contínua para os professores, o que não faz – o Ministério da Educação achou por bem anular o determinado.

Assim, nas escolas em que as acções estão já programadas, estas foram adiadas para os dias 11 e 12 de Abril, não tendo, portanto, os professores que prolongar as suas actividades pelos dias 30 e 31 de Março.

Em comunicado o SPGL salienta que este acaso demonstra uma vez mais que para o ensino primário apenas existe controlo administrativo sobre as escolas, exercido através das direcções e delegações escolares, mas que não existe gestão pedagógica, «componente fundamental para o bom funcionamento do ensino».

Trabalhadores-estudantes

A lista unitária de esquerda venceu com 288 votos(78,04 por cento) as eleições para Associação de Trabalhadores-Estudantes da Escola Secundária Rodrigues de Freitas no Porto. Ao sufrágio, concorreu uma outra lista, afecta ao PSD, que recolheu 64 votos (17,34 por cento). Participaram 369 eleitores, registando-se 11 votos nulos e seis brancos.

Álvaro Cunhal no Alentejo e no Algarve

"A desproletarização é uma velha e grande demagogia..."

«No princípio, os partidos da AD pediram sacrifícios, dizendo que depois tudo seria melhor, mas o certo é que cada vez se compra menos, apesar do mais que se passou a gnahar» – afirmou, em Loulé o secretário-geral do Partido Comunista, dr. Álvaro Cunhal, que este fim-de-semana se deslocou ao Algarve em pré-campanha eleteitoral. No Alentejo, Álvaro Cunhal esteve em Ourique que nas últimas eleições passou do PSD para a APU e terminou com um comício em Grândola.

«Onde estavam no tempo do fascismo as pessoas que agora dirigem os destinos do PSD e do CDS» – foi uma pergunta que Álvaro Cunhal levou domingo ao Alentejo.

«Para Mário Soares – sublinhou Cunhal – Mota Pinto, Lucas Pires, Adriano Moreira são democratas e o PCP não é um partido democrático. Mas onde estavam essas pessoas no tempo do fascismo?»

Em minicomícios no distrito de Beja, o secretário-geral do PCP foi particularmente duro com a direcção do PS e sobre o voto em 25 de Abril, reafirmou que votar naquele partido não será uma alternativa à AD, mas uma ajuda para recolocar partidos da AD no Governo, pela mão do PS.

Cunhal insistiu na sua explicação de voto últil, dirigindo-se «àqueles que ainda hoje pensam ser necessário votar PS para derrotar a AD».

Outro tema, presente neste fim-de-semana de comícios de esclarecimento de Álvaro Cunhal no Algarve e Alentejo, foi a situação económica do País.

A crise e a crítica às propostas do secretário-geral do PS foram a tónica das suas intervenções, denunciando invariavelmente as elevadas taxas de juro e suas consequências para pequenos e médios comerciantes, industriais e agricultores, a subida dos preços, o aumento do desemprego e a baixa produção nacional.

Lembrando as posições defendidas por Mário Soares, o dirigente do PCP afirmou que elas apontam para a falência de empresas sem capacidade, aumento de preços, recurso a empréstimos externos em condições mais gravosas, venda de ouro, desvalorização do escudo, aumento das taxas de juro.

A propósito do aumento das taxas, já poupado ao PS pelo actual Governo, Cunhal disse que pequenos e médios comerciantes, industriais e agricultores vão ter ainda mais dificuldades nas suas actividades económicas.

Cunhal enunciou algumas medidas que permitem resolver a crise económica. Para o PCP – sublinhou – a recuperação implica dar andamento aos grandes pojectos económicos nacionais, tornar o crédito mais acessível, aumentar os preços aos produtores, sem castigar os consumidores.

Como tónica final e sempre presente nas iniciativas pré-eleitorais do fim-de-semana, Cunhal reafirmou que tais medidas só serão possíveis com a participação do PCP no Governo.

Os comunistas no Governo

A presença dos comunistas no Governo foi exemplificada por Álvaro Cunhal, quando em Monte Gordo visitou o Bairro do Sertão, zona degradada e recuperada pela Câmara APU de Vila Real de Santo António:

«O que fizeram aqui os camaradas da APU, podem os comunistas fazer no País.»

A participação dos comunistas no Governo, disse Álvaro Cunhal, é uma proposta feita ao povo português e não a Reagan ou à CEE pois é ao povo que cabe decidir dos interesses nacionais.

Nesta visita ao Algarve Álvaro Cunhal foi acompanhado por Carlos Brito e Margarida Tengarrinha, os dois primeiros candidatos, pela APU, à Assembleia da República. Participando num comício, no cinema de Faro, o secretário-geral referiu-se à «desproletarização» pretendida por Mota Pinto: «A receita da desproletarização avançada por Mota Pinto é uma velha e grande demagogia. Ele foi recuperá-la ao fascista Jorge de Melo que distribuia uma acção por trabalhador, tentando dar-lhes a ilusão que participavam no capital da CUF».

Lucas Pires "zurze" social-democracia...

"É o género feminino do socialismo"

O CDS aproveitou o último fim-de-semana para mostrar uma vez mais a sua «dor de cotovelo» em relação ao PSD, que se recusa antes das eleições a dizer «sim» ou «não» a um novo enlace matrimonial no quadro da AD. Perante a «nega», mal digerida..., o CDS vinga-se: «Não se vê mesmo como se poderia evitar o socialismo votando no seu género feminino – a social-democracia».

O encerramento do Encontro de candidatos a deputados do CDS, realizado no último fim-de-semana num hotel de Lisboa, foi ocasião para o CDS definir os contornos da sua estratégia eleitoral. Estratégia que passa por uma denúncia dos «perigos» que podem advir da instalação no poder de um «bloco central».

Num discurso assaz polémico, e na linha dos que têm vindo últimamente a fazer, Lucas Pires foi ao ponto de afirmar que «o PS e o PSD representam unidos o ninho e o túmulo do regime».

Para Lucas Pires, «só o CDS é na falta da AD uma verdadeira alternativa ao socialismo (...) e não se vê mesmo como se poderia evitar o socialismo votando no seu género feminino – a social-democracia», diria.

Depois de acusar o PSD de ter trocado de novo «a AD pela social-democracia», Lucas Pires acrescentaria: «Mais grave ainda é que ao abandonar a AD, o PSD dá a ideia de se querer juntar ao PS».

Dois livros já lidos...

Considerando que o «abandono da AD» equivale em termos políticos a «descerem-se vários patamares», a regressar-se à «sopa de pedra» e à «sopa dos pobres», Lucas Pires não poupou os sociais-democratas e, por tabela, os socialistas.

«Votar no PS, no PSD e em dois ex-primeiros-ministros, seria o mesmo que entrar numa biblioteca e pedir dois livros já lidos, talvez já sabidos de cor», diria Lucas Pires antes de acrescentar:

«Se o PCP representa a morte da democracia, o PS e o PSD representam, como tal, a sua estagnação (...) o ninho e o túmulo do regime».

Noutro passo da intervenção que proferiu na sessão de encerramento do Encontro Nacional de candidatos do CDS, Lucas Pires salientou que o CDS não põe «ses». E adiantou: «Mas o PS e o PSD estão tão indecisos quanto à política de alianças que tenho medo que os seus dirigentes se venham a abster nas próximas eleições».

«O vosso país é aqui...»

Continuando a atacar o «bloco central», Lucas Pires caracterizou-o como «a reunião dos aflitos do porão num navio que vai mal», uma solução política que não conseguirá estabelecer o «contrato social» que o País necessita. Neste aspecto, o presidente da Comissão Política do CDS frisou que o PS e o PSD «serão empurrados pelas organizações que dominam para soluções que não controlarão» pelo que «do contrato não haverá nem aparência».

Em matéria de economia, o líder centrista consideraria ainda que o PS e o PSD «podem pregar sobre a liberdade económica, mas estão a mentir (...) pois esão algemados à economia administrativa».

Ainda no aspecto económico, Lucas Pires apontou como uma das metas para «vencer a crise» o papel que o Estado deve assumir em relação às empresas: «temos de as libertar de todas as suas cargas porque já não há nada mais para lhes tirar. É a altura de lhes dar ar, de lhes dizer que o seu País é aqui».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

OFERECE AS MAIS ALTAS TAXAS DE JURO

4% DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 150 CONTOS

23% CONTAS DE COFRE MEALHEIRO

26% DEPÓSITOS A PRAZO DE 181 DIAS A 1 ANO

28% DEPÓSITOS A PRAZO SUPERIOR A 1 ANO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Banco centenário. Um banco moderno.

Lisboa • Porto • Amadora • Amiais de Baixo • Arco de Baúlhe • Aveiro • Avis • Beja • Braga • Bragança • Cacém • Caneças • Castelo Branco • Coimbra Cruz da Légua • Estarreja • Estoril • Évora • Faro • Freamunde • Fundão • Gondomar • Guarda • Lagoa • Laranjeiro • Leça da Palmeira • Leiria • Macedo de Cavaleiros • Maia • Mealhada • Moita • Montalegre • Paços de Brandão • Portalegre • Sacavém • Santarém • Santo António das Areias • S. Pedro de Sintra • Santo Ovídeo • Setúbal • Souto • Valadares • Valpaços • Viana do Castelo • Vila das Aves • Vila Fresca de Azeitão • Vila Real • Viseu

Viana do Castelo • Viana do Castelo • Viana

PS e PSD medem forças

Em 1975 o PSD era o partido largamenteo maioritário em Viana do Castelo, com 50 286 votos, logo seguido do PS com 34 015. Nas eleições seguintes os sociais-democratas baixaram sempre caindo, para os 35 722 votos em 1976, nas autárquicas, últimas eleições em que concorreram separados. O CDS arrancou com 20 312 votos em 1975, teve uma subida de cerca de 5000 votos, nas legislativas de 1976 e depois baixou outro tanto. Entretanto, constituiu-se a AD e as votações misturaram-se sendo bastante difícil saber hoje qual será efectivamente a correlação de forças entre aqueles dois partidos. Quanto ao PS a sua oscilação ao longo de todos estes anos foi relativamente baixa. A APU, partindo de uma votação insignificante é todavia, a única força que registou sempre um crescimento: de 5313 votos em 1975 passou para 14 535 em 1980 ficando muito próximo (cerca de 2500 votos) de eleger o seu primeiro deputado neste distrito.

Este emaranhado de números ilustra bem a expectativa que justifica o distrito de Viana do Castelo com um eleitorado que poderá vir a registar o comportamento mais imprevisto.

Em princípio poder-se-á admitir que o PSD seja, neste momento, o partido maioritário, mas é difícil prever as reacções do eleitorado socialista. Por um lado, há o factor da dinâmica de Vitória que o PS muito inteligentemente está a tentar criar. Mas, por outro lado, surge a realidade concreta dos problemas internos deste partido. O afastamento da sua lista do dr. Oliveira e Silva, uma personalidade forte do distrito poderá não ser bem aceite pelo eleitorado. E em certos meios não o é de facto.

O distrito é ainda predominantemente agrícola, uma agricultura de minifúndio, feita por pessoas que vivem há décadas em permanente crise, entre as geadas e a seca, arruinados pelo baixo preço de venda dos produtos agrícolas. É gente que já não acredita nos governos e nos políticos para a resolução do seus problemas. A questão, para eles, é saber quanto vão pagar de impostos. O resto sabem tudo: «Que ninguém os indemniza dos prejuízos das intempéries, que ninguém os apoia tecnicamente, que não são criadas estruturas de apoio para a garantia de escoamento dos produtos, que continuam entregues à sua sorte, que têm de continuar a olhar para o céu a ver se cai a geada que queima ou o granizo que destrói as uvas». Quem o diz é um dos muitos que envelheceram atrás da enxada e dos bois, que «deu três filhos para o Ultramar» e que depois se foram embora «porque aqui não tinham futuro». Do ponto de vista agrícola, o Minho é a imagem do desencanto e da ausência total de esperança. Indústria é ainda muito reduzida no distrito de Viana do Castelo para que possa alterar de forma visível as condições de vida da população. Restam os emigrantes, que enviam dinheiro e são a dinâmica económica. E no entanto se há distrito com potencialidades, do turismo à indústria, da agricultura à pesca, Viana do Castelo é um deles.

PS – pelo menos manter

Neste quadro de uma certa desmotivação, os partidos de esquerda surgem como um possível factor de mudança e de alternativa, mas é difícil saber-se o eleitorado do distrito vai de facto traduzir essa esperança, ainda mal amadurecida, nos votos necessários.

O PS acredita que pode manter os seus dois deputados e tem mesmo boas perspectivas de eleger um quarto, tendo em conta os resultados das autárquicas.

José Luís Presa, presidente da Federação Distrital do PS, traçou-nos este cenário mas não acredita que possam surgir grandes alterações no distrito.

«As grandes alterações que podem ocorrer serão a troca de um deputado entre o PSD e o PS, sem prejuízo da APU poder eleger um, eventualidade que no entanto considero muito remota».

O CDS sublinha aquele dirigente socialista, «tem a sua base de apoio nas autárquicas onde já dispõe de maioria, que são Ponte de Lima e Monção. É difícil alterar a situação, como é difícil retirar-nos, a nós, as maiorias que temos».

Na opinião de José Luís Presa, os reflexos da acção do Governo e a própria crise não se farão sentir com grande incidência no comportamento do eleitorado em parte porque as pessoas estão pouco informadas, não lêem jornais nem têm por vezes conhecimento do que se passa nos grandes meios.

«Claro que vai haver alterações, mas não tanto como se julga. O voto aqui é estável e depende muito do líder de opinião. Mas até estes neste momento, se encontram confusos. A clarificação de posições nos partidos da AD, vai dificultar a acção de muitos dos seus elementos. Muitos nem sabem bem a que partido estavam ligados. Agora vão ter dificuldade em optar. Isso pode provocar abstenção. Aí é que a APU poderá ter algum benefício.»

Prudente, José Luís Presa não arrisca grandes apostas eleitorais e reafirma que o melhor resultado que oPS pode ter será eleger mais um deputado.

Diz-nos que o PS está de boa saúde no distrito e que as suas listas abrangem a quase totalidade dos concelhos do distrito que reflectem em termos globais.

«Isso obedeceu a uma estratégia definida a nível da federação. As listas são constituídas por candidatos todos eles com responsabilidades nas autarquias, o que me faz crer que possa haver uma polarização de votos no PS.

Falamos-lhe de Oliveira e Silva mas o dirigente socialista não adianta qualquer opinião a não ser que ele fazia parte das listas mas depois «teve que solidarizar-se com os restantes elementos do ex-Secretariado.»

APU — possibilidades acrescidas

Entre outros factores, a circunstância dos partidos da AD se apresentarem separados, pode aumentar as possibilidades da APU eleger finalmente o seu primeiro deputado por Viana do Castelo.

Henrique de Sousa, responsável distrital e segundo elemento da lista, afirma que a APU está hoje em melhores condições do que estava em 1978 para eleger um deputado.

«É claro que no dia 26 de Abril veremos o resultado, mas tanto quanto nos é possível analisar a situação existente acreditamos que partimos em condições mais favoráveis. A primeira condição é que do ponto de vista de votos, com o resultado das autarquicas de Dezembro, e se considerássemos a divisão dos partidos da AD e a proporcionalidade dos votos entre o PSD e o CDS que deriva das eleições anteriores em que concorreram separados, ficamos a 92 ou 93 votos da eleição de um deputado. Isto parece-me tanto mais verdadeiro quanto é certo que o PS atingiu aqui a sua maior votação de sempre. Parece-nos difícil que possa ultrapassar a votação que atingiu em Dezembro e em que beneficiou de uma certa pressão do voto útil contra a direita».

O candidato da APU considera, por outro lado, que a questão do voto útil no PS está bastante mudada por duas razões principais: «Uma é o desmascaramento crescente nos sectores democráticos e socialistas da política de direita prosseguida pela direcção do PS e por Mário Soares, e que é visível designadamente na proposta que agora apresentou em que pretende fazer o diagnóstico para a crise e adoptar exactamente as receitas que no fundamental são as da AD. Em segundo lugar, creio que a saída de elementos do ex-Secretariado das listas do PS pôs bastante mais a nú o próprio carácter da política de direita da direcção do PS».

Henrique de Sousa considera que este facto pode beneficiar a APU e refere que no âmbito da pré-campanha a APU tem recebido os testemunhos de socialistas e independentes desiludidos com a evolução que as listas do PS tiveram e manifestando um grande receio quanto «à viragem à direita do PS».

Viana do Castelo é o único distrito do País onde a APU subiu sempre de eleição para eleição. Mesmo quando esta coligação, em 1980, teve uma baixa generalizada.

O dirigente da APU não vê para isso razões de natureza regional que se contraponham às razões nacionais e às propostas políticas que a APU tem apresentado ao eleitorado.

«Há dois aspectos a ter em conta. Um deles é que a APU, e o PCP têm no concelho de Viana do Castelo uma força política e social muito grande. que derivam de uma tradição de luta que vem já do tempo do fascismo. Existia aqui um núcleo muito forte anterior ao 25 de Abril. Este concelho tem uma forte componente operária, avançada, progressista, nos estaleiros navais e na Portucel, que são empresas nacionalizadas. Dos 14 mil votos da APU, 9 mil estão aqui no concelho de Viana do Castelo.

PSD — continuar maioritário

O PSD encontra-se numa fase de grande actividade, mobilizando todas as bases do distrito para a sua campanha.

O dr. Vítor Loureiro, presidente da sua Comissão Política Distrital, revela-nos que o objectivo é em primeiro lugar, conservar a

Augusto Vilela

Continua na pág. 22

VELHARIAS

Visite de 27 de Março a 3 de Abril/83 das 17 às 24 horas nos dias úteis das 15 às 24 horas no fim-de-semana

o 4.º Salão de Velharias

No Hotel Ritz (R. Rodrigo da Fonseca, 88 R. Castilho, 77 Lisboa)

UMA VIAGEM FANTÁSTICA AO MARAVILHOSO MUNDO DA ANTIGUIDADE.

«Não dá para entender»

Continuação da pág. 3

rente e de preparação, em breve prazo, de antecipadas eleições gerais?

Como admitir que um Executivo deste tipo e com estas restritas funções, esteja ainda sujeito a ter de elaborar e estruturar um Programa de Governo para submeter à discussão e ao veredicto de uma Assembleia já dissolvida, já fora do exercício das suas atribuições normais?

● Na realidade, **não dá, não, para entender** que o Chefe do Estado, que o Presidente da República (eleito directamente pelo corpo eleitoral, para ser o supremo magistrado da Nação) não esteja revestido dos poderes expeditos e suficientes para, demitido como se encontra o actual Governo – e ouvidos rapidamente as instâncias competentes –, entregar o Executivo a um **novo Governo de gestão** chefiado por uma figura idónea e imparcial, por exemplo um alto conselheiro magistrado do Poder Judicial; e no qual Governo necessariamente tivessem de entrar representantes qualificados das forças políticas concorrentes ao acto eleitoral. Um Executivo, enfim, oferecendo as melhores condições de corresponder à missão e ao destino principais de assegurar, garantir que o sufrágio em preparação constitua, insofismavelmente e em toda a extensão, uma verdadeiro **teste** de auscultação da vontade expressa do eleitorado representativo do país, da Nação. **Garantia** a traduzir, desde logo, pela colocação dos órgãos de Comunicação Social do Estado em termos de uma clara isenção, objectividade e democraticidade.

JÁ agora mais alguns tópicos do que, na presente conjuntura, parece não dar para entender:

● Durante mais de quarenta anos ouvimos, obsediantemente, as objurgatórias de um anticomunismo, tão primário como selvagem – o que sempre foi específico do fascismo campeante –; de um cruzadismo de segregação e perseguição anticomunista, para além de toda e qualquer respeitável divergência filosófica ou ideológica, e para além da dissensão metodológica; e contra isso, contra tal primarismo se forjou uma certa unidade democrática de resistência antifascista;

– mas, hoje, personagens de forças ditas democráticas tendem a definir-se e a arvorar-se (quem o diria...) em **legítimos legatários daquela tradição de ódio e marginalização.**

Portugal é um país politicamente independente, como tão impresivamente se registou no 25 de Abril de 1974;

– mas, nestes dias, parece pretender-se que a sua política geral e a sua política socioeconómica têm de ser ajustadas, pura e simplesmente; **ao condicionamento e às limitações impostas pelos interesses capitalistas do chamado «mundo ocidental», inclusivamente do ponto de vista da mobilização das energias e recursos nacionais, visando debelar o atraso e promover o desenvolvimento económico. (Onde fica o patriotismo dos que se subordinam àquele critério?)**

● O regime do chamado Estado Novo salazarista, pelas suas características repressivas e demagógicas (e que se seguiu ao heteróclito, mas já violento e autoritário, período de ditadura militar saído do 28 de Maio de 1926), foi sem sombra de dúvida, um regime classificável e inserível como **espécie** no **género,** no quadro global fascista que avassalou grande parte da Europa até à vitória final das Nações Unidas em Maio de 1945; regime que, depois, conseguiu perdurar em Portugal mercê das contradições da política mundial e, especialmente, do clima de guerra fria em face da URSS;

– mas vêm agora alguns cândidos, eruditos, e «moderados» espíritos afirmar **que em Portugal, afinal nunca houve propriamente fascismo...** (com o que são iludidos e mistificados muitos jovens).

● Alguns elementos hoje a pontificar e a dar cartas, inclusive em partidos ou formações apresentadas como democráticas, estiveram clara ou indirectamente comprometidos com o «antigamente» salazarista, com o passado de modalidade fascista;

– mas já estão a procurar dar lições e **afirmando-se como lídimos campeões da Democracia** (até ver...) posto que esta se transfigure num sentido anticomunista e, em última análise, anti-socialista.

● Os agentes e responsáveis, da repressão e da perseguição policial de outros tempos, passado o susto inicial, levantaram a cabeça e chegam por vezes, com desfaçatez e impantes, a emitir **ameaças de recuperação e desforra;**

– **mas o rigor da segurança e da justiça, nem sempre dentro do equilíbrio necessário, é especialmente dirigido para a apelidada «desestabilização» de Esquerda, seja esta ou não de carácter aventureiro ou esquerdista.**

● O MFA, se bem que na linha das tradições da resistência portuguesa a toda a espécie de fascismo, foi o movimento ou pronunciamento militar que decidiu, exemplarmente, do derrube definitivo do regime colonialista e reaccionário que deu expressão história ao fascismo salazarista;

– mas agora **vai-se procurando desvalorizar e apagar a homenagem e a consideração que hão-de ser sempre devidas àquela decisão e àquele arriscar dos militares do 25 de Abril.**

Em nome de quê? Em nome do «civilismo»? Com base no pretexto de obviar a alguns erros ou desbordamentos do pós-25 de Abril, ocasionados uns e outros pelo atraso estrutural do país, pela provocação reaccionária ou pela impreparação das massas populares da Revolução?

Em certa medida bem se compreende, na verdade, que se lembre e saliente **ser preciso evitar** a repetição dos mesmos erros ou excessos (e também de algumas fraquezas). Mas sê-lo-á, em boa lógica e em boa justiça, com o sentido do restauracionismo e da ingratidão pelo esforço do Movimento das Forças Armadas?

ENFIM, em tudo o que ficou exposto e no que, porventura, não nos ocorreu explicitar, se insere e se procurou pôr em destaque um estranho circunstancialismo que, verdadeiramente, parece não dar para entender. Pois **não dá para entender** em termos de perfeita lógica e de eticidade política, como o eram os de autênticos mestres do pensamento que nos iluminaram a mocidade: Raul Proença, António Sérgio, Azevedo Gomes, Bento de Jesus Caraça...

Entretanto, porém, mesmo apesar da não transparência e da não coerência de atitudes, apesar da não limpidez e da incoordenação de procedimentos políticos, e apesar de uma situação de desigualdade que, **a subsistir,** leva ao favorecimento e promove a vantagem das forças de Direita, esperemos e ambicionemos que os resultados das próximas eleições, a realizar de aqui a um mês, confirmem a desafeição popular por essas forças e se traduzam no seu claro e decisivo recuo.

E esperemos e ambicionemos **que as forças de Esquerda, todas as forças de Esquerda, assumam, consequente e finalmente, a plena consciência dos seus deveres na retomada da alternativa democrática genuinamente fiel ao 25 de Abril e aos valores essenciais da Constituição de Abril.**

A S Z

Um português, um alemão e um marroquino

Mau tempo faz três mortos no mar

O mar fez das suas este fim-de-semana: provocou dois encalhes, à entrada da barra de Aveiro e na Praia Grande, e «engoliu» um praticante de «windsurf» alemão, de nome Willand Demant, na zona de Cascais.

DOS três mortos que fez este fim-de-semana, apenas um era pescador: o arrais do «Narjis II», arrastão costeiro inscrito no porto de Aveiro, chamado José Oliveira, de 53 anos, desta cidade. O outro morto, cujo corpo ainda não apareceu, chamava-se Moahmed Hassan, de nacionalidade marroquina. Viajava no «Narjis II» desde Mazagão, na costa marroquina, de onde procedia o arrastão de trinta metros, propriedade dos armadores «Pascoal & Filhos». Vinha a Aveiro tratar de assuntos relativos à empresa marroquina em que trabalhava.

O «Narjis II» transportava um importante carregamento de pescado ao abrigo do acordo de pesca luso-marroquina (sociedade mista), quando foi apanhado pelo temporal que assolou com particular violência aquela área do extremo Norte da região do Centro, junto ao mar. De súbito, partiu-se o veio do balanceiro da máquina principal – explicaram alguns dos doze pescadores que conseguiram chegar a terra nas duas baleeiras operacionais –, ficando o barco à deriva com a maré em vazante e o mar muito picado. Depressa, também, o «Narjis II» atingiu um grau de inclinação perigosa.

Foi então que doze dos tripulantes recolheram aos salva-vidas, chegando à Gafanha e à Costa Nova em duas baleeiras. No barco tinham ficado José Oliveira, o mestre do «Narjis II», de 53 anos, e o cidadão marroquino Moahamed, de 24 anos, por se ter rebentado a amarra de uma terceira baleeira. Com o arrais, o último a partir, quedou-se o marroquino, um tripulante de última hora. Ambos viriam a ser devorados pelo temporal. O corpo do marroquino ainda não tinha aparecido esta manhã, apurou o «DL» junto da capitania do porto de Aveiro. O de José Oliveira deu ontem à tarde à costa, na região da Cambeira, Gafanha da Nazaré.

Barco perdido

Os doze tripulantes salvos só chegaram a terra três horas depois de deixarem o «Narjis II». Essa dificuldade atrasou, também, as operações de salvamento, para além do próprio estado do tempo.

Os rebocadores «Foz do Vouga» e «Veever», o navio-patrulha «Cuanza» e o arrastão «Elisa» chegaram a aproximar-se do «Narjis» no momento em que os náufragos chegavam a terra, mas não puderam abeirar-se suficientemente para recolherem os dois retidos. O certo é que, face à impossibilidade de apoio, foi chamado um helicóptero da Base do Montijo, ocasionalmente em S. Jacinto, que quando sobrevoou o arrastão não viu ninguém a bordo. José Oliveira e Moahamed Hassan já tinham sido tragados pelas ondas encapeladas.

O «Narjis II» encalhou sábado à entrada do porto de Aveiro, sendo ouvido ao fim da tarde o primeiro rádio apelando a socorro. O alarme do encalhe foi dado pelo filho do arrais, após ter ouvido três toques de socorro lançados do arrastão. Já a noite ia adiantada (seriam 21 h. 30) quando um «very light» lançado da embarcação advertia para o risco em que se encontravam os dois tripulantes a bordo. Meia hora depois chegavam à Costa Nova e Gafanha os doze tripulantes salvos. Após isto, um helicóptero da Base do Montijo sobrevoou o local: ninguém estava a bordo, ao que parece. Começaram então as buscas, até de madrugada, no mar.

As operações de busca, agora do corpo do marroquino desaparecido, continuaram esta manhã. Dos doze tripulantes salvos, apenas um (Vítor Hugo Ferreirinha) recolheu ao Hospital de Aveiro, sem gravidade. Os outros são: Aires de Carvalho, Manuel Barbosa, Manuel Pinto, Hélder Glória, José António Matos, João Ferraz, Fernando Rato e Augusto Ferreira.

O «Narjis II» era um barco de pesca de trinta metros, no valor de cem mil contos, ao serviço de uma sociedade mista luso-marroquina. Foi considerado perdido, por estar a ser destruído pela rebentação. O seu encalhe em plena barra de Aveiro veio tornar ainda mais difícil o acesso ao porto. Aliás, a barra, quando está mau tempo – como nos últimos dias – é impraticável.

«Angra» abandonado na Praia Grande

Encalhou o «Narjis II», com as consequências já relatadas, no porto de Aveiro; encalhou, na Praia Grande, perto de Sintra, o «Angra», com 14 tripulantes a bordo, segundo o correspondente do «DL» em Colares.

Aqui, felizmente, todos os tripulantes chegaram com vida a terra, salvos pelos Bombeiros Voluntários de Colares e de Almoçageme. O navio, esse foi abandonado no local.

O comandante e um dos tripulantes do «Angra», barco de nacionalidade portuguesa, mas com pavilhão (bandeira) panamiano, ainda caíram à água, mas foram facilmente daí retirados pelos bombeiros. Ambos foram conduzidos ao Hospital de Sintra, «mas livres de perigo».

Entretanto, como o sinistro se verificou ao princípio da madrugada de ontem, durante o dia houve como que uma romaria de curiosos até à Praia Grande, para verem como se encontrava o barco, a poucos metros da terra.

Alemão morre a fazer «windsurf»

Willandt Demant, um alemão de 40 anos que gostava de Portugal e se recolhia, normalmente, a Cascais, morreu no sábado à tarde a praticar o seu desporto preferido: «windsurf». O seu desaparecimento foi anteontem comunicado por um familiar, e confirmado, entretanto, pela Capitania do Porto de Lisboa.

Ainda no sábado à tarde, quatro praticantes da mesma variante desportiva, no mar, foram salvos pelas autoridades marítimas e pelos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos.

THE BRITISH COUNCIL
INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA

Inscrições para as aulas a iniciar a 5 de Abril de 1983

Curso Geral de língua Inglesa
Níveis: Elementar, Intermédio e Avançado

Testes de avaliação para novos alunos a partir de 28 de Março. (excepto de 31 de Março a 4 de Abril)

Horário das aulas: das 8.30 às 22 horas, sem interrupção

Cursos especializados
English for Doctors
English for Business

Horário da secretaria:
das 9.30 às 12.00, das 15.00 às 18.00 horas

As propinas deverão ser pagas somente por cheque (conta própria ou adquiridos na C.G.D.)

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUÍS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal) 1294 Lisboa Codex
Telefs: 36 92 08 - 36 92 09 - 32 01 73 - 32 87 50

Plano

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CAIXA GERAL DE APOSENTAÇÕES (C.G.A.)

MONTEPIO DOS SERVIDORES DO ESTADO (M.S.E.)
R. Castilho, n.º 233-A — Apartado 2204 1106 LISBOA CODEX

AVISO
AOS PENSIONISTAS

PROVA PERIÓDICA DE VIDA

1 — Avisam-se os aposentados e reformados da C.G.A. e os beneficiários de pensões de sobrevivência abonados pelo M.S.E. (incluindo os oriundos das ex-colónias) que no mês de MARÇO de cada ano deverão efectuar nas dependências da Caixa Geral de Depósitos onde recebem a pensão a PROVA ANUAL DE VIDA, a qual poderá ser efectuada pela comparência dos próprios que exibirão o respectivo Bilhete de Identidade.

2 — Aqueles que se encontrem impossibilitados de se deslocar podem cumprir esta formalidade através de outra pessoa que entregará nas mesmas dependências declarações ou atestados de vida passados pelas autarquias locais — Juntas de Freguesia ou Câmaras Municipais — ou, ainda, pelos Consulados de Portugal, no caso de residirem no estrangeiro.

3 — A prova de vida dos menores de 18 anos de idade (pensionistas do M.S.E.) não carece de comparência dos próprios, pelo que o respectivo representante legal (que lhe recebe a pensão) poderá exibir as competentes cédulas pessoais ou os Bilhetes de Identidade, se já os possuírem.

IMPORTANTE

Tanto os pensionistas da C.G.A. como os do M.S.E. devem também fazer-se acompanhar do CARTÃO IDENTIFICADOR DO NÚMERO FISCAL DE CONTRIBUINTE ou, no caso de ainda o não possuírem, da ficha de inscrição fiscal (com o número provisório), com vista a obstar à interrupção do pagamento da respectiva pensão.

de ontem para hoje

Amarante: explosão destrói oficina de pirotecnia

UMA violenta explosão, que foi sentida a três quilómetros de distância, destruiu ontem uma oficina de pirotecnia na freguesia de Fregim, Amarante, não tendo causado vítimas. Sete operários que trabalhavam na oficina, propriedade de Alberto Fernandes, tiveram tempo de fugir quando se aperceberam do foco de incêndio que desencadeou a deflagração. O fogo que esteve na origem do desastre destruiu completamente a oficina e uma carrinha que no local carregava 150 dúzias de foguetes. Os prejuízos elevam-se a milhares de contos, havendo a registar muitas vidraças partidas em casas situadas num raio de três quilómetros em volta de Fregim.

Aniversário da Polícia de Intervenção

Com a presença do ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, e do comandante-geral da corporação, brigadeiro Almeida Bruno, o Corpo de Intervenção da PSP comemorou ontem o sétimo aniversário da sua fundação. As cerimónias tiveram lugar na Quinta das Águas Livres, nas proximidades de Belas, onde se encontra instalado o quartel do Grupo de Operações Especiais (GOE). Depois do comandante da unidade tenente-coronel Manuel Monge, ter feito uma breve alocução, foi lido o Código de Honra da Unidade a cumprir pelos elementos que integram a Polícia de Intervenção: «ter orgulho em pertencer à PSP e ao Corpo de Intervenção: ter sólida formação moral; ter respeito absoluto pela hierarquia e disciplina; ser calmo e possuidor de sangue frio; ser, no aspecto político, rigorosamente apartidário».

Morto ao «separar» irmãos

Ao pretender separar dois irmãos que brigavam, em Oldrões, Penafiel, António Lourenço Ferreira acabou por ser atingido mortalmente por disparos efectuados por um deles, Manuel Pereira, que já se encontra detido na cadeia de Custóias. O homicida feriu ainda a mãe, Belmira Fernando Pinto, e o irmão com quem lutava, José Pereira, os quais recolheram em estado grave ao Hospital de S. João, no Porto.

Piropo gera confronto a tiro

Dois jovens fizeram uma «espera» a um casal, no lugar de Boucinha (Fafe), procurando vingar-se da mulher, Maria Alice Magalhães, que dias antes esbofeteara um seu companheiro que lhe dirigira palavras consideradas ofensivas para a sua dignidade. O marido de Maria Alice reagiu atingindo um dos atacantes, José Araújo, com um tiro de pistola no braço direito. Como resposta, José Araújo disparou sobre o seu opositor, Andrade Castro, ferindo-o numa perna com um disparo de caçadeira. As duas armas foram apreendidas pela GNR.

Tentou violar octogenária

Acusado de ter tentado violar uma octagenária, a quem ameaçou de morte, foi detido pela GNR e presente no Tribunal deViana do Castelo, o cadastrado David da Lucrécia. A tentativa de violação e as ameaças de morte aconteceram no lugar de Forjães, tendo a detenção ocorrido em Barroselas.

Homenagem a Antunes da Silva

O prosador e poeta alentejano Antunes da Silva (foto), nosso prezado colaborador, irá ser homenageado amanhã, à noite, a partir das 20 e 30, durante um jantar-convívio promovido na Casa do Alentejo pelo MDP/CDE, partido de que é militante. São convidados de honra: José Manuel Tengarrinha, José Saramago, Fernado Piteira Santos, Helena Cidade Moura, David Mourão Ferreira, Luzia Maria Martins, Manuel de Azevedo, Manuel Iglésias, Urbano Tavares Rodrigues e Vitorino. As inscrições poderão ainda ser feitas pelos telefones 740647, 680809 e 369231.

Desordem no Parque Mayer

Duas retornadas de Angola, Rosa Filipe, de 25 anos, e Maria Ribeiro, de 29, envolveram-se em desordem com uma outra ciente no Bar Galo, è entrada do Parque Mayer. A visada chamou um agente da PSP e este, ao tentar acalmar Rosa e Maria acabou por ser agredido na cara, acabando ainda por ficar com a farda e o relógio de pulso danificados, segundo refere o auto de notícia. As duas mulheres recolheram aos calabouços do Governo Civil.

Cinco barcos portugueses ainda retidos no Cabo

Arrastão apresado na África do Sul adquirido por empresa de Aveiro

O arrastão português «Ilha de S. Nicolau» – que juntamente com outras cinco unidades do mesmo tipo se encontra imobilizado na Cidade do Cabo desde 1982, à ordem dos tribunais sul-africanos, por dívidas contraídas pelos seus armadores no valor de 140 mil contos – foi comprado pela firma aveirense «Frimundo».

Os representantes da empresa, Sebastião Oliveira e Eduardo Maia, que se deslocaram à África do Sul, afirmaram que a «Frimundo» está interessada em adquirir mais dois arrastões do lote (quatro pertencentes à ex-SNAPA e dois à Companhia Portuguesa de Pesca – CCP).

A «Frimundo», que tem um entreposto frigorífico em Aveiro, trabalha na transformação, congelação de peixe e outros produtos e, após a aquisição do «Ilha de S. Nicolau» passará a dedicar-se à captura do pescado no Atlântico Sul, a partir de Maio próximo.

Dois mortos num naufrágio

Devido ao mau tempo, dois tripulantes de um arrastão registado em Aveiro, que regressavam de Marrocos, morreram afogados ao largo daquele porto, na tarde de sábado. As vítimas são o mestre do barco, José Oliveira, 52 anos, e um jovem marroquino de 24 anos, de apelido Mohamed. Os outros doze tripulantes conseguiram salvar-se. O arrastão ainda se encontra fundeado no local, elevando-se os prejuízos a cerca de cem mil contos.

Com a presença do Presidente da República

Inaugurado o novo quartel dos Bombeiros de Loures

O novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Loures, que começara a ser construído em Abril de 1976, com o apoio da edilidade local, foi ontem, inaugurado numa cerimónia presidida pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes. Presentes outras individualidades, com destaque para o presidente da Câmara, Severiano Falcão, o governador militar de Lisboa, general Artur Beirão, o secretário de Estado da Administração Local e Regional; em representação do ministro da Administração Interna, o presidente do Serviço Nacional de Bombeiros, padre Vítor Melícias, e representantes de diversas corporações de bombeiros da região de Lisboa e de Loures.

O quartel, cujas obras orçaram em cerca de 50 mil contos e que inclui um amplo pavilhão gimnodesportivo, que baptizado com o nome de António Martinho Pais, presidente da Associação Humanitária dos Voluntários de Loures, foi visitado demoradamente pelo general Ramalho Eanes que se fazia acompanhar de sua mulher.

O presidente da República assistiu depois de uma tribuna, onde se encontravam todas as individualidades convidadas, ao desfile de mais de mil bombeiros e viaturas pertencentes às coorporações presentes.

Estatutos aprovados por aclamação

Investigadores da Judiciária já têm Associação Sindical

Uma assembleia constituinte, que reuniu ontem em Lisboa 36 por cento do total dos cerca de 900 funcionários de investigação criminal da Polícia Judiciária (inspectores, subinspectores, agentes e agentes-motoristas) aprovou por 320 votos a favor, um branco, e nenhum voto contra a criação da Associação Sindical do Pessoal de Investigação Criminal daquela corporação.

Estiveram presentes 327 funcionários das três regiões de actuação da Polícia Judiciária: Porto, Coimbra e Lisboa, abrangendo esta os Açores e a Madeira. Na reunião foram aprovados por unanimidade e aclamação os estatutos da associação. Na especialidade foram aprovados por maioria.

Com o estatuto de observador esteve presente uma representação da Comissão Promotora da Associação Sindical dos Profissionais da PSP, que através de um comunicado manifestou o seu apoio à criação da primeira estrutura sindical da PJ.

Por seu lado os trabalhadores da PJ presentes aprovaram por unanimidade um voto de solidariedade para com a futura Associação Sindical da PSP.

"Metro": novas carruagens

O «Metro» recebeu hoje a primeira motora com curvas laterais fabricada pela «Sorefame», e terá amanhã uma outra ao seu dispor. Estas duas novas motoras constituem a primeira unidade dupla de uma série de 56 novos veículos, de valor global de três mil contos.

Estas carruagens, de tecnologia bastante evançada (como a do «Metro» de Paris), diferem das actuais no aspecto exterior: caixa totalmente de aço inoxidável, com frente em «poliester» e ventiladores no tejadilho.

Os 56 novos veículos serão fornecidos à média de cinco unidades por mês.

Bispo inaugurou comemorações da conquista de Faro

O bispo do Algarve, D. Ernesto Gonçalves Costa, presidiu no sábado à concelebração eucarística que deu início ao programa das comemorações dos 734 anos da tomada de Faro aos mouros, por D. Afonso III.

NA homília que proferiu, na Sé Catedral, D. Ernesto referiu-se ao passado histórico de «Santa Maria de Ossonuba» antes e depois da conquista aos mouros, em 1249, que integrou o «reino dos Algarves na pátria portuguesa».

Recordando esse acontecimento, lembrou que «apesar da cidade ter passado por várias vissicitudes, sob os domínios de romanos, visigodos e árabes, nunca se deixou dominar e influenciar por ideias do exterior. Houve sempre um fio condutor que deu unidade e coesão aos habitantes de Faro, embora influências estranhas alterassem o «modus vivendi» do núcleo», frisou.

Referindo-se ao presente, D. Ernesto Gonçalves sublinhou ser «necessário em momentos de apreensão de confronto interno, de confusão política, económica e cultural, ir buscar a coragem, a fortaleza, a verticalidade e a honestidade para continuar o passado dos que não fugiam nem sabiam recuar diante dos obstáculos», frisou o bispo do Algarve.

Referindo-se a problemas sociais, D. Ernesto Costa sublinhou que tanto ontem como hoje, há imensos problemas para resolver. Apontou nomeadamente os sectores da educação, saúde, trabalho, habitação e assistência social e religiosa.

Na sua exposição, o bispo do Algarve fez notar que a solução de tais problemas passa por uma conjunção de esforços, um consenso das pessoas para que possam ultrapassar o individualismo, egoísmo e o partidarismo, sacrificando-se pelo bem comum.

Nuclear e carvão têm custos finais idênticos

Continuação da pág. 4

Por outro lado, recorde-se que o activo da EDP em equipamento em exploração em 1983, é de cerca de 330 milhões de contos, para várias dezenas de centrais hidroeléctricas e seis centrais termoeléctricas. Repare-se no enorme peso que tem um só grupo nuclear face a este valor.

Por isso, seria de esperar acrescidas dificuldades financeiras para a EDP. Se para esta empresa tem havido nos últimos anos dificuldades de crédito, devido à fixação de um «plafond», quanto não se agravaria a situação, se o Governo viesse a impor um programa nuclear?

Tem lógica, pretender fazer cortes nos investimentos da EDP e por outro lado, impor-lhe tal alternativa?

Nestes dois artigos, escamoteiram-se, ou apenas se referiram, aspectos imortantes da problemática nuclear, como por exemplo, a participação da indústria nacional e os relativos à segurança e meio ambiente, e a situação mundial da energia nuclear. Esperemos que o debate se alargue.

(1) Engenheiro, técnico de planeamento energético (Subtítulos da responsabilidade da Redacção)

Até ao próximo domingo em Gouveia

Presença de judeus em Portugal é tema de debate

O estreitamento dos laços de amizade e de cooperação entre Portugal e Israel foi defendido pelo embaixador deste país em Lisboa no decorrer da sessão de abertura do colóquio sobre a História dos Judeus, promovida em Gouveia pela Associação de Amizade Portugal-Israel (AAPI).

Na sua alocução, Halevy Milman referiu-se aos laços históricos comuns que unem os dois países. «Mais do que em qualquer país do Mercado Comum, Portugal tem uma simpatia especial pelo povo israelita e por Israel, e uma cultura comum que os une» – expressou.

Sobre a situação no Médio Oriente, o embaixador hebreu afirmou que «Israel, depois de 35 anos em que teve de disputar cinco guerras, tem o direito à paz».

Manifestou-se optimista quanto à assinatura de um tratado de paz com o Líbano e referiu o convite de Israel ao rei Hussein da Jordânia para que assine um acordo de paz com o Estado judaico.

Por outro lado, exemplificou com o acordo estabelecido com o Egipto «o maior país árabe», como uma prova de que «nesta região do Médio Oriente é possível alcançar a paz».

Halevy Milman referiu-se, depois, ao facto de em Israel se falar ainda ladino (mistura linguística entre português, espanhol e hebraico), como sendo um laço cultural que une os dois povos.

O encontro sobre a História dos Judeus na Beira Serra, que se prolonga até domingo, tem a participação de elementos das Universidades Livre e Clássica do Porto e das Universidades de Coimbra e Lisboa.

As comunicações referem-se, principalmente, à presença dos judeus em Gouveia, e, de uma forma geral, em todo o País, com debate para assuntos sobre a sua influência na vida portuguesa.

Baquero Moreno, Cadafaz de Matos, Sam Levy, Manuel Rodrigues, José Marques, José Crespo e Adriano Vasco Rodrigues são alguns dos inscritos com comunicações neste colóquio.

A iniciativa é complementada com a exibição de filmes sobre tecnologia israelita, música, agricultura extensiva e energia solar.

O colóquio tem o apoio da Câmara Municipal de Gouveia, da Embaixada de Israel e do Instituto Central de Relações Culturais Israel-Ibero-Americana, Espanha e Portugal, de Jerusalém (Israel).

Com a presença do psicanalista Norberto Keppe

Congresso de Trilogia Analítica encerrou no Buçaco

O psicanalista alemão Norberto Keppe, que formulou a trilogia analítica como ciência, encerrou ontem, no «Palace» do Buçaco, o primeiro congresso internacional dos seguidores do seu método de cura. Keppe explanou, para 150 congressistas de vários países, a tese de que a trilogia analítica deve englobar uma visão real da ciência, da filosofia e da teologia.

Esta unificação passou a constituir, segundo afirmou, «um instrumento de trabalho altamente eficaz para o desenvolvimento de todos os campos da cultura humana».

Além da sua intervenção de fundo, Keppe orientou sessões públicas de terapia de grupo. Nessas sessões ou «workshops» – dizemos a «pacientes escolhidos por nós, a crua realidade do que pensamos a seu respeito» – explicou à ANOP a psicóloga Teresa Cristina. «Essas pessoas, desde que a verdade lhes seja dita com afecto, mostram enorme transformação, porque entram em contacto com a vida e assumem consciência dos erros que contra ela andam praticando» – acrescentou a congressista brasileira.

«A cura pela consciência – teomania e 'stress'» foi um dos principais temas debatidos no congresso, após intervenção de fundo da médica Cláudia Pacheco.

Noutra sessão, debateu-se uma nova abordagem na comunicação infantil audio-visual «através da confiança que se inspira à criança quando não se sonega a verdade e a realidade».

Os problemas dos toxicómanos foram também abordados, concluindo-se que quem busca a droga o faz como fuga a uma realidade que recusa, «na ânsia de se tornarem deuses criadores dos seus mundos». Segundo o programa do Congresso Internacional de Trilogia Analítica, propõe-se, para o terceiro milénio, «a era da consciência, à base da psicanálise integral».

Este congresso foi promovido pela Sociedade Internacional de Trilogia Analítica, sediada no Brasil, que em 1984 levará a efeito o segundo congresso em Nova Iorque.

BEM-VINDO À FESTA DA

PÁSCOA

nos Armazéns do Chiado

Vasta gama de artigos regionais

Decorações verdadeiramente deslumbrantes

Animação ao vivo diariamente

FAÇA AS SUAS COMPRAS
NÓS OFERECEMOS AS AMÊNDOAS

UMA PÁSCOA MELHOR COM OS

Chiado

Armazéns do Chiado

APA

CGTP saúda o Dia da Juventude que hoje se comemora

Em comunicado ontem divulgado, a CGTP/IN saudou o«Dia da Juventude», que hoje se comemora e apelou à mobilização dos jovens para a participação na luta de todos os trabalhadores portugueses por um novo Governo e uma política democrática.

A CGTP afirma que após o período «francamente favorável aos interesses e aspirações dos jovens trabalhadores» que se viveu após o 25 de Abril, «a política de direita prosseguida pelos sucessivos Governos a partir de 1976 e agravada nos últimos três anos pelos Governos PSD/CDS, provocou uma profunda degradação das condições de vida, de trabalho e de ensino da juventude portuguesa».

O comunicado da central sindical diz ainda que, em consequência da política seguida nos últimos anos pelos Governos de direita, «são os jovens estudantes, trabalhadores ou não, quem mais sente os problemas de degradação do ensino e a falta de saídas profissionais para a sua formação escolar» e que são ainda os jovens quem «na actual situação de crise, procura de novo a emigração como saída para os problemas que na sua pátria continuam sem solução».

O Dia Nacional da Juventude é hoje comemorado com diversas actividades culturais, desportivas e recreativas, em vários pontos do País.

Com início na 4.ª-feira

Mantém-se a greve de seis dias na CP

Mantém-se a greve de seis dias na CP, decidida pela Frente de Sindicatos Independentes daquela empresa, segundo esta manhã confirmou ao «DL» um porta-voz sindical.

A greve, que terá início ao meio-dia da próxima quarta-feira, dia 30, visa pressionar o conselho de gerência a resolver o conflito existente na CP, alterando a sua proposta de 12 por cento de aumento da massa salarial global, que mantém desde o início das negociações.

De acordo com a mesma fonte, o conselho de gerência não se tem mostrado com vontade de resolver o conflito, bastando referir que ainda não promoveu nenhuma reunião com os representantes dos trabalhadores desde as últimas greves, ocorridas de 8 a 11 do corrente.

A Frente de Sindicatos Independentes e Democráticos da CP, que convocou esta forma de luta, engloba os Sindicatos dos Maquinistas, Trens e Revisão, Pessoal das Estações, Serviços, Maquinistas da Via Fluvial e Economistas.

Artur Mota anunciou a concessão de um subsídio à Vidreira da Fontela

O secretário de Estado da População e Emprego, Artur Mota, revelou em Coimbra que o seu departamento vai atribuir um subsídio à empresa Vidreira da Fontela para minorar a situação dos trabalhadores.

Artur Mota anunciou aquela medida no final de uma viagem de três dias pela região centro, frisando que ela é de carácter social e se destina a melhorar as condições de vida dos cerca de 600 trabalhadores da empresa que há vários meses não recebem salários.

Disse, no entantop, que esse apoio financeiro é concedido no pressuposto de uma redinamização da empresa e para pôr fim a certas acções que os trabalhadores têm levado a cabo para conseguir a viabilização económica da empresa.

Manifestou-se compreensivo em relação à situação dos trabalhadores, mas condenou as formas de luta adoptadas, salientando que algumas delas têm prejudicado, a imagem do País, como aconteceu recentemente com o boicote ao Rali de Portugal.

Artur Mota recusou-se a adiantar qual o montante do subsídio e anunciou para hoje em Lisboa, uma reunião entre vários departamentos governamentais a fim de analisar o problema da Vidreira da Fontela e de outras empresas em situação idêntica.

Afirmou também que a Secretaria de Estado da População e Emprego já concedeu subsídios à Vidreira da Fontela na ordem dos 80 milhões de escudos, durante os últimos dois anos.

Milhares de trabalhadores exigiram resolução do conflito no sector dos transportes

«Pela resolução do conflito nos transportes», a Comissão Coordenadora das Organizações Sindicais do sector promoveu, no sábado à tarde, uma manifestação que contou com o apoio das uniões de sindicatos e das cinturas industriais de Lisboa e de Setúbal.

A manifestação reuniu várias dezenas de milhares de trabalhadores e começou na Praça dos Restauradores com desfile até ao Terreiro do Paço, terminando em frente ao edifício do Ministério dos Transportes.

Falando em nome das quatro organizações apoiantes, Jerónimo de Sousa, da CIL, verberou a política do Governo e salientou que, nos distritos de Lisboa e de Setúbal, existem mais de 150 conflitos laborais «com o Governo e o patronato a deixarem arrastar as situações propositada e conscientemente».

O mesmo sindicalista afirmou que para além da imposição de um tecto salarial, as organizações sindicais são confrontadas com contrapropostas que «no mínimo, se podem considerar de provocatórias, face ao aumento do custo de vida».

Jerónimo de Sousa expressou-se contrariamente à decisão de outros sindicatos dos transportes, não filiados na CGTP/IN, que declararam greves para a próxima semana, afirmando tratar-se de «manobras devisionistas orientadas pelo Governo para confundir a opinião pública e tentar virar trabalhadores contra trabalhadores».

Na concentração foi aprovada uma resolução reiterando a responsabilização do Governo pela resolução dos conflitos nas empresas do sector de transportes públicos. Este documento exige ao Governo uma resposta à proposta apresentada pelos sindicatos em 21 de Fevereiro e reafirma a exigência de audiências tanto com o Primeiro-Ministro, como com o ministro dos Transportes.

A resolução também afirma o apoio dos trabalhadores participantes na concentração às decisões que vierem a ser tomadas no plenário conjunto de organizações representativas da Carris, Metro e Rodoviária Nacional a realizar no próximo dia seis de Abril.

Durante a concentração falou também António Morais, em nome da Coordenadora do Sector de Transportes.

Paralisações na Mompor

O pessoal da empresa de montagens industriais Mompor anunciou uma paralisação para os próximos dias 4, 5 e 6 de Abril, de duas horas de cada período de trabalho, em luta por aumentos salariais de 25 por cento, consagrados no seu caderno reivindicativo.

A administração da empresa, com cerca de 1200 trabalhadores, quer conceder apenas 15 por cento de aumentos e recusa-se a negociar as regalias sociais reivindicadas no documento que lhe foi apresentado.

JUNTE-SE AO GRUPO DOS QUE SABEM COMPRAR

MENSAIS* SEM ENTRADA INICIAL SEM JUROS

10.350$

Adquira o seu carro novo EM 60 MESES através das possibilidades que a "compra em grupo" LUBRITEX lhe oferece.

CITROEN VISA CLUB
Motor: 652 cm³
2 cilindros horizontais e opostos.
Ignição electrónica integral.
Travões à frente: discos, atrás: tambor.
Consumo a 90 Km/h com velocidade estabilizada: 5,6 litros aos 100 Km.
Óculo traseiro aquecido.
Limpa-lava vidros do óculo traseiro.
Limpa-vidros de escova única com duas velocidades.
Costas reclináveis nos bancos da frente.
Faróis de marcha atrás e faróis traseiros de nevoeiro.

Entrega escalonada de duas viaturas de 2 em 2 meses.

* Preço sujeito a alteração.

AUTOGRUPOS LUBRITEX

CITROËN VISA CLUB

FAÇA AS SUAS CONTAS. INSCREVA-SE JÁ.

CONTACTE A DELEGADA LUBRITEX AUTOGRUPOS Tels. Lisboa 600888/609343 Porto 29255/ 29374

SOREL
Rua Tomás Ribeiro, 97-A - 1000 LISBOA

1ª Empresa em Portugal a lançar o sistema de "COMPRA EM GRUPO"

federação nacional dos sindicatos da função pública

GREVE
DIAS 30 e 31 de MARÇO

TRABALHADORES DA DIRECÇÃO GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

PRÉ-AVISO

Ao Ministro da Reforma Administrativa
Ao Ministro das Finanças e Plano
Ao Secretário de Estado da Reforma Administrativa
Ao Secretário de Estado do Orçamento

PELA APROVAÇÃO DE REESTRUTURAÇÃO DA DGCI QUE CONTEMPLE:
— Aumento de letra para determinadas categorias profissionais;
— Extensão do subsídio de isolamento;
— Institucionalização do «ónus» da função para o pessoal técnico da fiscalização tributária e economistas do mesmo serviço;
— Retroactividade dos efeitos, quanto a vencimentos e a remunerações assessórias, reportada a 1 de Julho de 1982;
— Esquema de provimento para os trabalhadores estagiários;
— Mudança de carreira para os técnicos tributários e categorias equivalentes.

OS TRABALHADORES DA DGCI LUTAM TAMBÉM PELA RESOLUÇÃO DE OUTROS PROBLEMAS NÃO MENOS IMPORTANTES, TAIS COMO:
— Abertura imediata do concurso para técnico tributário de 2.ª e categorias equivalentes;
— Publicação imediata de nomeação dos liquidadores estagiários já aprovados em exame final;
— Desbloqueamento das carreiras do pessoal do Núcleo de Informática;
— Esquema de transição do pessoal administrativo para a carreira técnico-tributária;
— Regularização da situação dos contínuos em comissão de serviço dos tribunais;
— Integração dos trabalhadores do Quadro Geral de Adidos e do pessoal de limpeza nos quadros da Direcção-Geral;
— Integração na DGCI de trabalhadores indevidamente designados de «tarefeiros»;
— Transformação do Centro de Formação Profissional numa estrutura que dê resposta às necessidades de formação dos trabalhadores e de funcionamento dos Serviços.

Os trabalhadores da DGCI não estão dispostos a esperar mais tempo!
Os trabalhadores da DGCI dizem NÃO ao impasse que está a ser criado pelo Governo!
É pois com determinação e firmeza, conscientes da razão que lhes assiste, que os trabalhadores da DGCI vão estar em greve nos próximos dias 30 e 31 de Março!

Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública ■ Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública Zona Norte ■ Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública Zona Centro ■ Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública Zona Sul e Açores

Lisboa, 24 de Março de 1983

2.º Encontro de Industriais da CIP pressiona eleitorado

Abertura urgente da Banca ao sector privado e alteração da legislação laboral

— *exigências aprovadas no Porto*

A abertura de todos os sectores da economia à iniciativa privada, em especial a Banca, e a alteração da legislação do trabalho acabaram por ser as principais conclusões e exigências do 2.º Encontro dos Industriais Portugueses realizado durante a tarde de sábado no Palácio de Cristal. Muitas outras exigências foram também feitas como o pagamento de «indemnizações justas» ou a imediata definição de um programa de desnacionalizações, a diminuição gradual mas acelerada da carga fiscal e das contribuições para a previdência e fundo de desemprego, o decréscimo substancial da despesa pública global, o aumento dos volumes de crédito disponível para o investimento produtivo, em detrimento do financiamento das despesas públicas, e a garantia de funcionamento das regras da economia de mercado.

Nenhuma destas exigências é nova. Apenas mudou o tom. Se, até aqui, os industriais movimentados pela CIP «solicitavam», hoje «exigem». E conforme foi dito no final do encontro estão «preparados para a luta»: «a qualquer que seja o poder neste País, no futuro, dizemos basta».

O objectivo final dos industriais (CIP) é, no fundo, a ruptura completa do sistema económico resultante de Abril. Concretamente, e pegando nas próprias palavras do presidente da CIP, Ferraz da Costa, no discurso de encerramento, visam a alteração da «estrutura económica socialista que nos continua a ser imposta». E se a actual Constituição não o permitir, a CIP quer «outra», como referiu o seu presidente.

É nesta linha que se situam todas as exigências atrás referidas, as quais, de resto, constaram de quase todas as intervenções feitas durante o encontro, perante os cerca de nove mil industriais presentes.

Objectivos imediatos

Em termos imediatos é visível que a pretensão da CIP ao promover este segundo encontro (o primeiro foi em 1978 também no Porto) em vésperas de eleições terá quatro objectivos: desculpabilizar a AD quanto à crise; pressionar os partidos e o eleitorado; pressionar o futuro Governo e mostrar força para recolher maiores dividendos de um eventual «pacto social».

Aliás, no início do seu discurso de encerramento, Ferraz da Costa disse concretamente que como os portugueses vão ser novamente chamados a optar, nas urnas, pelo modelo de sociedade em que querem viver, não podia a CIP deixar de dizer «coisas importantes».

Mais: «governar é optar e os partidos que ambicionam ser Governo terão de optar entre a economia livre e o socialismo, isto é, entre a prosperidade e a ruína, entre a liberdade e a servidão – e a campanha eleitoral é a altura para o dizerem claramente». O dirigente da CIP escusaria de ser mais explícito para dardejar a tendência para a vitória do PS nas próximas eleições. Mas, mais do que os governantes da AD atacou os socialistas e o Presidente da República e, na explicação que deu, sobre a proibição de distribuição no recinto da «Carta de Mário Soares aos Industriais». Foi claro ao dizer que «não é à porta das eleições que se resolvem os problemas».

Aliviando a AD da incapacidade de pôr em prática o seu programa, Ferraz da Costa lançou as culpas para o CR, para o PR e para o PS. Assim: «a obstrução sistemática do Conselho da Revolução, uma oposição cada vez mais aberta do PR e a intransigência do PS em não querer colaborar numa revisão da Constituição que permitisse e até promovesse a criação em Portugal de um sistema económico de tipo ocidental, levaram a maioria e o Governo – onde muitos ministros sempre estiveram mais interessados em gerir o socialismo do que em promover a livre concorrência – a desistir do mandato que tinham recebido e do programa em que repetidamente se tinham comprometido».

Ao traçar uma perspectiva catastrófica da situação nacional, o presidente da CIP disse que, a não serem feitas as alterações estruturais que aquela confederação vem reclamando, «dentro de 4, o mais tardar 5 anos, a dívida externa ultrapassará a produção nacional e os respectivos encargos serão superiores ao total das nossas receitas de divisas». Sobre as nacionalizações frisou que até hoje elas custaram a cada família portuguesa 170 contos.

Não ao pacto social

«Não aceitamos discutir hipotécticos pactos» – disse-o Ferraz da Costa, justificando: «mais não visam do que obrigar-nos a pactuar com um sistema económico que nos encaminha, a nós e a Portugal, para a ruína».

Nesta matéria, no entanto, não houve unanimidade nas intervenções.

Se António Vasco de Melo disse que «Não é nada disso (pactos) que interessa», já Alexandre Pinheiro, da Associação de Industriais de Vestuário, considerou «tão desejável quão necessário» o consenso social. Em sua opinião este consenso «tem de visar em primeira linha a recuperação das empresas e o seu desenvolvimento, potenciando assim emprego e rendimentos».

CEE: «o fim de muitas empesas»

Segundo os resultados de um inquérito feito aos industriais presentes neste 2.º encontro e no mesmo local processados em cumputador, 63 por cento das empresas não estão em condições de aderir à CEE em Janeiro de 1985. Já antes destes resultados, quase todos os oradores tinham dito o mesmo. Amílcar Antunes, por exemplo, disse que «a nossa entrada na CEE serão o fim de muitas das nossas empresas se entretanto elas não conseguirem a sua adequação, que em meu entender, só é possível com um efectivo apoio técnico e financeiro». Mais incisivo foi Odilon Amado: «a entrada de Portugal no Mercado Comum europeu será uma luta sem tréguas contra armas sofisticadas, onde estará em jogo já não só a sobrevivência das empresas, mas a sobrevivência total da nação». De acordo com este industrial o que tem sido feito até agora resume-se a isto: «representações oficiais, diligências, entrevistas, dossiers, pacotes, conversações com futuros parceiros e muitas, muitas viagens ao estrangeiro. Melhor dizendo: «de chapéu na mão pede-se a todos os países da Europa que nos deixem entrar no jogo», mas... «Sem novas tecnologias, sem novos investimentos, muitos de nós acabarão por soçobrar».

Nas conclusoes do próprio encontro refere-se concretamente, que a adesão poderá não se verificar, se, entretanto, não forem criadas, no domínio interno, as condições necessárias à indispensável adaptação estrutural da nossa economia».

De todos os discursos, destacou-se pela sua linguagem, o de Salvador Caetano, que acusou Eanes de «passividade e mutismo». Segundo ele, se há cinco anos cada português devia ao estrangeiro 30 contos, hoje deve 120. Salvador Caetano acusou de «acto de corrupção» a baixa por falsa doença e disse que os subsídios de desemprego «estão a sustentar malandros, vadios e corruptos». Tudo isto, acrescentou, «em prejuízo da maioria do povo, que talvez merecesse o castigo de ver no futuro falido o sistema social, acabadas as liberdades e implantado o totalitarismo».

Denúncia do PCP

A DORP do PCP emitiu um comunicado a proposito deste encontro de industriais no qual sublinha que «o grande patronato que comanda a CIP... nada tem a ver com os interesses dos pequenos e médios industriais portugueses». Segundo o PCP, «o grande patronato da CIP, saudoso do regime fascista», visou dois objectivos com o encontro: «iludir grande número de pequenos e médios industriais quanto às responsabilidades do Governo da AD na gravíssima crise que os atinge e à economia nacional», «aproveitar o justo descontentamento dos pequenos e médios industriais para os tentar atrelar a uma operação desestabilizadora do próprio regime democrático constitucional».

SIDERURGIA NACIONAL, EP

COMUNICADO

Para as expedições verificadas a partir de 1/4/83, inclusive, mantêm-se os preços-base dos produtos siderúrgicos fornecidos pela Siderurgia Nacional, E.P., que são os seguintes:

Varão para Betão	29 800$00
Barras Comerciais	35 600$00
Fio Laminado	36 100$00
Perfis	39 300$00
Carril	40 800$00
Chapa Laminada a Frio	43 800$00
Chapa Galvanizada	48 300$00
Folha de Flandres	15 000$00

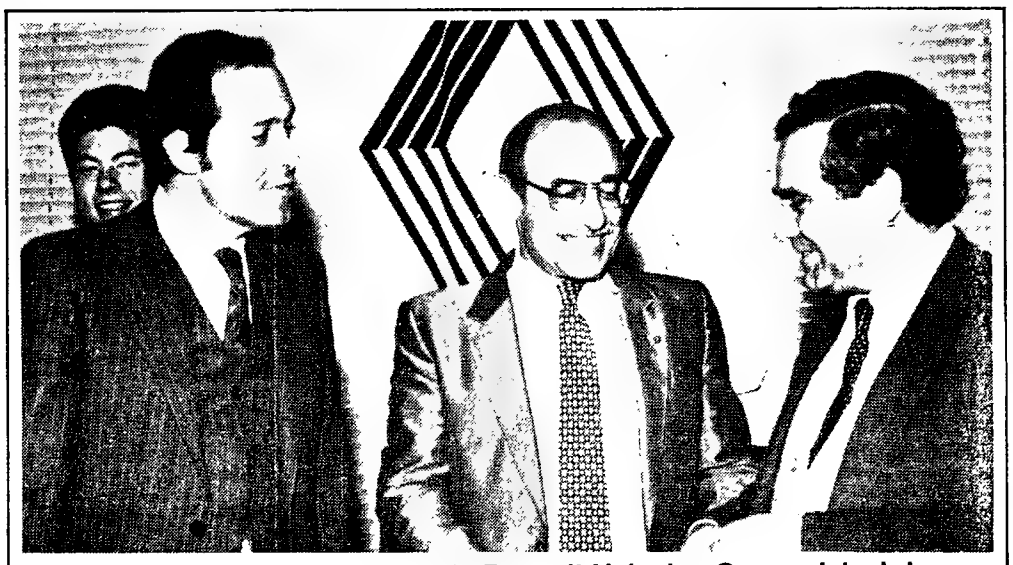
Entre 1/4/83 e 31/5/83 vigorarão os seguintes Descontos Temporários:

Barras Comerciais	1 600$00
Fio Laminado	1 600$00
Perfis	1 800$00

Mantêm-se os Extras actualmente em vigor.
Todos os valores se referem a Esc/tonelada, excepto a Folha de Flandres em que são dados em Esc/100 m2.

Lisboa, 28 de Março de 1983

O CONSELHO DE GERÊNCIA



Realizou-se nas instalações da Renault Veículos Comerciais, Lda., com a presença dos senhores Blanchon e Guillemenot, Directores da R.V.C., de clientes e vendedores, o sorteio do Concurso "Camiões Renault - - mais de mil contos de prémios" ficando os prémios assim distribuídos:

1.º prémio — **Um Automóvel Renault 5**
Hepiro, Electrificações, Lda.
2.º prémio — **Uma Viagem ao Brasil para duas pessoas**
Comp. Geral de Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, SARL.
3.º prémio — **Uma Alta Fidelidade**
Armando Guimarães, Lda.
4.º prémio — **Um Televisor a cores**
Domingos Martins B. Maujo
5.º prémio — **Um Televisor a cores**
Urobra - Soc. Urbanizações e Obras
6.º prémio — **Um Televisor a cores**
Manuel Teixeira e Ca., Lda.
7.º prémio — **Um Televisor a cores**
House, Humberto de Oliveira
8.º prémio — **Um Televisor a cores**
Guarda Nacional Republicana
9.º prémio — **Um Televisor a cores**
Ministério da Educação e Ciência
10.º prémio — **Um Televisor a cores**
Sr. João Carlos da Silva

RENAULT
Veículos Comerciais

Renault Veículos Comerciais, Lda. — Av. Conselheiro Fernando de Sousa - 1000 Lisboa - Telfs 65 84 70/78/79-65 96 95/97/98 - Te ex 15081 REVCOM P
Peças, Serviço de Assistência e Oficinas Gerais - Praça José Queirós 1 - Olivais 1800 Lisboa - Telfs 33 32 65/67/68/69-33 46 85
Filial Porto - Venda, Assistência e Peças - Rua Delfim Ferreira, 679 - Telf 67 35 24 - Telex 26547 REVCOM P - 4000 Porto

Israelitas acusados de envenenamento

Pânico e cólera em Djenine

Em três dias, o número de alunas palestinianas apresentando sintomas de envenenamento triplicou em Djenine (norte da Cisjordânia), e na sua região. O último balanço é de 317 casos. Perto de 200 raparigas ficaram hospitalizadas. Aquilo que inicialmente parecia um acontecimento misterioso mas relativamente pouco importante, deu ontem azo a vasto movimento de famílias aflitas, reagindo exaltadamente, não escondendo a sua cólera contra os israelitas.

A cidade de Djenine foi colocada em regime de recolher obrigatório esta manhã pelo governador militar. Nas ruas vazias, avista-se de tempos a tempos um jeep dos guardas fronteiriços, um automóvel israelita que entra na estrada nacional e alguns raros transeuntes que se dirigem para os hospitais, onde ontem foram hospitalizadas cem raparigas. Cem outras tinham já sido evacuadas mais cedo para outros hospitais palestinianos ou israelitas.

Arije Zahane é a última chegada à clínica privada do dr. Khalid Khassine. Está deitada, muito pálida e ainda vestida, num leito branco. Respira de tempos a tempos por meio de uma garrafa de oxigénio. Conta que ontem de manhã sentiu um cheiro a pesticida, «como DDT», e depois foi como um véu diante dos olhos e uma vontade muito forte de vomitar.

«Vivo aqui há 40 anos, nunca vi nada disto», afirma o dr. Khassine.

No hospital governamental vizinho, alguns médicos estão certos de que os doentes foram atingidos por gases ou produtos químicos neurotóxicos. Os doentes, com efeito, apresentam-se de pupilas dilatadas e sofrem de palpitações cardíacas que se apaziguam ao fim de algumas horas.

Um professor, ele próprio também atingido, é formal:

«Isto só pode ser dos israelitas. Nunca os palestinianos teriam feito isto às suas próprias raparigas».

Pelo seu lado, o governador militar israelita, Amir Zaid, afirma que se trata de uma provocação. Conta que foram distribuídos manifestos nas escolas da cidade, dizendo que este género de coisas voltaria a acontecer se os rapazes não se manifestassem. Esses manifestos estão num dossier, mas não podem ser apresentados neste momento...

Arafat em Ryad

O presidente do Executivo da OLP, Yasser Arafat, declarou, domingo, em Ryad, que tinha examinado com o rei Fahd da Arábia Saudita a reunião do «Comité dos Sete» da Liga Árabe, que deve ter lugar a 3 e 4 de Abril em Fez (Marrocos), bem como a situação dos palestinianos no sul do Líbano.

A reunião do rei Fahd com Arafat, assinalam os observadores, surge antes da visita do líder palestiniano a Amman, onde se encontrará com o Rei Hussein pela primeira vez desde a última reunião do Conselho Nacional Palestiniano.

Esta visita que devia ter começado ontem à noite foi adiada por 48 horas, devido à chegada amanhã a Aman do Sultão Qabus do Omana, indicou Arafat à France-Presse, no final do seu encontro com o Rei saudita.

Arafat salientou, contudo, que uma delegação palestiniana dirigida pelo chefe do departamento político da OLP, Faruk Kaddumi, chegou (ontem) à Jordânia para examinar com os responsáveis palestinianos as relações jordano-palestinianas.

Segundo fontes bem informadas, a Arábia Saudita insistiria para que a coordenação entre a OLP e a Jordânia prosseguisse «mesmo se Arafat viesse a adoptar uma posição mais dura nas suas conversações com o Rei Hussein».

Felipe Gonzalez em Marrocos

Na agenda problema do Sara e enclaves de Ceuta e Melilla

O presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, efectua hoje e amanhã uma visita a Marrocos, a primeira deslocação oficial ao estrangeiro, pouco mais de 100 dias depois da entrada em funções do Governo socialista. A Espanha vira-se, dicididamente, para o Magreb, que parece constituir uma das suas primeiras prioridades no domínio diplomático.

Encontrar-se-ão, assim, confirmadas duas das prioridades essenciais – a americana e a magrebina – em política externa que apareceram em Dezembro último, consideram os observadores.

No passado mês de Dezembro, o secretário de Estado americano, George Schultz, foi a primeira personalidade estrangeira a ser recebida, oficialmente, em Madrid, desde a chegada dos socialistas ao poder.

No que diz respeito à prioridade magrebina, esta pode ser examinada à luz da História, por uma nação espanhola que foi muito marcada, durante cerca de 781 anos, pela metamofrose da invasão árabe (711-1492).

Esta prioridade traduz-se, designadamente, na época contemporânea, pela existência de dois «cadernos» ligados à História, cuja imbricação parece ser estreita: o Sara Ocidental e os enclaves espanhóis em terras africanas de Ceuta e Melilla.

Relativamente ao problema do Sara Ocidental, os socialistas espanhóis recomeçaram a política seguida até essa altura pelos seus antecessores centristas: a «equidistância» entre Rabat e Argel.

Em 1976, tinha sido concluido um acordo entre a Frente Polisário e os socialistas espanhóis, que se encontravam nessa altura na oposição. No acordo, cujo texto foi publicado em Argel, no passado mês de Outubro, a Polisário era reconhecida como o «único e legítimo representante do povo saraui» e aludia-se ao «apoio à proclamação da República Árabe Saraui Democrática».

Em 14 de Março último, Felipe Gonzalez reconhecera que as relações entre o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e a Frente Polisário tinham «arrefecido em 1979, por numerosas razões».

«Espero que o problema se resolva pela via pacífica, com o apoio da OUA e da ONU. A Espanha vai apoiar essa solução pacífica», declarou Gonzalez na ocasião.

No dia 26 de Fevereiro, a Imprensa espanhola seguiu atentamente o encontro entre o rei Hassan II de Marrocos e o presidente argelino, Chadli Bendjedid. Os «media» espanhóis receavam que a reaproximação argelino-marroquina pudesse ter consequências negativas nos enclaves de Ceuta e Melilla, reivindicados por Rabat.

No dia 20 de Fevereiro, o porta-aviões espanhol «Dedalo» e os cinco navios que o escoltavam deixaram Ceuta, depois de três dias de «manobras de rotina», ao largo do enclave.

Por último, o ministro espanhol da Defesa, Narcis Serra, anunciou, no dia 14 de Março, o reforço das unidades militares que se encontram em Ceuta e Melilla, reforço esse destinado a aumentar a capacidade de dissuasão do Exército espanhol, para impedir qualquer acção contra aquelas duas cidades.

À margem deste «dossier», os marroquinos seguem atentamente a evolução dos contactos hispano-britânicos sobre Gibraltar. Com efeito, o rei Hassan II sempre apoiou, vigorosamente, que a mesma potência não pode controlar os dois lados do estreito (Ceuta está situada mesmo em frente a Gibraltar, na costa africana).

O «rochedo», «tomado por astúcia», pelos britânicos, no dia 4 de Agosto de 1704, segundo os espanhóis, continua decididamente a ser uma «espinha histórica» entalada na Espanha: foi aí que, já no dia 28 de Abril de 711, Tarik e os seus cerca de 100 mil mouros atracaram, antes de se lançarem à conquista da Espanha.

abreu
FUNDADA EM 1840
DEPARTAMENTO DE CARGA
SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM
• Transportes Internacionais TIR
• Carga Aérea
• Carga Marítima
• Serviços Regulares em Camiões Completos e Grupagem de e para toda a Europa
• Grupagem Aérea para todo o Mundo
• Serviço Marítimo convencional e contentorizado
PORTO
Av. Aliados, 221
Telef. 317921
Telex. 22315 ABREU-P
LISBOA
Av. Liberdade, 164-4º
Telef. 368783/371341
Telex, 16426 ABREU-P
Também em CARGA a tradicional qualidade abreu

A militarização do Espaço e

Peritos americar nova estratégia d

Peritos em questões militares, cientistas e destacadas person política americana, em telegrama enviado ao presidente Reagan, criti presidencial de militarizar o espaço. Em Moscovo, em entrevista public sábado pelo «Pravda», Yuri Andropov criticou a decisão americana. Se protestos à desconfiança generalizada dos europeus podemos conc estratégia de Reagan vem perdendo apoios.

ONZE individualidades do mundo científico americano e cinco antigos responsáveis do Pentágono, em telegrama enviado a Reagan, recomendaram o abandono do programa de defesa antibalística do espaço.

«A acreditamos que o enseio e a implantação dum sistema de defesa antimísseis no espaço aumenta a possibilidade dum conflito na terra» – escrevem dois dos autores da mensagem o dr. Carl Sagan, professor do Laboratório de Estudos Planetários da Universidade de Cornell (Nova Iorque) e o dr. Richard Garwin, investigador da Companhia IBM.

«Desde há 25 anos, que o espaço vem sendo utilizado com siso pelos homens – continua a mensagem – mas os autores de ficção e estrategas militares sonham com a possibilidade duma guerra no espaço. Unimos as nossas forças para pedir que um tratado americano-soviético proíba a colocação de todo e qualquer sistema de defesa espacial.»

Entre os signatários do telegrama, figuram o almirante Noel Gauler, antigo director da Agência para a Segurança Nacional (NSA), Gerbert York, antigo director do Gabinete das Investigações Avançadas do Pentágono, Lee du Bridge, conselheiro científico do antigo presidente Nixon, e Franklin Long, antigo director da Agência para a Fiscalização dos Armamentos e do Desarmamento.

Outros cientistas e peritos americanos já exprimiram o receio de que qualquer êxito no desenvolvimento dum sistema de defesa antimísseis reponha perigosamente em causa o próprio princípio da dissuasão, empurrando o adversário a atacar primeiro.

Por outro lado, seis antigos ministros norte-americanos tanto republicanos como democráticos, criticaram ontem o programa de despesas militares do presidente Reagan que dizem «tornar inviável uma recuperação económica séria».

«O empolamento das despesas com a defesa debilitará a economia nacional, o que provocando violentas reacções políticas, enfraqueceria, por seu turno, a segurança do país» – dizem os antigos membros do Governo em carta enviada ao conselheiro do presidente para a Segurança, William Clark.

A carta é assinada por Peter Peterson, que foi ministro do Comércio no governo Nixon, e ainda por cinco antigos secretários do Tesouro: Blumenthal, Connally, Dillon, Fowler e Simon.

Em Janeiro este mesmo grupo reuniu as assinaturas de 500 destacados empresários num documento em que se pedia ao Governo e ao Congresso para reduzir em 25 000 milhões de dólares o orçamento militar dos próximos anos.

«Sem uma forte economia nenhum país pode manter uma política externa sólida» – acentuam os signatários.

Entretanto, em entrevista ao jornal «Pravda», o secretário-geral do PCUS, Yuri Andropov, considerou que o programa de defesa norte-americano apresentado na semana passada por Reagan «tem por objectivo conseguir a superioridade estratégica dos Estados Unidos sobre a União Soviética».

Ataques sul-africanos contra o Lesotho

Elementos provenientes da África do Sul lançaram três ataques este fim-de-semana contra o Lesotho e um membro das forças paramilitares do país foi morto e outro ferido, ontem de manhã, segundo indicou a rádio nacional em Maseru.

O governo, segundo fontes seguras do Ministério dos Negócios Estrangeiros, informou imediatamente do caso o departamento de Estado americano o «Foreign Office», o presidente da Organização da Unidade Africana (OUA) e o Conselho de Segurança da ONU.

O primeiro ataque, segundo a rádio nacional deste país que constitui um enclave no leste da República Sul-Africana, registou-se na noite de sábado para domingo. Homens negros e brancos, de uniforme, vindos da África do Sul, atacaram o posto fronteiriço de Ongeluknek (sueste do país), afirmou a rádio nacional.

Um segundo incidente, acrescentou, foi registado ontem de manhã em Pitseng (norte do país), onde um ataque com granadas visou, desta vez, uma missão católica. Um dos membros das forças paramilitares do Lesotho foi morto e outro ferido.

As forças paramilitares, indicou a emissora, obrigaram os agressores a fugir em direcção à África do Sul num veículo. O terceiro incidente, segundo a rádio nacional, teve lugar em Peka (nordeste). «Elementos armados» que dispararam foram repelidos para a África do Sul, indicou.

Prosseguem os con

Manágua respo pela morte de

A Nicarágua responsabilizou ontem os Estados Unidos pela morte do médico francês Pierre Grosjean abatido na véspera durante um ataque das forças antigovernamentais (partidárias do antigo regime somozista) na aldeia Rancho Grande (170 km a Norte de Manágua).

«A bala que matou o médico francês deve ser atribuída à administração Reagan» declarou ontem um membro da Junta de Manágua, Sérgio Ramirez.

O dr. Grosjean encontrava-se na Nicarágua desde Agosto de 1982 e fazia parte de um grupo de 45 franceses que prestam auxílio humanitário ao governo de Manágua.

Falando em nome deste, reunido no Ministério da Saúde para apresentar as suas condolências à França e à família do defunto, Ramirez Mercad acrescentou: «os culpados directos são aqueles que nos Estados unidos fornecem armas aos contra-revolucionários que atacaram uma aldeia sem defesa».

Entretanto violentos combates continuavam a opor no sábado no norte da Nicarágua; o Exército sandinista às forças somozistas, indicou em Manágua, Sérgio Ramirez.

Segundo Ramirez, os combates, que se travam desde há três semanas e que terão já causado mais de 400 mortos (dos quais mais de 300 do lado somozista, segundo Manágua), são particularmente intensos no distrito de Nova Segóvia, onde 1500 antigos guardas somozistas idos das Honduras fariam parte das forças anti-sandinistas que combatem nomeadamente nos sectores de Quilali e Wilili.

Ramirez, segundo o qual o exército sandinista terá conseguido conter os contra-revolucionários, lançou um apelo à comunidade nacional para «esmagar a guarda somozista, responsável no passado por tantos crimes e que quer fazer volta o país a um passado de torturas, opressão e exploração».

Os somozistas, afirmou, assassinaram vários civis desarmados, entre os quais técnicos agrícolas que trabalhavam na zona dos combates.

Por outro lado, a emissora clandestina da UDN «Rádio 15 de Setembro» anunciou no sábado que elementos antigovernamentais pertencentes à «União Democrática Nicaraguaia» atacaram uma localidade no sul do país, perto da fronteira com a Costa Rica.

Na opinião dos observadores, este ataque, que não foi confirmado oficialmente, poderia prefigurar a abertura de uma frente sul contra as tropas sandinistas e a intensificação das acções de conjunto dos grupos antigovernamentais.

A UDN dirigida por Fernando Chamorro, juntou-se no fim de 1982, à Aliança Revolucionária Democrática constituída na Costa Rica, que reunia o antigo ministro da Defesa sandinista Edén Pastora, o ex-membro da junta

n causa

ios contra e Reagan

alidades da vida aram a decisão ada no passado juntarmos estes uir que a nova

Andropov acentuou que a decisão americana surge na sequência da intensificação «dos preparativos militares, dos programas militares e de novos tipos de armas».

Recorda-se que, na Europa Ocidental, a perspectiva da militarização do espaço foi mal recebida. A generalidade da Imprensa encarou a decisão americana com pessimismo, enquanto que em Bruxelas, círculos da Aliança Atlântica se mostravam algo surpreendidos com as novas propostas de Washington.

Espelhos e raios laser

O novo sistema de defesa anti balístico preconizado pelo presidente Reagan consistiria nomeadamente em enviar para o espaço grandes espelhos que pudessem reflectir raios laser destinados a destruir mísseis soviéticos, indicou George Keyworth, principal conselheiro científico do presidente Reagan.

Numa entrevista publicada no sábado pelo «Washington Post», Keyworth declara que a combinação espelho-laser, embora sendo uma solução de defesa futurista, é contudo muito «prometedora». E actualmente o projecto mais avançado entre os que resultam da nova estratégia de defesa que consiste em «destruir no espaço, tornando-os inoperantes com o auxílio de armas não nucleares, todos os mísseios dirigidos contra os Estados Unidos».

Segundo Keyworth, centenas de espelhos podendo medir até 30 metros de diâmetro poderiam ser enviados para o espaço logo que uma ameaça estivesse iminente. Estes, receberiam os raios laser de centenas de bases emissoras, amplifica-los-iam e redirigi-los-iam contra cada míssil soviético. A posição desses aparelhos poderia ser modificada para poder utilizá-los contra sucessivos objectivos.

O principal conselheiro científico do presidente Reagan não escondeu que há muitas questões ainda por resolver, «nós hoje não sabemos construir lasers», disse.

Acrescentou que a rapidez de interpretação das informações dos satélites e de execução do posicionamento dos espelhos ultrapassa as possibilidades actuais. Mas acrescentou que os progressos extraordinários realizados no domínio dos microprocessadores poderão resover certos problemas. «Na maior parte dos domínios envolvidos temos um avanço notório sobre os soviéticos», precisou Keyworth, desmentindo a argumentação de Reagan.

bates na Nicarágua

onsabiliza EUA médico francês

de Governo, Alfonso Robelo e o dirigente índio misquito Brooklin Rivera.

Contudo, uma desavença entre Chamorro e Pastora levou há três dias, a UDN a aproximar-se da chamada Frente Democrática Nicaraguaia essencialmente composta por ex-guardas somozistas.

Nas Honduras para El Salvador

O governo americano prepara-se para criar nas Honduras um centro de treino de luta anti-guerrilha onde 17 mil soldados salvadorenhos poderiam ser instruídos por 50 ou 100 especialistas militares americanos indica o «Boston Globe» na sua edição de ontem.

O «Globe» acrescenta que o Governo americano teria preferido criar esse centro de treino no Salvador, mas que optou pelas Honduras porque o Congresso não deseja que o número de conselheiros militares no Salvador ultrapasse os 55. Segundo as mesmas fontes, o projecto americano prevê o envio de 50 a 100 conselheiros militares para as Honduras.

Greve geral na Argentina

A greve geral de 24 horas decidida pelos dois ramos da central sindical «CGT» começou hoje na Argentina apesar da proibição do Ministério do Trabalho e das advertências do Governo.

Eventuais desordens registadas durante a greve – numa altura em que se multiplicam os rumores de golpe de Estado – constituiriam um excelente pretexto para as aspirações «musculadas» dos sectores mais extremistas do Exército, notam os observadores em Buenos Aires.

Segundo os dirigentes sindicais, o movimento deverá atingir uma amplitude pelo menos igual à greve do passado dia 6 de Dezembro, que paralisou inteiramente o país. Só serão mantidos os serviços essenciais.

Os transportes públicos desapareceram hoje das ruas da capital mas os táxis continuam a circular. Os comboios e o metropolitano estão paralisados. As forças da Polícia foram colocadas em estado de alerta para assegurarem a liberdade de trabalho.

A greve foi lançada pela «CGT da República Argentina» e pela «CGT – Azopardo» para protestar contra o desemprego e o custo de vida e para se conseguirem aumentos salariais

A Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente

Apoio decidido à libertação da África Austral

Países ocidentais postos em xeque pela sua colaboração com Pretória

A firme condenação do apoio prestado por alguns países e outras potências ocidentais à África do Sul, apoio que se reflecte nos mais diversos aspectos (incluindo militar e nuclear), a acusação dos laços priveligiados da Administração dos EUA com o regime de «apartheid», a recusa da «linkage», o apoio incondicional à independência da Namíbia, à SWAPO e ao CNA, a exigência do fim às agressões contra os Estados da Linha da Frente e à ocupação militar de parte do território angolano .

Por forças racistas – eis alguns dos pontos principais da Declaração Final aprovada pelas três da manhã de hoje pelos participantes (300 delegados provindos de 67 nações diferentes) na Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, que decorreu em Lisboa desde o dia 25.

Alterações diárias feitas ao programa inicialmente previsto levaram a que os trabalhados tivessem de prosseguir após a sessão solene de encerramento que começou ontem às 18 horas no salão de «A Voz do Operário».

A Conferência dividiu os seus trabalhos em reuniões plenárias e de comissões. Dois aspectos fundamentais da Conferência: a análise política do problema da África Austral, análise da qual saiu a Declaração Final, e a adopção de medidas concretas de solidariedade actuante com os Estados da Linha da Frente. Essas medidas foram dadas a conhecer apenas ao fim da manhã de hoje.

Na Declaração Final, condena-se firmemente o apoio dado por alguns Estados membros ocidentais ao regime do **apartheid** e denuncia-se a política dita de «empenhamento construtivo » que a actual Administração dos EUA tem seguido em relação à África do Sul. Os Estados Unidos, Israel e República Federal da Alemanha são igualmente acusados, devido à cooperação militar, nuclear, económica e política por eles (e por outras potências ocidentais) prestada à África do Sul, em flagrante violação das normas do direito internacional.

A declaração reconhece o direito da República Popular de Angola a defender-se das agressões de que é vítima, incluindo o direito de procurar assistência junto de outros países.

Os participantes entendem que o apoio dos Estados da Linha da Frente tem sido essencial para o incremento da luta de libertação da SWAPO e do CNA. Ao mesmo tempo, manifestam a sua profunda preocupação pela política prosseguida pela África do Sul de destruição selectiva da economia e de objectivos não militares dos países que pretendem libertar-se da dependência económica de Pretória. Manifestando a urgência de apoiar a eliminação rápida do sistema de «apartheid», a Declaração Final considera que essa eliminação é um dever histórico das forças democráticas de todo o mundo. Os participantes louvaram as decisões referentes à África Austral adoptadas na última cimeira dos Não-Alinhados em Nova Deli.

Foram condenados em veementes termos os casos de agressão cometida por Pretória contra a RPA bem como a ocupação de parte do território daquele Estado soberano, exigindo-se que as tropas racistas retirem incondicionalmente. A Conferência condenou também os repetidos actos de agressão cometidos contra a RP de Moçambique e manifestou a sua profunda preocupação pela concentração de tropas racistas ao longo da fronteira. O regime sul-africano foi igualmente condenado por financiar, treinar e infiltrar grupos de bandidos armados que sabotam, assassinam e fazem outros actos de terrorismo nos Estados da Linha da Frente e no Lsotho, destacando também o papel dos mercenários ocidentais. Os mesmos actos foram condenados no tocante às acções cometidas contra o Zimbabwe e o Lesotho.

A independência da Namíbia foi objecto de profunda atenção, tendo-se recusado a ligação que os EUA e Pretória pretendem fazer entre a retirada das tropas cubanas da RP de Angola e a independência daquele território. Foi exigida a libertação dos presos detidos na ilha de Roben, bem como de combatentes da SWAPO e do dirigente nacionalista Nelson Mandela. A Conferência apelou paara a libertação de Toivi Herlan ya Toivi e para que em todo o mundo se intensifique a campanha para salvar a vida de seis combatentes do CNA, condenados à morte por Pretória.

Sessão em «A Voz do Operário»

Na sessão solene que ontem decorreu no salão de «A Voz do Operário» (completamente cheio de uma assistência entusiasta e solidária) discursaram, entre outros, o coronel Melo Antunes , Oliver Tambo, do CNA, Sam Nujoma, da SWAPO, João Cravinho, do PS, a escritora Natália Correia e o major Sanches Osório.

Melo Antunes afirmou que Portugal deve libertar-se da lógica infernal da bipolarização e adoptar uma independência cada vez mais profunda em relação às superpotências. Destacando que o 25 de Abril foi, em grande parte, reacção à guerra colonial. Melo Antunes disse ser lógico que os portugueses estejam hoje com os povos que são vítimas da agressão sul-africana.

Oliver Tambo sublinhou que Portugal se encontra actualmente entre os libertadores da África Austral e que esta Conferência de Lisboa ficará como «um dos grandes marcos do caminho que leva à destruição do 'apartheid».

«O mundo inteiro está presente aqui, nesta histórica cidade de Lisboa. A causa da libertação nacional está de acordo com as mais nobres aspirações da humanidade e triunfará» — disse também o presidente do ANC, no decurso da sessão realizada na «Voz do Operário» e orientada pelo tenente-coronel Vítor Alves.

«Em nome das massas oprimidas da África do Sul e em nome de Nelson Mandela», Oliver Tambo agradeceu aos portugueses terem organizado no seu solo semelhante Conferência, que atraiu 300 delegados de 67 nacionalidades.

Sam Nujoma, afirmou que a acumulação de forças militares na Namíbia atingiu proporções alarmantes.

O número dos que diária e militarmente submetem o povo da Namíbia é bem superior a 100 000 — disse Nujoma, segundo o qual o aumento geral do poderio militar tem englobado a expansão das instalações para as Forças Armadas.

Novas bases têm sido estabelecidas no Leste e no Norte do país para acomodar o número crescente de soldados e para forticar as posições avançadas da Africa do Sul contra os países africanos vizinhos da Namíbia, em particular Angola — prosseguiu o líder da SWAPO.

A militarização crescente da Namíbia, é acompanhada pelo terror infligido à generalidade da população, sob a forma de intimidação, detenções, encarceramento e assassínio a sangue-frio — continuou Nujoma, segundo o qual muitos civis têm sido abatidos sob a suspeita de apoiarem a SWAPO.

O diabólico e brutal tratamento do nosso povo por um regime que ocupa ilegalmente o nosso país, em desafio das decisões e resoluções da comunidade internacional, foi condenado pelo presidenda SWAPO.

Outro dos oradores da sessão pública, o deputado socialista João Cravinho, disse que «a solidariedade com os Estados da Linha da Frente, pela libertação e a Paz na África Austral, é um imperativo moral e um dever de dignidade, e o reconhecimento e o desempenho de uma responsabilidade, e um combate de esperança na justiça».

Tal solidariedade — prosseguiu — «é acima de tudo e de todos, um imperativo moral e um dever de dignidade, porque de entre as várias formas de discriminação totalitária, o regime do 'apartheid' é a mais ignóbil e a mais desumana: o radicalismo terrivel da sua doutrina não deixa sequer lugar ao homem».

Por isso — disse Cravinho — «os crimes do 'apartheid' são crimes contra a humanidade. É um imperativo fazer tudo quanto esteja ao nosso alcance para repor o homem no lugar que é o seu. É um dever que nos obriga a todos, e aos socialistas não menos que a quaisquer outros. É um dever que nos obriga à margem e por cima dos jogos de poder, dos interesses das superpotências, dos ganhos eleitorais, dos cálculos de recompensa, dos receios da retaliação. A unidade moral e a dignidade do género humano não têm preço».

Para impedir nova catástrofe idêntica à da Segunda Grande Guerra Mundial —, afirmou o deputado socialista — «é necessário mobilizar em cada país as forças da cultura e do trabalho, as forças sociais e políticas, as autoridades morais e a opinião pública».

Entre as presenças na mesa da presidência da sessão, que em nome da Linha da Frente foi encerrada pelo ministro angolano das Relações Exteriores, Paulo Jorge, contavam-se os dois vice-presidentes da Conferência, Vassos Lyssarides e Silas Cerqueira, o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, o vice-presidente da Assembleia da República, José Vitoriano, o major Sanches Osório e a escritora Natália Correia.

Na assistência encontravam-se o marechal Costa Gomes, o general Vasco Gonçalves, o major Otelo Saraiva de Carvalho, o antigo presidente da Assembleia Vasco da Gama Fernandes, antigos conselheiros da Revolução e políticos como Jorge Sampaio, Aquilino Ribeiro Machado e José Manuel Galvão Teles.

De entre as mensagens de saudação à Conferência lidas na ocasião, uma era do Presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, e outras dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Suécia, da Dinamarca e do Equador.

Por fim, a UDP tornou público um protesto, pelo facto de o seu deputado, Mário Tomé, ter sido impedido de discursar na sessão de «A Voz do Operário».

MNE recebeu Chissano

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Vasco Futscher Pereira, recebeu durante mais de uma hora o seu homólogo moçambicano.

Futscher Pereira já na sexta-feira recebera para almoçar Chissano e outros participantes na Conferência Internacional de solidariedade com os Estados da Linha da Frente, mas ontem desejou avistar-se a sós com o número três da hierarquia moçambicana.

A sua partida para Lisboa, Chissano afirmara ter previsto contactos bilaterais com o Governo português, para abordar questões de interesse mútuo. Um dos problemas que terá sido abordado foi o do novo embaixador da RP de Moçambique em Lisboa

10º CRUZEIRO ÀS ILHAS MADEIRA E CANÁRIAS

A bordo do moderno paquete "FUNCHAL"

Classe única • Serviço de 1ª cl.

14 a 22 de Maio/83 (LISBOA A LISBOA)

Preços excepcionais desde 39.700$

FUNCHAL-TENERIFE-LAS PALMAS-LANZAROTE

Vantajosas compras em Portos Francos

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu OPERADOR TURÍSTICO Nº 35 fundada em 1840

1200 LISBOA: Av. Liberdade, 160 • Tel. 371341
1700 LISBOA: Av. de Roma, 66-B • Tel. 805096
4000 PORTO: Av. Aliados, 207 • Tel. 317921
4100 PORTO: R. Eug. Castro, 256 • Tel. 611151
3000 COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Tel. 27011
4700 BRAGA: Av. Central, 171 • Tel. 71623
8000 FARO: Av. República, 124 • Tel. 25035
8500 PORTIMÃO: R. Inf. D. Henr., 83 • Tel. 27151
2800 ALMADA: R. de Olivenca, 9-C • Tel. 2755756
9000 FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Tel. 31077

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

A Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente

Paulo Jorge ao "DL"

"Só um português foi raptado pela UNITA segundo as informações de que dispomos"

A fase actual do desenvolvimento das relações luso-angolanas, sob os seus múltiplos aspectos, e os progressos eventualmente registados nas negociações sobre a Namíbia (questão esta integrada na situação actual da África Austral), foram os dois temas principais do encontro havido no sábado passado entre o Presidente da República portuguesa, general Ramalho Eanes, e o ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Paulo Jorge, segundo nos revelou o governante da República Popular de Angola, em curta entrevista que nos concedeu ontem, no intervalo dos trabalhos da CISELF.

Na conversa que tivemos oportunidade de travar com Paulo Jorge, foram evocados outros problemas relacionados com as relações luso-angolanas, bem como as conversações travadas e a travar entre a República Popular de Angola e a África do Sul.

Só um português terá sido raptado

A situação dos cidadãos checoslovacos e outros (alegadamente portugueses) que foram raptados pela UNITA e se encontram no Alto do Catumbela, abriu a entrevista.

— Através de uma operação de comandos, com integral apoio da África do Sul, técnicos checoslovacos, com as suas famílias foram raptados por esse grupo de fantoches a soldo do regime de Pretória — diz Paulo Jorge. Segundo se afirma nos meios de comunicação social, teria sido raptado um número considerável de cidadãos portuguesas. Mas, segundo as informações de que dispomos, embora a título provisório, cremos que apenas um elemento português está incluído entre os raptados. O que posso dizer é que o governo angolano, através das suas instâncias competentes, tem estado a estabelecer um certo número de medidas tendentes à solução do problema. E dada a natureza da questão o governo angolano tem-se guardado de fazer declarações, na medida em que entende que a multiplicidade de declarações poderá comprometer o processo em curso, o qual se desdobra, não só a nível interno, como também através de organizações internacionais vocacionadas para esse tipo de situações.»

Relações Angola-Portugal

— Como encara o governo angolano o facto, ainda recentemente denunciado pela ANGOP, de as autoridades portuguesas manifestarem complacência em relação às acções dos grupos anti-Luanda, que se movimentam aparentemente aqui em Lisboa com pleno à vontade?

— Relativamente à actuação dos grupos fantoches em várias ocasiões e por vários canais,é temos transmitido às autoridades portuguesas a nossa preocupação, devido às facilidades que são acordadas a elementos pertencentes a esses grupos fantoches para, a partir de Portugal, veicularem informações nitidamente hostis ao governo angolano. Também temos feito saber às autoridades portuguesas que não compreendemos que esse tipo de facilidades seja acordado a tais elementos. Temos constatado que o argumento normalmente avançado pelas autoridades portuguesas se baseia estritamente na chamada liberdade de Imprensa. Ora nós podemos entender o princípio da liberdade de Imprensa, quando ela é utilizada no sentido de informar objectivamente uma determinada realidade ou situação. Mas já não podemos entender que essa liberdade de Imprensa possa ser utilizada para denegrir o processo revolucionário angolano, e, muito menos para ofender os dirigentes da revolução angolana. Nem tão-pouco podemos entender que uma tal liberdade de Imprensa possa afectar um desenvolvimento harmonioso dàs relações entre Angola e Portugal sem que isso preocupe seriamente aqueles que estão empenhados em preservar tal relacionamento.

Conversações com a África do Sul

— As conversações que estão a processar-se entre a RP de Angola e a África do Sul poderão ser atribuíveis ao facto de Luanda sentir que o Grupo de Contacto se mostra incapaz de avançar? Até que ponto a França terá influído nessas negociações?

O facto de a República Popular de Angola ter finalmente decidido estabelecer contactos directos com a África do Sul, *a pedido da própria África do Sul,* para se tentar encontrar uma via complementar à solução do problema da Namíbia, de modo nenhum pode significar um estado de desespero. Nós temos, por costume, enfrentar a realidade, tal qual ela se apresenta. E a realidade é que a solução do problema da Namíbia, no quadro do Grupo de Contacto, se encontra no impasse, devido sobretudo aos obstáculos que os Estados Unidos têm levantado no seio desse Grupo. As conversações Angola-África do Sul constituem, em nosso entender, um passo complementar, e não uma substituição ou eliminação de quaisquer esforços que se desenvolvam ou venham a ser desenvolvidos pelo Grupo de Contacto. O que é verdade, porém, é que o Grupo de Contacto, nestes últimos meses, tem demonstrado uma nítida incapacidade de ultrapassar os obstáculos levantados pelos Estados Unidos, e, consequentemente, tem atestado uma incapacidade para solucionar os problemas pendentes, isto é, a definição do sistema eleitoral para a Namíbia e o estabelecimento da data para o cessar-fogo entre a SWAPO e o regime de Pretória, cessar-fogo esse que constitui o ponto de partida para a implementaçãoo do plano da ONU, em conformidade com a resolução 435 do Conselho de Segurança. Plano da ONU que foi aliás elaborado pelos próprios membros do Grupo de Contacto.

«É certo que o actual governo francês tem desempenhado um papel dinâmico na solução do problema da Namíbia e essa posição foi clara e corajosamente expressa pelo próprio ministro dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson.

«Relativamente a um possível apoio do Governo francês em relação às conversações bilaterais Angola-África do Sul, devemos dizer, em boa verdade, que não temos conhecimento desse tipo de acção do governo francês relativamente ao governo angolano. Foi o governo angolano que soberanamente tomou a decisão de conversar com o regime de Pretória, respondendo assim ao pedido deste».

— Qual a posição do governo britânico no Grupo de Contacto? A posição de Londres terá conhecido uma viragem depois da visita oficial que o sr. ministro fez à Grã-Bretanha?

— Quanto à posição do governo britânico no seio do Grupo de Contacto, foi-nos dado sempre a entender, através dos canais diplomáticos, que Londres não partilha da posição dos EUA relativamente ao decantado **linkage.** No decurso da nossa visita oficial à Grã-Bretanha, nas conversações que tivemos com o ministro Francis Pym e com a primeira-ministra, sr.ª Thatcher, o problema da Namíbia foi largamente abordado, e foi reiterada pelos nossos interlocutores a posição da Grã-Bretanha relativamente a essa questão. Creio sinceramente que a nossa visita à Grã-Bretanha contribuiu para um melhor esclarecimento das posições de ambas as partes, e talvez se pense actualmente que as frutuosas conversações que tivemos com as autoridades britâncias tivessem ocasionado uma mudança da posição britânica. O que nos parece é que a posição britância é mais clara, senão mais aberta.

A significativa deferência do PR

— Poderá o sr. ministro revelar-nos o teor das conversações que agora manteve com o sr. Presidente Ramalho Eanes?

— De sublinhar o nosso particular apreço pela significativa deferência que o senhor Presidente da República tem tido para connosco, sempre que temos ocasião de passar por Lisboa. Uma vez mais, tivemos o privilégio de nos ser concedida uma audiência no decurso da qual analisámos fundamentalmente duas questões: o estádio actual do desenvolvimento das nossas relações bilaterais, a nível político, diplomático e o desenvolvimento da coopeação a nível económico, técnico, científico e cultural. Tudo isto tendo em

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

Certifico, que por escritura de 2 de Março de 1983, lavrada de folhas 89 a 90 v.º, do livro 143-C, de escrituras diversas deste cartório, foi entre António Lopes Vieira e esposa D. Otília Maia da Mota Capitão Lopes Vieira, constituida uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO:
A sociedade adopta a denominação «FARMACIA CENTRAL DE CAMPOLIDE, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa, na Rua General Taborda, número dezassete, rés-do-chão, freguesia de Campolide e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

SEGUNDO:
A sociedade tem por objecto o exercício da actividade de farmácia, de acordo com o disposto no artigo décimo quinto e seus parágrafos do Decreto número dezassete mil seiscentos e trinta e seis, de dezanove de Novembro de mil novecentos e vinte e nove, ao abrigo do qual foi concedido alvará.

TERCEIRO:
O capital social é de dois milhões de escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:
Uma de um milhão novecentos e oitenta mil escudos do sócio António Lopes Vieira e outra de vinte mil escudos da sócia Otília Maia da Mota Capitão Lopes Vieira.
A quota da sócia Otília Maia da Mota Capitão Lopes Vieira, está realizada em dinheiro, que já deu entrada na Caixa Social; a quota do sócio, António Lopes Vieira, está também realizada e é representada pelo seu estabelecimento de farmácia, instalado na Rua General Taborda, número dezassete, freguesia de Campolide, desta cidade de Lisboa, que faz parte do prédio inscrito na respectiva matriz sob o artigo oitocentos e sessenta e três, — estabelecimento que traz para a sociedade com todo o seu activo e direito ao arrendamento do local, o que tudo, líquido de qualquer passivo, transfere para a sociedade, no valor da sua quota.

QUARTO:
A cessão total ou parcial de quotas é livremente consentida entre sócios. O sócio que pretender ceder a sua quota notificará o outro sócio, por meio de carta registada, com aviso de recepção. Se não tiver qualquer resposta dentro do prazo de sessenta dias, poderá cedê-la livremente.

QUINTO:
A gerência, dispensada de caução e com ou sem renumeração conforme for deliberado em assembleia geral, pertence a todos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes.

PARAGRAFO PRIMEIRO:
A sociedade só se considera obrigada pelas assinaturas conjuntas de dois gerentes, porém em actos de mero expediente, é suficiente e bastante a assinatura de qualquer um deles.

PARÁGRAFO SEGUNDO:
A sociedade não poderá ser envolvida em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer actos ou contratos a ela estranhos.

SEXTO:
As assembleias gerais serão convocadas por meio de carta registada, dirigida aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias, salvo para os casos em que a lei estabeleça qualquer formalidade especial.
ESTA CONFORME O ORIGINAL, na parte extractada, nada havendo em contrário ou além do que nesta se narra e transcreve.
Lisboa, dez de Março de mil novecentos e oitenta e três.

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES
FÁBRICA DE INDÚSTRIA TÊXTIL
COM MÁQUINAS, MÓVEIS, UTENSÍLIOS, MERCADORIA E DIVERSOS
IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ ÀS 15 HORAS NA RUA ERNESTO SILVA, N.º 3-A (BENDICA) 15000 LISBOA

(1.ª perpendicular à Rua Cláudio Nunes, final da Rua dos Arneiros)

POR ENCERRAMENTO DE ACTIVIDADE E POR ORDEM DO EXMO PROPRIETÁRIO VENDEREMOS PELA MAIOR OFERTA E SEM BASE DE LICITAÇÃO, TODO O RECHEIO DESTA BEM MONTADA FÁBRICA, COM MÁQUINAS DE MÓVEIS, UTENSÍLIOS, MERCADORIAS E DIV. CONFORME DESCRIÇÃO:

MÁQS. MÓVEIS E UTENSÍLIOS: Bobinadora, teares de div. marcas e comprimentos, como sejam UNIVERSAL, LUSITANA, STOLL, MILLEPUTTI, etc., máquinas eléctricas de pregar botões, coser e cose e corte, SINGER,DOURKOPP JUKI, ETC. Máqs. eléctricas circulares, próprias para confecção, RUMOLDI e KMF, Máq. passar a ferro, respectivo ferro e Caldeira a vapor, Tesoura eléctrica, Balança automática, Máq. registadora, Mesa de corte, Expositores em vidro com rodisios e rotativos, Rolos de papel e fio para confecções. Armários vestiários em aço, Manequins, Estantes, mesas e secretárias em madeira, cadeiras, Armações, estantes em cantoneira de aço, Escadote metálico, etc., etc.

MERCADORIA E DIV.: Milhares de mts de tecidos tais como: Algodão, Trevira, Veludo, Sedas, Tafetá, Flanela, Franja, Fita, Entretela, Estopa, Fazenda de lã, etc., casacos de malha, Camisolas, Puloveres, Blusões e Blusas para homem e senhora, Casacos e vestidos em fazenda, Casacos e Blusões de cabedal, Vestidos e Roupões de praia, para senhora, Cortes fato homem, saias, calças para homem e senhora, calções div. incluindo de banho, Bikinis, Luvas de pelica e desportivas, Camisolas interiores para homem e rapaz, Collants, Saiotes, Cintas e Soutiens, Pijamas e Camisas de noite em cambraia.

MILHARES DE SACOS DE PRAIA JUTA, ETC. e ainda uma infinidade de lotes, que estarão em:
EXPOSIÇÃO: AMANHÃ (Dia do Leilão) das 10 às 13 horas

SOC. DE LEILÕES NOVA ALIANÇA, Lda.
AV. CASAL RIBEIRO, 17 A e B
Telefs. 532929 · 546869
1000 LISBOA · PORTUGAL

TRIBUNAL DO TRABALHO DE ALMADA

ANÚNCIO

Proc.º 25/81 CIT 2.ª Secção

O DR ALVARO JOSE GOMES VASCO, Meritissimo Juiz deste Tribunal do Trabalho de Almada.
FAZ SABER que pela 2.ª Secção deste Tribunal do Trabalho de Almada, sito na Quinta das Fontainhas — Lote 8-A — Pragal-Almada, e na acção com processo comum ordinário que a Autora Maria Arménia Domingos, residente no Largo da Romeira, n.º 6 — Cova da Piedade, move contra ANTÓNIO LOPES VELOSO e Outros cuja última morada conhecida foi na Rua Carvalho Araújo, 16-1.º Dt.º Lisboa, corre o prazo de DEZ DIAS, findo o da dilação de trinta dias, contados a partir da data da publicação do último anúncio, citando o Réu para contestar aquela acção, sob pena de não o fazendo, se considerarem confessados os factos articulados pela Autora. Na referida acção a Autora pede o pagamento da quantia de 272 697$50 (duzentos e setenta e dois mil seiscentos e noventa e sete escudos e cinquenta centavos), provenientes de diferenças salariais, subsídio de férias e de Natal, enquanto prestou serviço aos Réus desde 1 de Agosto de 1976 até Dezembro de 1980.
Almada, 8 de Março de 1983

O JUIZ
a) Álvaro José Gomes Vasco
O ESCRIVÃO
a) António Severino Silva

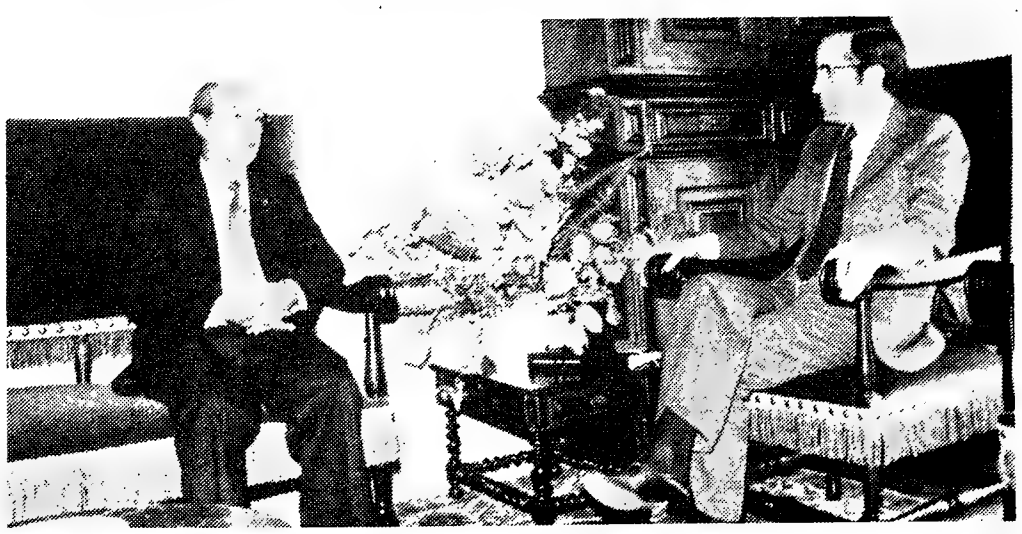
Lisboa é sua não deite lixo na rua

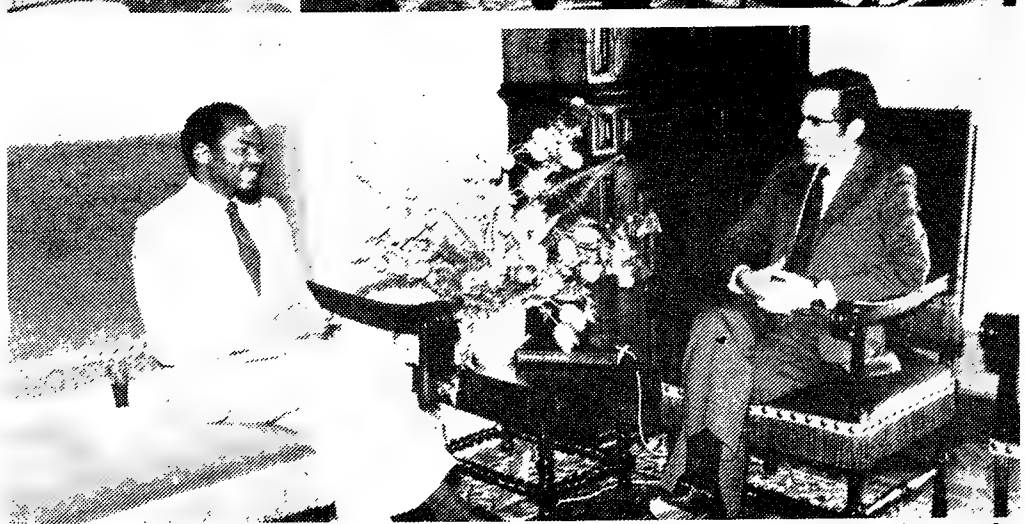
A Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente

conta naturalmente o particular empenho que o senhor Presidente da República tem consagrado às relações com Portugal e os países africanos de expressão oficial portuguesa. A segunda questão foi naturalmente relacionada com a situação prevalecente na África Austral, nomeadamente sobre os progressos havidos em relação à solução do problema da Namíbia, o qual tem causado problemas de vária ordem à República Popular de Angola e tem seriamente afectado o desenvolvimento económico e social preparado pelo nosso partido e pelo nosso governo. Estas foram fundamentalmente as questões abordadas com o senhor Presidente da República.

Pusemos uma última pergunta, lamentando que a escassez do tempo, mais que controlado neste tipo de entrevistas concedidas, com grande boa vontade, por personalidades sobrecarregadas com as responsabilidades da participação numa Conferência Internacional, não tivesse permitido que esta rara oportunidade de falar com Paulo Jorge fosse mais esclarecedora ainda, mais instrutiva para nós e para os nossos leitores. A última pergunta que fizemos disse respeito à eventualidade de um futuro governo português presidido pelo Partido Socialista e à influência que essa eventualidade viesse a ter sobre as relações luso-angolanas. A pergunta foi posta só assim, sem termos feito quaisquer refereências à conhecida posição do secretário-geral desse partido face à CISELF.

A esta questão, Paulo Jorge respondeu:





Paulo Jorge manifestou o apreço pela acção do PR nas relações entre Portugal e os países africanos de expressão oficial portuguesa. Nas fotos: o PR, no momento em que recebia Paulo Jorge, e durante o encontro com o ministro moçambicano dos NE, Joaquim Chissano

— Na hipótese de o Partido Socialista ascender ao governo em Portugal, nós pensamos que, uma vez essa hipótese concretizada, e no quadro dos contactos que venham a ser estabelecidos, se definirão as respectivas modalidades de relacionamento e cooperação.

Entrevista conduzida por Alice Nicolau

"É esta a política da URSS para a África Austral"

— *diz-nos Andrei Urnov*

Alguns contestaram entre nós a realização da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, alegando que esta histórica reunião de Lisboa visava apoiar os interesses estratégicos da URSS na África Austral. A presença de uma delegação soviética na Conferência propiciou-nos a oportunidade de inquirir junto dos elementos dessa delegação qual é realmente a estratégia de Moscovo para aquela zona do globo.

Em nome da delegação respondeu-nos o seu presidente, Andréi Urnov membro do Presidium do Comité Soviético de Solidariedade:

— Um primeiro ponto a destacar é o seguinte: se fossemos dar vazão aos argumentos que utilizam os inimigos desta Conferência, então ficaria a URSS privada do direito de participar em qualquer reunião de solidariedade com os povos da África Austral.

«Mas passando à questão, diremos que a nossa política de princípio é bem clara. Está exposta na mensagem do Soviete Supremo da URSS que insiste nos seguintes pontos: 1 — deve ser posto fim à agressão da África do Sul contra os Estados da Linha da Frente. Estes países têm o direito a desenvolver-se em paz e liberdade, segundo as suas próprias vias, livremente escolhidas pelos seus povos: vias diversas que cada povo tem o direito de seguir. 2 — a ocupação ilegítima da Namíbia deve cessar imediatamente. A Namíbia deve ascender à independência com base nas conhecidas resoluções da ONU e no reconhecimento internacionalmente consagrado de que a SWAPO é único e legítimo representante do povo namibiano.

3 — O Congresso Nacional Africano é o legítimo representante dos interesses dos povos da África do Sul e desenvolve uma lúta justa contra o sistema de **apartheid,** considerado criminoso por toda a comunidade internacional; 4 — os EUA e a Administração Reagan consideram a África do Sul um «aliado privilegiado». Depois do advento da Administração Reagan, as acções agressivas de Pretória têm-se intensificado consideravelmente. Somos contrários a essas agressões e dizemos que é preciso pôr-lhes termo imediatamente.

«Esta é a nossa política. Pensamos que esta nossa política se enquadra muito bem na estratégia normal dos Estados da Linha da Frente.

«Há quem argumente que nem todas as partes envolvidas no conflito da África Austral estão representadas nesta Conferência. Nós entendemos que no conflito da África Austral, há duas partes: existe o agressor, que é a África do Sul; e existem os agredidos que são os Estados da Linha da Frente. Existe a agressão racista, colonialista da mesma África do Sul. Existem os oprimidos — que são o povo da África do Sul e o povo da Namíbia, representados respectivamente pela CNA e pela SWAPO. A URSS apoia sempre a parte oprimida. Sendo assim, fácil é de concluir que somos a favor dos oprimidos e agredidos pela África do Sul.

CONCERTO * COLISEU
1 E 2 ABRIL 1983 22H
PACO de LUCÍA
y su grupo
PRÓXIMO ALBUM
"SOLO QUIERO CAMINAR"
polygram

DESPORTO

ponta esquerda

Hoquistas do CDUL agredidos

Tês jogadores de hóquei em campo do CDUL receberam tratamento hospitalar após agressões de que foram alvo junto do campo de futebol da Abóbada, nos arredores de Cascais. Os hoquistas do CDUL regressavam a Lisboa após terem jogado com o Cascais,a quem veceram por 1-0. O seccionista João Chasqueira disse que, ao passarem junto do campo do Abóbada, foram interpelados por um indivíduo que os aconselhou a dirigirem-se à bilheteira se quisessem assistir ao jogo. Os elementos do CDUL, depois de afirmarem querer apenas seguir para Lisboa e não assistir ao jogo de futebol, foram rodeados por vários indivíduos que os apedrejaram. Um hoquista do CDUL recebeu um corte na homoplata provocado por uma faca. O incidente foi comunicado à GNR de Cascais.

Judo contra a RTP

A Federação Portuguesa de Judo proibiu a entrada no pavilhão do CACO de uma equipa da Radiotelevisão Portuguesa para filmar os campeonatos nacionais da modalidade. Em comunicado a Federação afirma que tal atitude ficou a dever-se à presença de um comentador da RTP que não reconhece como **a pessoa indicada para comentar a modalidade.** Aliás (acrescenta) o mesmo nome **já havia sido vetado pela Federação** devido a um programa, da sua autoria, também na Televisão, em que **além da sua má qualidade as imprecisões técnicas foram totais.**

Marinhense de luto

António Martinho Gonçalves, vice-presidente do Sport Clube Marinhense, morreu na sua residência da Marinha Grande. Com 55 anos de idade, Martinho Gonçalves já tinha ocupado o lugar de presidente do mesmo clube e pertencera à direcção do Marinhense.

Boxe continua mortal

O pugilista venezuelano António Guevara, que sofria de lesões cerebrais desde o combate que teve com o filipino Juan Resman, no passado dia 7, morreu devido a paragem cardíaca. A intervenção cirúrgica que os médicos tentaram no passado dia 10 tinha deixado uma certa esperança de sobrevivência mas o estado de António Guevara agravou-se depois de ter sido transferido para outro estabelecimento hospitalar de Caracas.

Que grande banhada

Um antigo vendedor de bananas, Clemens Mueter (42 anos), bateu o seu próprio recorde mundial de resistência sob o chuveiro, ao passar exactamente 360 horas «de molho». Quando fechou as torneiras, numa sala de banhos do salão das instalações sanitárias de Francfort, após 15 dias sob o jacto de água, Clemens Mueter (natural de Colónia) havia batido o seu recorde de 1981 em cerca de 19 horas. Para se manter em prova, o «banhista» esfregava-se regularmente com uma gordura especial e massajava os pés com óleo para motores, para proteger a pele.

Placard

«Open» Portugal

Peter MacNamara, José Higueras, Mats Wilander e Yannich Noah, participam no «Open Portugal-83», que se inicia no dia 2 de Abril.

Outros há, também entre os mais cotados no mundo, que se deslocam igualmente aos «courts» do Estádio Nacional: entre eles está Paul McNamee que, com MacNamara, forma a dupla mais cotada da actualidade. Esta dupla situa-se logo a seguir a John McEnroe-Peter Feling.

Porto e Benfica chefiam hóquei

O FC Porto perdeu em Sesimbra por 5-7 e foi alcançado pelo Benfica no topo da tabela do campeonato de hóquei em patins da 1.ª Divisão.

Resultados da 14.ª jornada: Belenenses-Oliveirense, 4-2; Sporting-Juventude de Viana, 9-4; Sporting de Tomar-Académica da Amadora, 6-2; Valongo-Paço de Arcos, 3-1; Sesimbra-Famalicense, 3-2; Benfica-FC Porto, 1-2; Sanjoanense-Física de Torres, 5-5; Infante de Sagres-Oeiras, 4-5.

Resultados da 15.ª jornada, última da 1.ª volta do campeonato: Belenenses-Juventude de Viana, 5-2; Sporting-Oliveirense, 5-2; Sporting de Tomar-Paço de Arcos, 6-11; Valongo-Académica de Amadora, 2-1; Sesimbra-FC Porto, 7-5; Benfica-Famalicense, 5-2; Sanjoanense-Oeiras, 5-8; Infante de Sagres-Física de Torres, 3-3.

Sportinguistas sem problemas perante oliveirenses

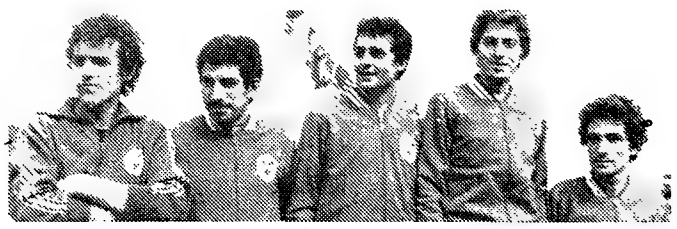
Classificação no termo da 1.ª volta: 1. FC Porto e Benfica, 40 pontos; 3. Sporting, 37; 4. Sanjoanense, 35; 5. Sesimbra e Belenenses, 34; 7. Paço de Arcos, 33; 8. Juventude de Viana, 31; 9. Oeiras, 28; 10. Sporting de Tomar, 27; 11. Famalicense e Oliveirense, 26; 13. Académica da Amadora, 25; 14. Valongo, 23; 15. Infante Sagres, 22; 16. Física de torres, 19.

Benfica vence Cascais-Lisboa

A equippa «A» do Benfica, (constituída por António Atabão, João Campos, António Leitão, Carlos Capítulo e Fernando Couto) venceu a estafeta Cascais/Lisboa, com o tempo de 1 hora, 8 minutos e 55 segundos.

A prova, com um percurso de 24 700 metros, teve 75 atletas e correu-se do Pavilhão do Dramático com chegada à Praça das Indústrias, junto às instalações da Feira Internacional de Lisboa.

Cllassificação: 1.º Benfica «A» (A. Atabão, J. Campos, A. Leitão, C. Capítulo e F. Couto), 1 h 8 m e 55 s; 2.º Ac. Godim «A» (Fernando Reis, Manuel Oliveira, Rui Lopes, Óscar Santos e Aniceto Simões), 1.9,56; 3.º Selecção Catalã de Barcelona (Juan Balcera, Francisco Ossuna, Manuel Hernandez, Javier Cortez, Jorge Castello), 1.10,21; 4.º Sporting (R. Azevedo, Artur Pinto, Joaquim Pinheiro, Luís Costa e Bernardo Manuel), 1.10,25; 5.º FC Porto (Carlos Pereira, Paulo Catarino, David Tavares, João Campos e Henrique Crisóstomo) 1.10,59; 6.º Selecção de Madrid (Manuel Alonso, José Cubero, Vicente Palo, Juan Toledano e José Luís Barrios), 1.11,32; 7.º Benfica «B», 1.11,51; 8.º G.R. Santo Eloy, 1.14,41; 9.º Ac. Godim «B» 1.14,57; 10.º CEFA, 1.15,39; 11.º GIM b:Bicesse, 1.16,4; 12.º C.A. Campolide 1.16,14; 13.º Almada A.C., 1.17,16; 14.º U.R. Mercês, 1.17,24; 15.º Mira-Sintra, 1.20,5.



Benfica: vitória à vontade. O Sporting não apresentou Lopes, Mamede e Canário. Segundo a ANOP, Carlos Lopes revelou que tem uma espécie de pacto com o seu companheiro de equipa Fernando Mamede com vista a baterem este ano, cada um deles, dois recordes mundiais. Nos termos dessa espécie de pacto entre ambos, Carlos Lopes irá atacar, a 14 de Maio, o recorde mundial da hora, que está em 20,994 quilómetros e é pertença do holandês Jos Hermens, desde 1976. Por sua vez, Fernando Mamede vai procurar bater o recorde mundial dos dez mil metros, em 4 de Junho. Estas duas tentativas serão levadas a cabo no Estádio de Alvalade

Marcha: recorde

José Pinto, (Belenenses), bateu o recorde nacional dos 20 quilómetros marcha, atingindo os mínimos para o próximo «mundial». A prova estava integrada no «Oitavo Grande Prémio da Urgeiriça» – (Viseu) – ao qual concorreram cento e vinte atletas em representação de dez clubes. As classificações foram as seguintes nos 20 quilómetros marcha: 1 – José Pinto, Belenenses, 1h 28m 49s – (novo recorde nacional); 2 – Francisco Reis, Santa Iria, 1h 40m 09s; 3 – Carlos Albano, Urgeiriça, 1h 40m 09s; 4 – Paulo Alves, Santa Iria, 1h 42m 56s; 5 – Francisco Alves, Belenenses, 1h 59m 35s. Senhoras – (5 mil metros): 1 – Paula Gracioso, Olivais Sul, 29m 02s 03; 2 – Ana Batuca, Desport. Oeiras, 29m 45s 02; 3 – Fátima Batuca, Desp. Oeiras, m.t.; 4 – Paula Machado, Desp. Oeiras, sem tempo; 5 – Catarina Batuca, Desp. Oeiras, sem tempo.

Basquetebol: rendez-vous nas Antas

O FC Porto legitimou, com um mérito que ninguém negará a vitória absoluta no conjunto das duas primeiras fases do nacional da 1.ª Divisão de basquetebol o que dá o direito regulamentar à turma «azul e branca» de disputar a «poule» final da prova, em que o título se decidirá, no seu pavilhão. Os adversários mais próximos dos portistas contam três derrotas mais, podendo a vantagem do FC Porto acentuar-se no encontro de repetição com o Queluz (dia 2 próximo), a poder ver-se pela TV). A equipa de Jorge Araújo consolidou (no sábado) perante a Atlético a garantia da «poule» final nas Antas (em dois fins-de-semana, com o Benfica Barreirense e Queluz). Ontem, porém, o FC Porto não se limitou a cumprir calendário e jogou com uma aplicação de registar, frente ao Benfica, ao qual bateu pela inapelável diferença de 21 pontos, o que testemunha com nitidez a sua superioridade. Com efeito, os «azuis e brancos» exibiram-se em plano de grande destaque, com opções defensivas que minimizaram o poder de finalização dos «encarnados», o principal caminho percorrido para a equipa das Antas conseguir um sucesso sem mácula.

Resultados no sábado: Queluz-Ginásio, 120-77; Barreirense-Olivais, 87-71; Sangalhos-Benfica, 70-98 e FC Porto-Atlético, 97-71. Ontem: FC Porto-Benfica, 94-73; Barreirense-Ginásio, 107-76; Sangalhos-Atlético, 75-77 e Queluz-Olivais, 92-76. Pontuação: 1.º, FC Porto, 33 jogos e 61 pontos; 2.º, Benfica e Barreirense, 34-59; 4.º, Queluz, 33-56; 5.º, Olivais, 34-55; 6.º, Atlético e Sangalhos, 34-46 e 8.º, Ginásio 34-45.

Na série dos últimos, o CDUL (ao ser batido pela Sanjoanense, no recinto deste, por 76-59) ficou no derradeiro lugar e regressará à 2.ª Divisão na próxima temporada. Pontuação final: 1.º, Ovarense, 4 jogos e 7 pontos; 2.º, Sanjoanense, 4-5 e 3.º, CDUL, 4-5.

Hoje, às 21 e 30, realiza-se na sede da Federação o sorteio da «poule» final do nacional da 1.ª Divisão.

MONTADORES/OFFSET

Grande empresa gráfica, situada em Lisboa, ádmite para ampliação dos seus quadros:

— montadores de jornal.
— montadores offset com prática de montagem de cores.

Enviar resposta c/experiência anterior e ordenado pretendido a este jornal ao **n.º 23 305**

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Para jornal diário e outras publicações, com e sem experiência:

EXIGE-SE:
— Boa apresentação
— Bom nível cultural
— Facilidade de argumentação
— Dinâmico

Resposta detalhada com curriculum ao n.º 6302 deste jornal.

DESPORTO

Um congresso que nem sequer sabe dançar

Federação de Futebol: alguém tem vergonha?

Romão Martins ou o dr. Silva Resende não conseguiram o número de votos necessários para a presidência da Federação Portuguesa de Futebol. A votação do Congresso da FPF (no sábado) demorou duas horas e o escrutínio deu 185 votos a Silva Resende e 180 a Romão Martins, nenhum dos candidatos obteve os necessários 188 votos, a maioria absoluta. Dos 375 votos expressos, 10 foram nulos, os quais vieram de uma destas três Associações: Viana do Castelo, Viseu ou Portalegre.

Entretanto, a lista única para os restantes órgãos da FPF foi eleita: Conselho de Arbitragem (366 votos) Assembleia Geral (371), Conselho de Justiça (375) e Conselho de Disciplina (375).

A resolução do impasse eleitoral complicou-se, com um recurso enviado à mesa pela Associação de Aveiro. Os representantes do futebol de Aveiro entendem que ao global de votos em presença (375) se deverão retirar os 10 nulos, pelo que a maioria absoluta necessária à eleição passaria para 182 votos. Isto significaria a eleição do dr. Silva Resende, que somou 185. O próprio apoiou esta interpretação da Associação de Aveiro.

O dr. Silva Resende apoiou a filosofia do recurso de Aveiro, o mesmo não tendo acontecido com outras Associações, nomeadamente a de Coimbra que, através de Pinto Gomes, pediu a suspensão dos trabalhos por cinco minutos. O pedido de Pinto Gomes foi aceite pelo presidente da mesa, notando-se, após o recomeço dos trabalhos, a ausência das Associações de Faro, Funchal, Guarda, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu e Coimbra.

Porém, Pinto Gomes encontrava-se na sala, naquela altura, tendo afirmado não estar credenciado pela sua Associação ao ser-lhe chamada a atenção para o facto de Coimbra não ter respondido à chamada.

Porém, a Associação de Coimbra voltou a pedir nova interrupção dos trabalhos e (de forma curiosa), pediu para que os apoiantes de Romão Martins se reunissem, o que tendeu a retirar o secretismo à votação para a presidência da FPF.

O congresso foi suspenso às 18 horas, por falta de quorum, para recomeçar na próxima quarta-feira, no mesmo local, às 21.30.

Quando os congressitas voltaram aos seus lugares, faltavam nove associações e, das que estavam presentes, os votos somavam 185: para a assembleia funcionar eram necessários 188. Quem se retirou foram as Associações de Coimbra, Faro, Funchal, Guarda, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu. A falta de quorum impossibilitou a discussão do recurso da Associação de Aveiro. O dr. Silva Resende, usando da palavra, classificou de **vergonha para o futebol** a retirada das referidas Associações no que foi secundado pela Associação de Aveiro.

Nacional de futebol

Salgueiros: alegria nortenha

O Benfica passou o principal obstáculo no caminho para o título, ao empatar sem golos no Estádio das Antas, na 24.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão. Ao manter os quatro pontos de avanço sobre o 2.º classificado, o Benfica acabou por conseguir «cinco» pontos, pois empatou nas Antas depois de ter vencido em Lisboa (por 3-1) na 1.ª volta.

A questão do título parece começar a clarificar-se, como o FC Porto (de Pedroto) a perder terreno talvez irremediavelmente, frente ao comandante da tabela. Porém, no fim da classificação tudo parece complicado quanto a preocupações e agonias.

O resultado-surpresa foi a vitória do Salgueiros no campo do Amora, com uma grande penalidade concretizada por Luís Pereira, ao minuto 90 da partida. O Salgueiros continuou a sua fuga aos últimos lugares, enquanto o Amora se manteve penúltimo e com situação agravada por ter perdido dois pontos no campo da Medideira.

O Espinho vendeu cara uma prevista derrota no Estádio de Alvalade, perdendo apenas 0-1, em autogolo de Vivas, aos 28 minutos. O Sporting manteve o 3.º lugar, mas com uma exibição muito má, enquanto o Espinho continua penúltimo da tabela.

O Boavista também tropeçou, perdendo em Portimão por 0-1, golo de Raul Águas a um minuto do fim. Os axadrezados desceram ao 12.º lugar da tabela.

O Marítimo empatou sem golos no Funchal diante de um candidato a um lugar da Taça UEFA, o Vitória de Guimarães. Os vimaranenses ficam igualados em pontos, pelo Braga, que derrotou por 3-1 o Varzim, golos de Germano, Dito e Fontes contra um de Folha, todos marcados na 2.ª parte do jogo disputado no Estádio Primeiro de Maio.

O Rio Ave derrotou em Vila do Conde o Estoril por 1-0 (grande penalidade por Duarte).

O Alcobaça, praticamente já sem hipóteses de se manter na 1.ª Divisão. venceu o Setúbal (1-0), num jogo que constituiu agradável espectáculo de futebol. Reinaldo (aos 48 minutos) foi o marcador do tento solitário com o qual o Alcobaça amealhou mais dois pontos, reatando um difícil sonho.

Mas o jogo principal, talvez decisivo para o título, foi o das Antas, em que FC Porto e Benfica empataram sem golos. A «bronca» do jgo foi a grande penalidade falhada, uma vez mais, por Gomes, chefe dos marcadores do campeonato. Depois do falhanço no Estoril, que custou à equipa das Antas não vencer, o FC Porto viu de novo uns possíveis dois pontos fugirem, quando o seu ponta-de-lança voltou a rematar de modo a permitir a defesa do guarda-redes.

Resultados

Resultados completos da 24.ª jornada: FC Porto - Benfica, 0-0; Sporting - Espinho, 1-0 (1-0 ao intervalo); Marítimo - Guimarães, 0-0; Braga - Varzim, 3-1 (0-0); Rio Ave - Estoril, 1-0 (1-0); Portimonense - Boavista, 1-0 (0-0); Amora - Salgueiros, 0-1 (0-0); Alcobaça - Setúbal, 1-0 (0-0).

Agora

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, tal como os restantes, sofre no domingo mais uma interrupção, devido à quadra da Páscoa. Em sua substituição, jogar-se-ão os encontros dos quartos de final da Taça de Portugal, entre eles o Benfica-Sporting, que não será antecipado para quinta-feira, por indeferição da FPF. Jogos respeitantes à referida eliminatória: F. C. do Porto - Sp. Braga (antecipação para 6.ª-feira), Benfica - Sporting, Portimonense - Boavista e Académico de Coimbra - Atlético de Valdevez.

A próxima jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão, marcada para 10 de Abril, engloba os seguintes encontros: Varzim - Marítimo, V. Guimarães - F. C. do Porto, Benfica - Rio Ave, Estoril -Amora, Salgueiros - Ginásio de Alcobaça, V. Setúbal - Portimonense, Boavista - Sporting e Espinho - Sp. Braga.

Marcadores

Gomes, líder dos marcadores do campeonato da 1.ª Divisão, voltou a não assinar qualquer golo e até falhou de novo uma grande penalidade, desta vez no Estádio das Antas, rematando de modo a Bento, «internacional» do Benfica, defender. Aliás, os melhores marcadores do campeonato ficaram todos em branco. Apenas Raul Águas (Portimonnse) rubricou um tento.

A tabela actual é a seguinte: 1.º Gomes (FC Porto) 28 golos; 2.º N'Habola (Rio Ave) 17; 3.º Jordão (Sporting) e Nené (Benfica) 16; 5.º Filipovic (Benfica) e Walsh (FC Porto) 14; 7.º Raul Águas (Portimonense) 10; 8.º Oliveira (Sporting) 9; 9.º Joaquim Rocha (Guimarães) e Sousa (FC Porto); Vítor Madeira (Estoril); Reinaldo (Boavista); Fontes (Braga) e Lito (Sporting), 7.

Juniores

Terceira ronda, da 2.ª fase de juniores, na Zona Norte: U. Coimbra - Guimarães, 1-0; Leixões - Sp. Braga, 3-2; e Beira-Mar - F. C. do Porto, 3-5. Guia: F. C. do Porto, 6 pontos. Zona Sul: Benfica - Nazarenos, 8-1; Alter - Sporting, 0-4; e G. D. Quimigal - Farense, 1-4. Guias: Sporting e Benfica, 6 pontos.

Classificações

1. Benfica	24	17	6	1	52-11	40
2. FC Porto	24	15	6	3	57-17	36
3. Sporting	24	15	5	4	42-22	35
4. Guimarães	24	9	9	6	26-18	27
5. Braga	24	12	3	9	35-30	27
6. Varzim	24	7	10	7	19-30	24
7. Rio Ave	24	11	2	11	37-34	24
8. Portimonense	24	9	5	10	28-27	23
9. Estoril	24	7	7	10	18-30	21
10. Setúbal	24	8	5	11	22-28	21
11. Salgueiros	24	7	7	10	20-27	21
12. Boavista	24	7	6	11	19-34	20
13. Marítimo	24	5	9	10	16-28	19
14. Espinho	24	5	7	12	14-31	17
15. Amora	24	5	6	13	17-24	16
16. Alcobaça	24	3	7	14	15-36	13

Divisão 3

Tirsense travado

Resultados da 20.ª jornada do campeonato da 3.ª divisão, série «A»: Moreirense-Mac. Cavaleiros, 2-0; Merelinense-Ponte da Barca, 3-0; Valenciano-Neves, 1-0; Aves-S. Martinho, 1-1; Limianos - Monção, 5-1; Vianense - Fafe, 0-0; Cabeceirense - Coelima, 1-0; Mirandela - Felgueiras, 2-1. Líder: Fafe, 31 pontos.

Série «B»: Ribeirão-Esmoriz, 4-2; Paredes-Lamego, 1-0; Lixa - Tiresense, 1-0; Valadares -União de Lamas, 1-3; José Alves - Amarante, 2-1; Marco - Vilanovense, 1-1; Vila Real - Infesta, 1-0; Paços de Brandão - Ermesinde, 2-0. Líder: Tirsense, 28 pontos.

Série «C»: Poiares-Naval, 1-1; Tondela - Seia, 4-0; Mangualde -Esperança, 3-0; Viseu e Benfica - Guarda, 1-0; Lus. Vildemoinhos - Mealhada, 1-1; S. C. Barco - Penalva do Castelo, 5-0; S. Romão - Ovarense, 1-0; Quiaios - Alcains, 0-0. Líder: Naval, 28 pontos.

Série «D»: Atouguiense - Portalegrense, 1-1; Pombal - Caldas, 2-1; U. Tomar - S. L. Marinha, 2-0; Marinhais - Almeirim, 1-0; U. Santarém - Torres Novas, 4-0; Marinhense - Alferrarede, 2-1; Bombarrelense - Alvaiázere, 4-0; Niza e Benfica -Cartaxo, 2-0. Líder: U. Tomar, 29 pontos.

Série «E»: Cacém - Campomaiorense, 5-0; Lusitânia - Oliveirense, 3-1; Vila-franquense -Coruchense, 2-2; Sintrense -Pêro Pinheiro, 2-1; S. C. Olivais -Vialonga, 1-2; Montijo - Oriental, 0-1; Santa Clara - Est. Amadora, 0-0; Tires - livais e Moscavide, 2-1. Líder: E. Amadora, 28 pontos.

Série «F»: Esperança de Lagos - Louletano, 1-0; Silves -Alvorense, 3-0; Pescadores -Seixal, 1-3; Almada - Estrela de Vendas Novas, 1-1; Despertar -Trafaria, 1-2; Com. Indústria -Sant. Cacém, 0-1; Quarteirense - Campinense, 0-0; Lusitano V. Real - Moitense, 1-0. Líder: E. Lagos, 32 pontos.

TOTOBOLA a chave

1 Porto-Benfica	X
2 Sporting-Espinho	1
3 Marítimo-Guimarães	X
4 Rio Ave-Estoril	1
5 Amora-Salgueiros	2
6 Portimonense-Boavista	1
7 Braga-Varzim	1
8 Valonguense-Chaves	X
9 Leça-Penafiel	2
10 Torriense-Académico	2
11 B. C. Branco-U. Leiria	X
12 Odivelas-Farense	X
13 Olhanense-Lusitano	1

O valor de cada prémio deste concurso é novo recorde no Totobola: 31 470 591 escudos.

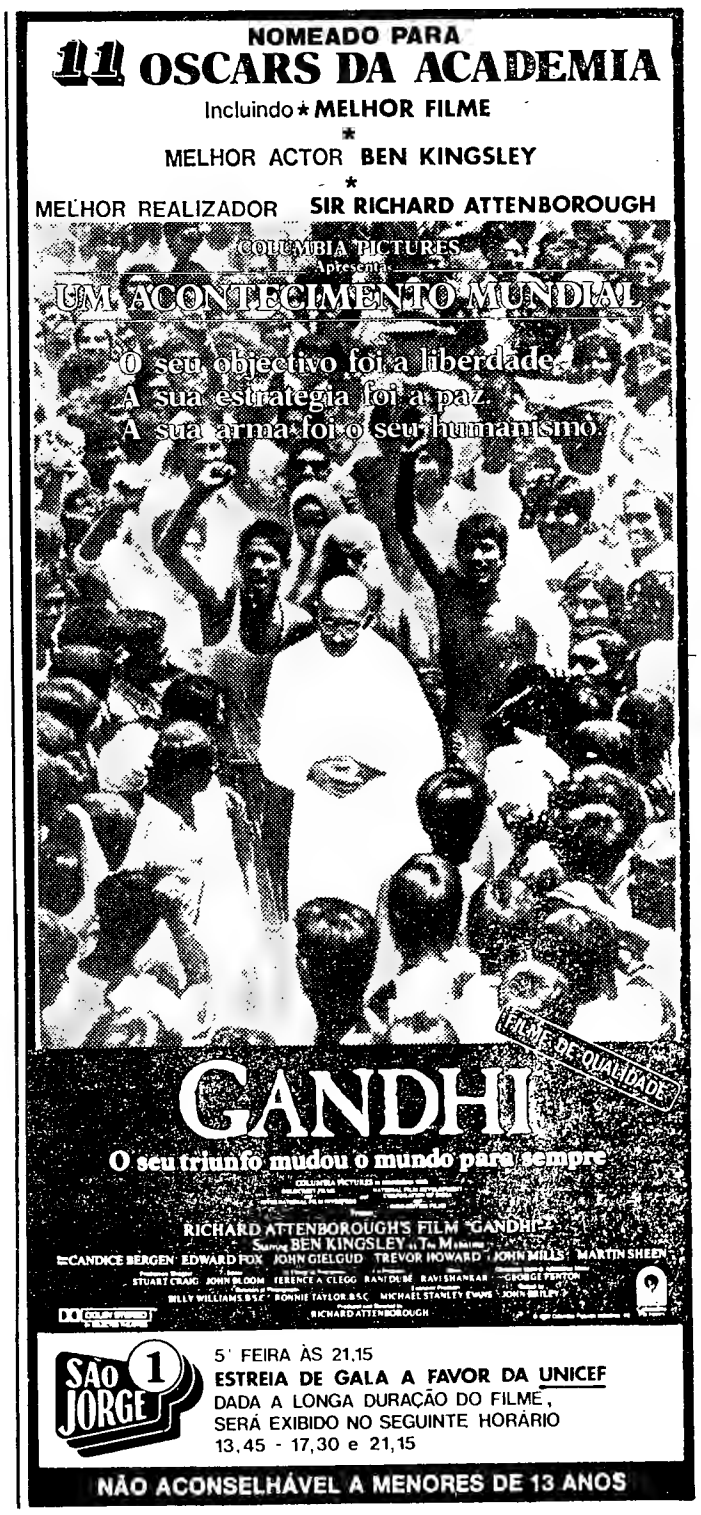
Divisão 2

Farense cada dia mais 1.º

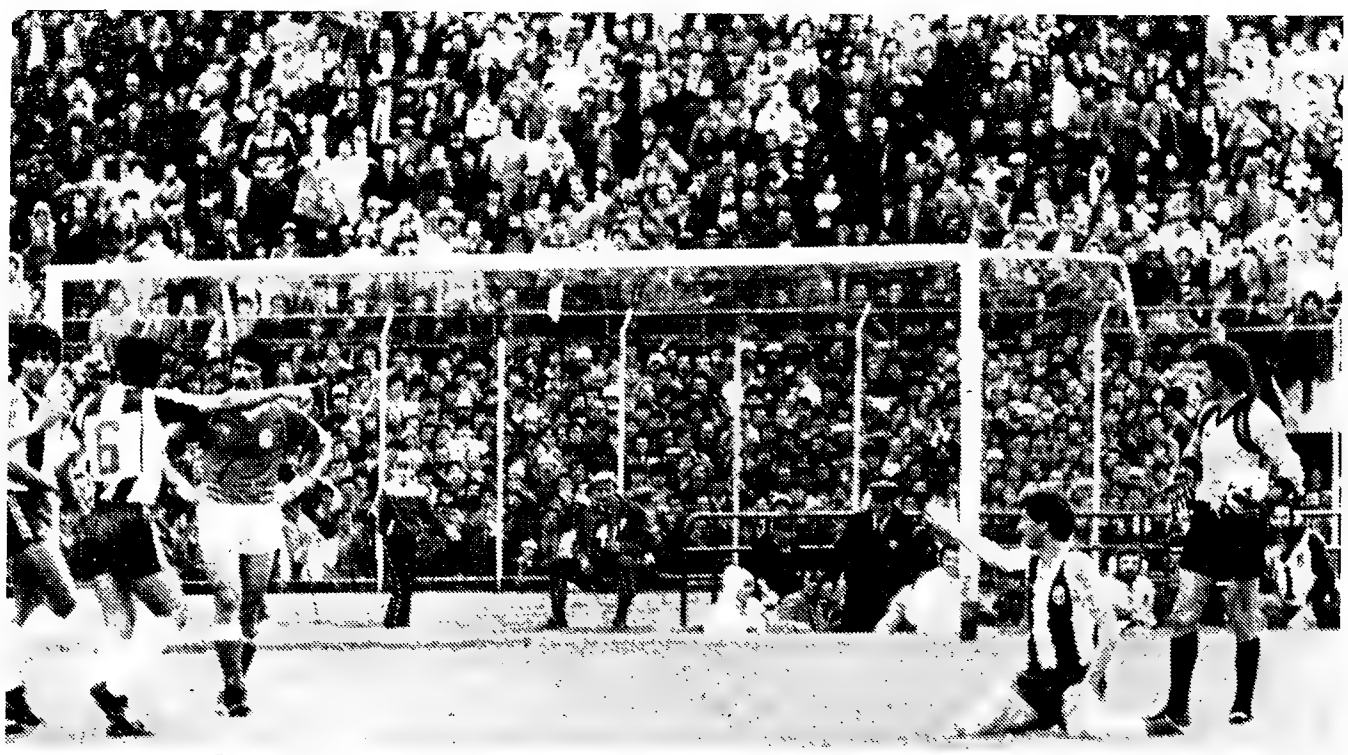
Desfechos da 22.ª jornada do campeonato da 2.ª Divisão. Zona Norte: Feirense-Gil Vicente, 0-0; Sanjoanense - Riopele, 3-0; Valonguense - Chaves, 2-2; Leça - Penafiel, 1-2; Lourosa - Paços de Ferreira, 1-0; Valdevez - Leixões, 1-0; Bragança - Vizela, 0-0; Famalicão -Oliveirense, 3-0. Classificação: 1 – Penafiel, 32 pontos; 2 – Chaves e Vizela, 27; 4 – Leixões e Paços de Ferreira, 26; 6 – Sanjoanense e Famalicão, 24; 8 – Valdevez, 23; 9 – Riopele, Feirense e Lourosa; 12 – Gil Vicente, 21; 13 – Valonguense, 19; 14 – Oliveirense, 14; 15 – Leça, 13; 16 – Bragança, 8.

Zona Centro: Águeda - Estarreja, 3-1; Anadia - Nazarenos, 5-2; Torrense - Académico, 1-2; B.C. Branco - U. Leiria, 0-0; Rio Maior - Acad. Viseu, 1-0; U. Coimbra -O. Bairro, 1-0; Est. Portalegre -Beira Mar, 3-0; Peniche - Covilhã, 3-1. Classificação: 1 – Águeda e Académico de Coimbra, 35 pontos; 3 – União de Leiria, 28; 4 – União de Coimbra, 26; 5 – Torrense, 22; 6 – Beira Mar, Benfica de Castelo Branco, Anadia e Rio Maior, 21; 10 – Académico de Viseu, 20; 11 – Peniche, 19; 12 – Estrela de Portalegre, 18; 13 – Covilhã, 17; 14 – Estarreja, 16; 15 – Nazarenos e Oliveira Bairro, 15.

Zona Sul: U. Madeira - Atlético, 1-0; Juv. Évora - Vasco da Gama, 5-1; Odivelas - Farense, 2-2; Sacavenense - Quimigal, 4-0; Barreirense - Cova da Piedade, 1-0; Olhanense - Lus. Évora, 1-0; Elvas - Nacional da Madeira, 1-0; Belenenses - Sesimbra, 2-1. Classificação: 1 – Farense, 37 pontos; 2 – Lusitano de Évora, 27; 3 – Belenenses e União da Madeira, 26; 5 – Olhanense, 25; 6 – Nacional da Madeira, 23; 7 – Juventude de Évora, 22; 8 – Sesimbra, Cova da Piedade e Sacavenense, 21; 11 – Barreirense e Elvas, 20; 13 – Odivelas, 18; 14 – Atlético, 17; 15 – Vasco da Gama, 15; 16– Quimigal, 13.



DESPORTO



Bento acaba de fazer falta sobre Walsh: era a grande penalidade que Fernando Gomes iria falhar

Eurico: a arma defensiva para segurar Nené

Antas: zero-zero

Benfica: um passo para o céu

Pode pasmar-se, mas entrei nas Antas batiam as 13 horas. E foi com Luís César, talvez o melhor secretário-técnico ao serviço do futebol português, que andei às voltas, bisbilhotando o recinto onde vai jogar-se o Bingo (pavilhão erguido por Afonso Pinto de Magalhães, quando ali casou uma das suas filhas), tomei café defronte do local onde vai crescer a piscina olímpica, verifiquei da inutilidade de um campo de treino para futebol que foi construído sobre uma pedreira e à beira de semear para quem estiver atento às bolas que saltam a vedação, falei com o velho Faria (que é a história viva do fabuloso FC Porto), escutei do sr. Plácido traços de trinta e tal Portos-Benficas a que assistiu e constatei que na secretaria continua a imperar a simpática Tininha. Depois, vi os suecos para a filmagem, os romenos para a espionagem, a miudagem a querer vender bilhetes para o **sorteio monumental** (quem compra uma rifinha por mil escudos?), presenciei a louca e quase dramática entrada dos jogadores entre magotes de público que tanto vaiava uns como delirantemente incer.tivava outros, lá andavam (encadernados de **portista a rigor**) emigrantes na Venezuela e nos Estados Unidos, estive no posto médico quando o bom do nosso ciclista «sprinter» Alexandre Ruas era operado à fractura no pulso esquerdo (contraída de manhã 45 dias de paragem) por fim fiquei (tavez com uma saudadezinha na ponta do olho) ao ver as botas que foram de Tavares Bastos, as camisolas que pertenceram a Pinga e Valdemar Mota, a bola que saltitou no campeonato de 36/37, quando os **azuis-brancos** ficaram senhores do reino.

Calmamente, fui para o local dos órgãos de Comunicação Social: daí a meia hora, estava lá tanta gente como na entrada da bancada central o que, realmente, vem provar duas coisas: que há pessoas a mais dizendo que são jornalistas e que, nas Antas, além de pessimamente colocados, os autênticos profissionais da Informação só conseguem ver alguma coisa antes do jogo principiar. Lá na gaiola, parecem exilados em Custoias.

●

Bem: o importante era o joguinho, todos os olhos nas parcelas de relvado que eram possíveis de vislumbrar lá do castelo feudal em que nos aninhávamos. E, que se reparou logo aos lances de abertura? Um Porto que descia agilmente pelos flancos e um Benfica que, sem o mais pequeno escrúpulo, entrava a defender o nulo, tal e qual como resultara com o Sporting (então só de Oliveira) ao despejar o primeiro balde de água fria sobre Pedroto. Ontem, aconteceu o segundo.

Claro que o meu bom amigo e técnico portista tem aquela mania: fala que se desunha, diz mal de meio mundo, tão depressa empurra os árbitros pela Rocha Tarpeia como atiça os ânimos da concorrência envolvendo outros responsáveis em guerrilhas de nervos. E foi o que se viu: um Benfica empertigado, a bater o pé ao Porto actual que distante fisicamente da turma que era preparada (muito bem) por Hernâmi Gonçalves, andou o último quarto de hora aos papéis, sem rei nem roque, totalmente entregue ao que o jogo desse, sem qualquer solução de ataque, apenas e só se limitando a despejar bolas para as cabeças atentas e rápidas de Humberto e Bastos Lopes que, recebendo o couro de frente, nem uma só pitada deixaram para um desmotivado Gomes (que desde que foi convencido a lutar pelo título de atirador mor da Europa até parece sem ânimo para um gracejo à namorada) ou para o irlandês Walsh, que está uma fábrica de faltas de se lhe tirar o chapéu.

●

Portanto, fiquemos já nisto: o Porto, se bem que tivesse conseguido mais **pontapés de canto** e obrigado Bento a defesas mais apuradas, nunca (paradoxalmente) teve o resultado na mão, embora a concretização da indiscutível grande penalidade lhe pudesse inocular o ânimo que foi às malvas mal o Bento segurou a bolinha. Só que, estamos também em crer, nunca o Benfica sairia derrotado do palco das Antas: tal e qual como, magistralmente, soube resguardar a redondinha (Alves, que estava a endossar mal, cobriu bem a esfera e foi mestre nessa propositada retenção) e a partir para a frente em condições tais que os dois golpes mais soberanos vieram naquele raide de Chalana travado em falta a um metro do rigor máximo e no disparo de Diamantino, quee somente pecou porque o moço inclinou para trás o tronco na altura em que calibrava a alça. Seria o bom e o bonito...

Walsh vai lá mas não chega

●

Voltemos ao fio da meada. Acorrentados Pinto e Jaime, com Rodolfo em despique pessoal com Alves e Sousa às turrinhas com Carlos Manuel, restava ao Benfica deixar passar o calendário: e viu-se todo o «team» em tarefa defensiva, nem uma só vez Nené e Filipovic no plano de golo próximo. Em contrapartida, calhou a Shéu (quatro vezes e sempre de longe) experimentar a segurança de Zé Beto, guarda-redes que deve ter atirado Fonseca e Amaral para uma reserva da república. Aqui, diga-se que espanta a quantidade e qualidade dos jogadores de que o Porto dispõe e ficam a ver navios: Júlio, Teixeira e Teixeirinha, Jaime Magalhães, Eduardo Luís, um rol que faria a inveja de qualquer grupo que também estivesse directamente interessado no título. Mas, aí a palavra pertence a Pedroto: e ninguém deve meter foice em seara alheia, mesmo quando o mestre portista é o primeiro a atirar bitates que até podiam desestabilizar a concorrência. Mas ficam como pólvora húmida.

●

Claro que o jogo foi de muitos nervos, falhando-se passes, escorregando-se muito na relva encharcada: a bola nem sequer conseguiu ser prenda celestial, porque nem os pára-quedistas tiveram ordem de embarque no helicóptero. Valeu a frenética alegria dos bombos dos Mareantes do Douro que lá iam despertando a plateia conforme podiam, até que tudo aquilo passou a ficar limitado a suspiros e bocejos, salva a honra do convento benfiquista (Fernando Martins e Jorge de Brito mais Jaime Neves, até acabariam por jantar juntos no Aeroporto de Pedras Rubras) enquanto, para cá, a longa excursão desandava pela estrada, eufórica como se triunfante. Viajámos (passe a publicidade) no excelente serviço de Praiamar Expresso, com o bólide conduzido (sem qualquer falha) por mestre Urbano, «whisky» e cerveja, «show» do Roberto Carlos e gracinhas das Doce no pequeno «écran», a malta que pertence ao Benfica já comemorando um trono que, realmente, parece cada dia mais fechado e só para a Luz. Isto porque os parceiros aproximados, fazendo erros ou baixando-se reverentes perante o cortejo dos reis, mais não conseguem que dar um arzinho de graça e ficar sempre à espera do dia próximo, da escorregadela que não há maneira de se enrolar debaixo dos pés de Eriksson, ontem sem ter a seu lado Júlio Borges (rápidas melhoras e um abraço) com o Toni lá longe a ver como são os romenos e o Fernando Caiado a funcionar como adjunto pleno do treinador de 1.ª.

●

Logo, balanço de um jogo onde não há golo, fica espartilhado. Numa calma exposta aos ventos, com o arpão benfiquista a ferir para imobilidade as camisolas azuis, resta ao Porto entregar os sonhos a raízes de fumo. E, ao espectador daquilo que lhe era permitido vislumbrar lá da gaiolinha, dar os parabéns aos soberbos Humberto, Bastos Lopes e Bento, mais aos óptimos Álvaro, Alves e Pietra, mais à abnegação de Shéu e ao fulgurante talento de Chalana, à juventude de Diamantino, Carlos Manuel e José Luis, como à experiência sagaz de Nené e Filipovic, máquinas de desgaste em todo o terreno. Sob a bandeira portuense, os aplausos também poderiam ser dilatados, não acontecesse aquele borrão na pintura feito por João Pinto, rapaz que tem de aprender a moderar-se, especialmente quando o árbitro anda ali pela área ou, no tribunal, nem tudo está favorável para a absolvição. Todavia, tanto Zé Beto como Lima Pereira, Jaime Pacheco como Frasquinho (o mal rendido) ou Sousa (o gigante de todo o tempo) entram na galeria de topo. Ficou sem se compreender a abstinência dos três indigitados chutadores de última instância, tal e qual como ninguém entendeu porque ficou Costa a banhos no período complementar. Será que ele estava a jogar mal ou que, realmente, alinhar a tempo inteiro implicava não poder Jacques ter lugar no bloco?

Muitas cogitações, algumas interrogações e uma só certeza: ainda não foi desta que a palavra de Pedroto, como a do quase desaparecido Zandinga, deu ao Porto o êxito que esperavam todos aqueles milhares que baixaram a bandeira sem sequer poderem (ao menos uma vez) despejar qualquer culpa no cartório do juiz.

Neves de Sousa

Magnífica, sem o mais pequeno lapso, foi a arbitragem do setubalense Raul Nazaré, que foi optimamente ajudado por António Jorge e José Martins.

Benfica: Bento; Pietra, Humberto, António Bastos Lopes e Álvaro; Carlos Manuel, Alves, Shéu e Chalana; Nené (Diamantino, 67 minutos) e Filipovic (José Luís , 83).

Porto: Zé Beto; João Pinto, Eurico, Lima Pereira e Jaime Pacheco; Rodolfo, Frasco (Quinito, 68), Sousa e Costa (Jacques na 2.ª parte); Walsh e Gomes.

Cartão amarelo para Lima Pereira, João Pinto, Bastos Lopes, Bento e Chalana. Expulsão de João Pinto por ter agredido a murro na cara Diamantino.

DESPORTO

Pedroto: "Bento foi o maior"

Pedroto, no final do jogo, estava visivelmente decepcionado com o desfecho:

– Felicito o Bento que foi realmente extraordinário e esteve na base do resultado. Ele foi na verdade o maior. Julgo que o jogo pode retratar-se exactamente pela exibição dos dois guarda-redes. Enquanto o Bento teve intervenções de qualidade inexcedível, o Zé Beto foi, praticamente, um espectador.

«– O Benfica fez o jogo que lhe convinha. Postou-se à defesa, como quase sempre, quando se desloca às Antas, e demonstrou muita serenidade, sobretudo no seu sector mais recuado. Depois deste resultado, é evidente que o campeonato ficou, naturalmente, mais próximo do Benfica, embora matematicamente ainda haja muita conta para fazer.

«– É absolutamente indiscutível que Walsh foi rasteirado por Bento. Quanto ao falhanço do Gomes, acontece, é futebol. Não há-de ter sido o último golo que ele falhou, há-de falhar muitos mais e há-de, certamente, marcar outros mais difíceis. Reconheço, porém, que sob o ponto de vista psicológico isso pesou no desenrolar do jogo. Se o FC Porto tivesse concretizado essa grande penalidade, o Benfica ter-se-ia aberto mais e o espectáculo seria muito melhor.

«– Raul Nazaré é indiscutivelmente um grande árbitro do futebol português, só que arbitrou à portuguesa. Como de costume, protegeu os defesas dentro da grande área e as saídas dos guar-redes, mesmo fora de tempo. Penso que esse foi o único senão, característico, aliás, das nossas arbitragens. Neste capítulo estamos ainda realmente longe da Europa».

O calmo Eriksson

Eriksson comedido, como é seu timbre:

– Gostei muito do Porto que fez uma grande exibição, tendo em vista o triunfo. O Benfica correspondeu, no entanto, àquilo que se pretendia, por isso, estou satisfeito. Devo dizer, contudo, que não gosto que as minhas equipas joguem à defesa ou que façam resultados de 0-0, como se verificou aqui. Desta vez, porém, terei de confessar que fiquei contente porque a equipa cumpriu muito bem a táctica que tínhamos combinado.

– Não há dúvida que o Benfica teve muita sorte no lance da grande penalidade, embora o Bento também tenha a sua quota parte de responsabilidade porque o defendeu muito bem.

– Sabia queseria extremamente difícil ganhar ao Porto no seu terreno e por isso sempre pensei que devíamos sacrificar o nosso estilo habitual para salvaguarda da nossa baliza. De qualquer modo, posso adiantar que dei ordens para os jogadores contra-atacarem sempre que tivessem a bola em seu poder, o que aconteceu algumas vezes sem êxito.

A vantagem do Benfica é agora mais confortável, mas isso não quer dizer que se possa facilitar. É muito perigoso pensar no título antes do tempo. Vamos com calma que logo se verá.

Controlo? Nada!

Iludindo as expectativas, não se efectuou o controlo anti-«doping» o que causou alguma efervescência nas hostes portistas. Desabafo do dr. Domingues Gomes:

– Não pode ser esta brincadeira. Mais uma vez falharam com o controlo. Entendo que devia efectuar-se em todos os jogos e não quando um grupo de pessoas decide a seu bel-prazer ou atirando uma moeda ao ar. Isto é uma questão muito séria que não pode dar para brincar. E digo isto, não porque tenha qualquer suspeita sobre algum dos intervenientes, mas apenas por uma questão de prinípio. Das duas uma: ou acabam com o controlo de uma vez para sempre e não se fala mais nisso, ou então há que assumir as responsabilidades e efectuá-lo em todos os jogos.

Bento: daí a pouco travaria a grande penalidade

Espiões nas Antas

Uma delegação do Univesidade de Craoiva, próximo adversário do Benfica nas meias-finais da «Taça Uefa», esteve nas Antas e filmou o encontro: estavam o treinador adjunto Ivan Nicolae, o repreentante do reitor da Universodade de Craiova (Teodor Roibu) e um adido da Embaixada romena em Lisboa. No final do enontro, o treinador adjunto deu a sua opinião:

– O Benfica tem uma excelente equipa, mas hoje não mostrou todas as suas possibilidades, devido ao facto de ter vindo jogar à defesa. Por isso, penso que teremos de observar outro jogo, talvez aquele que vão disputar com o Sporting, para ficar com uma ideia mais apropriada do valor do nosso adversário. Apesar de tudo, julgo que temos também as nossas hipóteses, dado que os jogadores do Craiova são bastante evoluídos tanto física como tecnicamente.

Sobre as ausências dos titulares Stefanescu e Balaci, no jogo da 1.ª «mão» (devido a estarem castigados pela UEFA) o treinado adjunto acrescentou: **Temos soluções para preencher esses lugares.**

Suecos por cá

Ingvar Jacobsson e Allan Varlsson, dois profissionais do «Gotenborg Tidningen» (periódico sueco) estão interessados em fazer a história do Benfica, agora sob a batuta do «compatriota» Eriksson. Os suecos têm acompanhado a par e passo a carreira dos «encarnados», não só no nacional, mas também na prova uefeira.

Números

Quem esteve em acção fora das quatro linhas? 200 funcionários da Associação de Futebol do Porto, entre porteiros, bilheteiros e fiscais; 80 elementos contratados pelo FC Porto para fiscalizarem as entradas e detectarem eventuais falsificações; 132 agentes de autoridade fardados, mais quatro chefes, 16 subchefes e dois comissários; 70 agentes à civil, constituindo brigadas, quer da Polícia Judiciária (na caça aos «carteiristas») quer da PSP, na «eliminação» dos «candongueiros; 25 elementos da Cruz Vermelha Portuguesa, um médico e seis macas permanentemente montadas. Apenas um caso: um pequeno de seis anos que espetou o pau da bandeira no céu da boca e teve de ser hospitalizado.

Dois casos apenas, no jogo: aos 27 minutos, tendo por protagonistas Bento e Walsh e que culminou com a marcação de um castigo máximo contra os encarnados. Depois aos 76 minutos, envolvendo Chalana e Jaime Pcheco.

Os espiões romenos

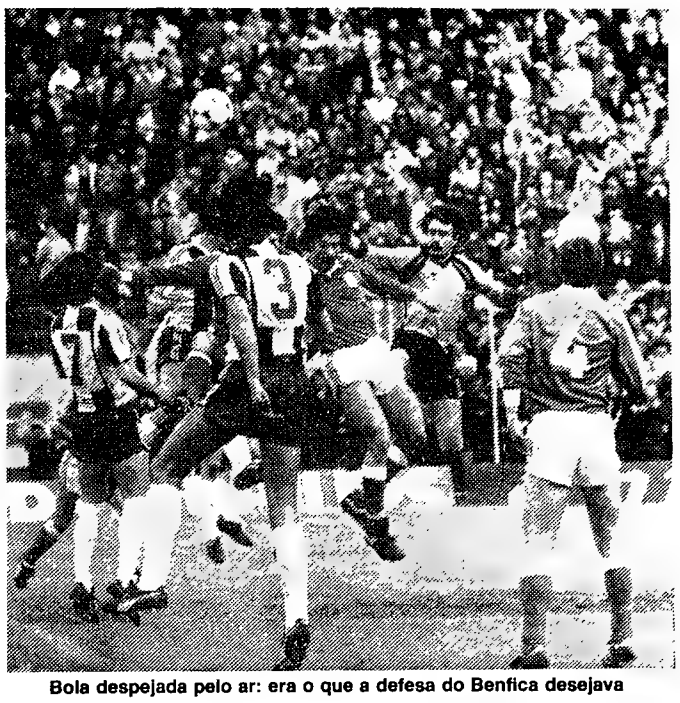
Bento: **facilitei um pouco, pois podia ter apanhado a bola mais cedo. Acontece, porém, que ao debruçar-me sobre o esférico fiquei em desequilíbrio e, naturalmente, tive de levantar uma das pernas. O Walsh veio de trás e carregou-me. Nunca vi um guarda-redes de costas para um adversário fazer «penalty». Aliás, prezo-me de ser um profissional responsável e não um louco. Então, sabendo eu que isso podia comprometer seriamente os nossos interesses e abrir as portas do triunfo ao nosso adversário, ia dar um pontapé no Walsh, como dizem para aí? Nem pensar nisso.**

Walsh: **Abeirei-me do Bento para impedir que ele «queimasse» tempo. Quando me ia a aproximar, ele levantou a perna direita e fez-me cair. Como a falta foi praticada bem dentro da área, julgo que o árbitro, não tinha outra coisa a fazer, senão mostrar o amarelo e assinalar o «penalty».**

Chalana: **Só sei que fui derrubado quando me encaminhava para a baliza. Em consciência, não posso garantir se foi dentro ou fora da área.**

Jaime Pacheco: **De facto fiz falta sobre o Chalana, mas foi fora da área. Vi que ele ia a entrar e que podia fazer golo e, por isso recorri à falta.**

Raul Nazaré: **No 1.º lance, não há qualquer carga de Walsh e Bento é que levanta a perna escusadamente. Uma rasteira dentro da área é punível com o castigo máximo e o amarelo, claro. No lance do Chalana, posso dizer que estou mesmo em cima e que vi a falta ser cometida fora da área.**



Bola despejada pelo ar: era o que a defesa do Benfica desejava

Desportivismo e amizade

Facto saliente, o gesto de desportivismo assumido por alguns jogadores de ambas as equipas, ao trocarem as camisolas entre si. Alves, o «luvas pretas» foi, até, um pouco mais longe, ao oferecer a sua camisola a José Maria Pedroto, por quem (disse) nutre «grande admiração e amizade».

Entradas a «salto»

Devido ao enorme «engarrafamento», que se verificou junto das entradas de acesso ao estádio, os autocarros que transportavam os jogadores de ambas as equipas ficaram retidos a cerca de duas centenas de metros. Porque o relógio não pára, os jogadores carregaram, a sua bagagem e a exemplo de muitos milhares dos admiradores, treparam um muro, atravessaram um campo de cultivo e acabaram por «descer» no caminho de acesso às piscinas, sãos e salvos para a partida que se avizinhava...

Manuel Neto

MICROSCÓPIO

A Federação Europeia de Ténis (ETA) designou Portugal como país organizador de uma das zonas das Taças «Rainha Sofia» e «Gálea», informou a Federação Portuguesa de Teńis. Na «Taça Rainha Sofia», na qual participam raparigas menores de 18 anos, competirão as selecções de Israel, Portugal, Suécia e União Soviética. A prova realiza-se nos dias 5, 6 e 7 de Agosto nos «courts» de Viana dee Castelo.

John Watson vence em Long Beach

O britânico John Watson (McLaren) venceu o «Grande Prémio de Long Beach», segunda prova do Campeonato Mundial de Fórmula 1. Ordem de chegada: 1. John Watson, Irlanda do Norte (McLaren), 1.53,34; 2. Nikki Lauda, Áustria (McLaren), a 27,99 segundos; 3. Rene Arnoux, França, (Ferrari), a 1.13,63 minutos; 4. Jacques Laffite, França (Williams), a uma volta; 5. Marc Surer, Suíça (Arrows), a uma volta; 6. Johnny Cecotto, Venezuela (Theodore), a uma volta; 7. Raul Boesel, Brasil (Ligier), a duas voltas; 8. Danny Sulivan, EUA (Tyrrell) a duas voltas; 9. Michelle Alboretto, Itália (Tyrrell) a duas voltas; 10. Riccardo Patrese, Itália (Brabham), a três voltas; 11. Alain Prost, França (Renault), a três voltas; 12. Nigel Mansell, Inglaterra (Lotus), a três voltas; 13. Eddie Cheever, EUA (Renault), a oito voltas.

Classificação do mundial nesta altura: 1. Niki Lauda, Áustria, 10 pontos; 2. Nelson Piquet, Brasil, 9; John Watson, Irlanda, 9; 4. Jacques Laffite, França, 6; 5. Rene Arnoux, França, 4; 6. Marc Surer, Suíça, 3; 7. Patrick Tambay, França, 2; 8. Johnny Cecotto, Venezuela, 1.

John Watson obteve a 5.ª vitória de uma carreira de 140 «Grandes Prémios», aproveitando a luta 'suicida' dos dois grandes favoritos, o francês Patrick Tambay (Ferrari) e do actual campeão mundial Keke Rosberg (Williams) e o menor andamento do veterano Jacques Laffite (Williams), Watson obteve o comando da corrida à 35.º das 73 voltas ao sinuoso circuito urbano deste «grande prémio».

Tambay, partindo da 1.ª linha, foi o mais rápido e comandou no início, seguido de Arnoux, ultrapassado à quarta volta pelos «Williams» de Rosberg e Laffite. À 15.ª volta, de forma espectacular, Rosberg conseguiu finalmente passar Tambay e instalar-se no comando, mas o duelo entre ambos prossegue até à volta 26, quando um toque ligeiro provocou danos nos dois carros obrigando ambos a desistir.

Figueira: Êxito para Joaquim Santos

Joaquim Santos (em «Ford Escort RS» 1800), venceu o «Rali da Figueira da Foz» e lidera o campeonato nacional de ralis disputadas quatro das suas 12 provas. Em 2.º lugar classificou-se João Santos, (Fiat 131 Abarth), e na 3.ª posição ficou Jorge Ortigão, (Toyota Starlet). Joaquim Santos, que fez equipa com Miguel Oliveira, venceu 11 das 12 classificativas do Rali.

Xadrez incrementado

O suiço de origem soviética Viktor Korchnoi e o húngaro Lajos Portisch suspenderam (sábado) a sua primeira partida do «match» dos quartos de final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez. Korchnoi, que joga com as brancas, tem uma ligeira vantagem que hoje lhe poderá dar a vitória.

O alemão federal Robert Hubner e o soviético Vasily Smislov voltaram a empatar na segunda das dez partidas também do torneio de candidatos.

A soviética Irina Levitina venceu a 7.ª partida dos quartos de final do campeonato do mundo feminino de xadrez, face à sua compatriota Noba Gaprindachvili. Levitina vence agora por 5-2 estando previstas mais três partidas.

Nacional feminino

O 6.º campeonato nacional de xadrez decorre em Tomar, com a participação de 29 xadrezistas de 15 clubes. Com uma partida adiada, entre Isabel Mendes e Carmen Duarte, com vantagem para esta, os resultados foram os seguintes: Alda Ferreira - Marília T. Cadillon, 1-0; Paula Gonçalves - Isabel P. Santos, 0-1; Céu Nunes - Carla Castro, 1-0; Teresa Rodrigues - Luz Vilas Boas, 0-1; Luísa Duarte - Paula Ferreira, 0-1; Ana Santos - Marília T. Cadillon, 1-0; Conceição Martins - Luz Ferreira, 0-1; Stella Costa -Elisabete Oliveira, 1-0; Clarisse Botelho - Helena Santos, 1-0; Paula Barbosa - Maria José Santos, 1-2;; Ana Bela Maciel -Sónia Silva, 1-0; Amélia Silva -Emília Tavares, 0-1; Fátima Vieira - Vanda Cristóvão, 1-0;

Juniores

Seis jogadores comandam só com vitórias o campeonato de juniores de xadrez de Portugal, após as duas primeiras jornadas realizadas no fim-de-semana em Paiã, (Odivelas). No encontro mais importante da jornada de ontem, o vice-campeão absoluto do Porto, (Luís Galego, 16 anos), venceu o campeão «open» de Portugal, (José Pinheiro). Galego e José Mesquita, (do Porto), Melão Pereira e António Oliveira, (Lisboa), António Santos, (Leiria), e Francisco Macedo, (Braga) comandam a competição com duas vitórias.

SPORT LISBOA E CABEÇÃO
CONVOCATÓRIA

Convoco a massa associativa da colectividade para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 2 de Abril do corrente ano, às 20.30 h, na sede do clube, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Ponto da situação.
2 — Continuidade ou dissolução do S.L.C.

Nota importante:

Dado que a actual Comissão de Gestão provisória cessa funções em 2/4/83, deverão os sócios encarar a possibilidade de eleição de novos Corpos Gerentes.

Cabeção, 26 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

ANTÓNIO RATO PEREIRA DA CUNHA

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal Texto: Pierre Christin **47**

Copyright Dargaud/Meribérica/- DL

continua

Festival do Filme do Jovem Cineasta

Quatro secções competitivas e duas retrospectivas integram a edição deste ano do Festival do Filme do Jóvem Cineasta, Juvecine, a realizar de 7 a 10 de Abril no anfiteatro da Escola Superiro de Belas-Artes do Porto.

O festival apresenta este ano algumas novidades em relação a edições anteriores, designadamente a exibição de uma mostra de filmes de jovens realizadores franceses, extraconcurso, e de uma outra de filmes de realizadores profissionais produzidos quando estes tinham cerca de vinte anos.

Novidade é igualmente a apresentação de obras filmadas em «super 8» que, pela sua temática e importância, ou pelo seu valor artístico, foram divulgadas em cópias de 16 ou 35 milímetros.

As secções competitivas abrangem os géneros ficção, animação, documentário e cinema experimental, para os quais foram criados dois novos prémios: o melhor tratamento sonoro do filme e melhor direcção de actores.

Nos quatro dias do festival haverá ainda debates sobre os filmes, ateers técnicos informativos, uma conferência do crítico e ensaísta Alves Costa a partir da projecção do filme «Douro, Fauna Fluvial» de Manoel de Oliveira e um colóquio sobre «As grandes questões técnicas do super 8».

Congresso Mundial de Teatro

Portugal participará no Vigésimo Congresso Mundial do Instituto Internacional do Teatro, ITI, que se realiza de 5 a 12 de Junho, em Berlim, informou o dramaturgo Luís Francisco Rebello.

Fundado no final da Segunda Guerra Mundial o Instituto tem centros em diversos países, entre os quais Portugal.

Francisco Rebello, desde a primeira hora ligado à criação do Centro Português do ITI e actualmente seu secretário-geral, assinalou à ANOP estar prevista a participação de Portugal no congresso mas, adiantou, não ter sido ainda escolhido o representante.

A filial portuguesa do Instituto foi criada há mais de 20 anos «mas só depois do 25 de Abril pôde desenvolver livremente a sua actividade», lembrou o dramaturgo e presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Autores.

Entre outros temas, o congresso discutirá «as formas teatrais, modos de comunicação e interesse do público, a posição social do artista-intérprete e função social do teatro, tradição-inovação nas diferentes culturas teatrais e sua importância para a identidade cultural e nacional e as realaões entre os diversos géneros da arte teatral e as artes vizinhas».

Participam no congresso representantes de 60 países.

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

A Direcção de Equipamento, com as suas Divisões de Manutenção, Frota, Aprovisionamento e Sector de Infra-Estruturas, que funcionava na Av. Casal Ribeiro e Av. da República passou, a partir de 1 de Março, para a nova Sede da Rodoviária Nacional — **EDIFÍCIO RN** — na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 86, Telefones 72 53 22 - 72 53 63.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

As palavras esquecidas

«A ignorância faz mais filhos do que o amor» (**Baila Comigo**)

●

«É a alma danada desta história toda das eleições» (**Óscar Acúrcio, elogiando Moniz**)

●

«Milhares de lâmpadas na Baixa. Frio nas ruas, calor nos corações» (**Telejornal**)

●

«Estão prestes a completar-se três anos sobre a invasão soviética do Afeganistão...» (**Notiçiário das 18h, no dia das eleições**)

●

« (...) para amenizar as longas horas. Haverá lembranças, bons livros e bons discos» (**Artur Agostinho, no serão das eleições**)

●

«Não posso, não devo e não quero falar» (**Freitas do Amaral no início do tal serão**)

●

«A AD rompeu-se em vários locais» (**José Teles, idem**)

●

«Guarda, a cidade portuguesa mais perto da Europa...» (**Serão idem**)

●

«Sei lá se rio ou se vou chorar» (**Larali, idem**)

●

«Se há descida na AD, é lógico que alguém suba» (**António Capucho, idem**)

●

«Não é o Governo que está em causa» (**Ângelo Correia, idem**)

●

«Ainda é cedo para a AD estar no Inferno. Por enquanto está no Purgatório» (**Lucas Pires, idem**)

●

«Uma economia à beira do colapso» (**Álvaro Cunhal, idem**)

●

«Têm sido difíceis os contactos com os dirigentes da AD...» (**às 2h e 28m, do mesmo serão**)

●

«Abaixo de 43 por cento, seria uma derrota da AD» (**José Miguel Júdice, idem**)

●

«Breyner adormeceu e não há ninguém que o acorde» (**Óscar Acúrcio, idem**)

●

«O PS limitou-se a recuperar» (**Balsemão, 3 horas, idem**)

●

«A subida é do PPM» (**Ribeiro Teles, idem**)

●

«Há câmaras que não têm arquitectos; umas têm mas não querem saber do que eles pensam...» (**Isabel da Fonseca, em «TV Repórter»**)

●

«A Juventude Monárquica apresenta-se como alternativa evidente à incapacidade que prevaleceu até há pouco na vida escolar.

«A Juventude Monárquica bate-se pelo reencontro do nosso povo com a sua tradição e cultura, através de um novo modelo de sociedade em desenvolvimento apoiado na restauração da Monarquia em termos populares, capaz de garantir a convivência entre portugueses na unidade de um destino comum» (**Tempo de Antena do PPM**).

●

«Mota Pinto contínua com fortes possibilidades de suceder a Pinto Balsemão» (**Bom Dia Portugal, 27-12-82**)

●

«Estados Unidos: nevões em seis Estados. Vento derruba postes de electricidade e árvores. Pessoas receberam tratamento hospitalar» (**Telejornal**)

●

«A JSD é o maior movimento juvenil português» (**Tempo de Antena do PSD**)

●

«A ajuda do PS (na revisão da Constituição) não foi total» (**Balsemão, em T. A. do PSD**)

●

«Ficaremos a saber mais coisas quando levantarmos o tapete e virmos «la mierda» que está por baixo» (**Felipe Gonzalez, no último comício eleitoral**)

●

«Dois milhões de desempregados: as palavras já não chegam...» (**Marcelino Camacho, campanha eleitoral**)

●

«A luta continua, a AD para ...» (**concentração dos operários da Setenave, imagens no Telejornal, corte oportuno**)

●

«Festa é Festa» é um programa limpo, sério, divertido» (**Helena Vaz da Silva**)

Hoje

1 RTP

Na RTP-1, exibem-se esta noite, os 1.º e 2.º episódios de Jesus da Nazaré

16.23 **Nel Blu Dipinto di Blu (Volare)** – Realizador: Piero Tellini. Interpretes: Domenico Modugno, Giovanna Ralli, Arianna, Elisabetta Velenski, Franco Migliacci, Vittorio de Sica
18.05 **Tempo dos Mais Novos**
18.45 **Encontro com a Ciência**
19.25 **O Tempo**
19.30 **Telejornal**
21.30 **Telenovela «Origens»** (1.º episódio)
21.35 **Jesus de Nazaré** (1.º e 2.º episódios). Intérpretes: Robert Powell, Anne Bancroft, Claudia Cardinale, Tony le Bianco, James Mason, Lawrence Olivier, Christopher Plummer, Anthony Quinn, Rod Steiger, Peter Ustinov, Michael York. Realizador: Franco Zeffirelli
22.40 **Útimo jornal**

Na RTP-2, exibe-se mais um episódio da Telenovela «Cabocla»

2 RTP

19.19 **TV/2 Notícias**
19.30 **Desenhos animados**
19.55 **Computadores**
20.30 **2.ª Volta**
22.00 **Jornal da Noite**
22.20 **Telenovela «Cabocla»**

Amanhã

1 RTP

08.00: Bom dia Portugal; **09.50:** Desenhos animados; **10.15:** Nós e a lei; **10.30:** Curso de Complemento de Formação de Professores; **11.20:** «Correio aéreo»; **12.15:** «Baila comigo»; **13.00:** Jornal da tarde; **16.45:** Lassie regressa a casa; **18.15:** Tempo dos mais novos; **18.50:** Indústria alemã; **19.25:** O Tempo; **19.30:** Telejornal; **20.30:** Vamos jogar no Totobola; **20.40:** Shogun (5.º episódio); **21.40:** Grande reportagem; **22.50:** Ultimas notícias.

2 RTP

19.20: TV/2 Notícias; **19.30:** Desenhos animados; **19.55:** Quinta dimensão; **20.20:** Cineclube/2 com o filme «Como apanhar um milhão»; **22.00:** Jornal da noite.

JORNAL MENSAL DE MEDICINA NATURAL

—NATUROPATIA—

Já se encontra à venda em todo o País
—Preço 25$00—

Assinatura anual 12 números 300$00
REDACÇÃO — Av. Miguel Bombarda, 147, 2.º, Dt.º
—LISBOA—

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-G – 1300 LISBOA

notas & notas
concurso RTP
Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Tel. _____
Código Postal _____ _____
Lic. TV Nº _____

MUNICÍPIO DE LOURES

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

2670 LOURES

SAUDAÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial e a derrota do nazismo, grandes massas juvenis se movimentaram em torno da reconstrução, dos ideais de paz e da liberdade.

Em Portugal, no ano de 1947, quando confraternizavam milhares de jovens, num acampamento promovido pelo MUD Juvenil, a PIDE, ao serviço do fascismo, interviu e fez prisões em massa.

A resposta imediata constituiu uma demonstração da firmeza, coragem e unidade juvenil. Uma poderosa movimentação obrigou as forças repressivas a recuar e a libertar os jovens presos.

Assim, o 28 de Março é um símbolo, um exemplo da luta da juventude pelos seus direitos, por um mundo livre, de paz e fraternidade.

O espírito de luta, abnegação e generosidade da Juventude Portuguesa permitu-lhe encontrar sempre as adequadas formas de luta contra o fascismo. São exemplo disso mesmo a União da Juventude Portuguesa e as Comissões Cívicas da Juventude.

Depois do 25 de Abril, com os governos constitucionais, viu a juventude agravarem-se os seus problemas, com o aumento vertiginoso do desemprego, a institucionalização e utilização abusiva dos contratos a prazo, os programas e acesso ao ensino inadequados, a falta de formação profissional, a limitação dos meios que permitem constituir família, são alguns exemplos.

Para a jovem geração, comemorar hoje o 28 de Março significa continuar a luta para derrotar as forças do passado e criar as condições para a constituição de um governo e uma política que defenda as conquistas de Abril, que assegure a Independência Nacional, que permita ultrapassar a crise e resolver os problemas da juventude e do país.

Não pode portanto, a Assembleia Municipal de Loures deixar de saudar a Juventude Portuguesa, certa de que com a sua sua participação activa, construiremos um mundo e um futuro melhor.

APROVADO POR UNANIMIDADE

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP «Jesus da Nazaré» (21.35)

2 RTP «Cabocla» (22.20)

...e sugere para hoje...

«ORIGENS»
Episódio n.º 1

Luís e Dourado conversam no atelier de arquitectura em que trabalham, em Lisboa. Luís fala especialmente de música. Teresa, de quem Luís está divorciado vai ao atelier. Na mesma manhã está em câmara ardente o pai de Francisco, casado com Maria Júlia. Na casa mortuária encontram-se numerosas pessoas, entre as quais Esmeralda, uma antiga empregada do velho hotel de termas, propriedade do morto, Lopes e Morato, candidatos à compra do hotel, etc. Gaspar acaba o ensaio na orquestra sinfónica. Ao atravessar a rua é obrigado a parar à passagem de um funeral. Gaspar dirige-se a casa de Luís, de quem é amigo. Entretanto, Luís e Teresa deixam o atelier e vão até casa do primeiro, para falarem sobre a filha de ambos. Gaspar já lá está. Mais tarde, no velho hotel das termas, aonde Francisco e Júlia vão levar a empregada Esmeralda, encontram-se com Lopes, Morato e a secretária deste, os quais insistem no negócio da compra do hotel

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

«Viva o Piano» é o título do concerto que o compositor e intérprete catalão Carles Santos vai realizar hoje, às 18.30, no Auditório Dois da Gulbenkian. Um dos mais notáveis operadores da música contemporânea espanhola, Carles Santos tem participado, dentro e fora de Espanha, em primeiras audições de compositores como John Cage, Otte, Delás, Reich e muitos outros.

Cinema

Integrado no programa de comemorações do seu III aniversário, o Cineclube de Caminha promove, de 29 de Março a 2 de Abril, um ciclo de cinema musical, um colóquio sobre a actividade cultural no concelho e um recital a cargo do Coro Misto da Universidade de Coimbra. Durante o mesmo período decorrerá um curso de iniciação à linguagem cinematográfica que será orientado por José Vieira Marques e Jean d'Yvoire.

Conferências

Por iniciativa conjunta do Núcleo de Sociologia Histórica do Instituto Gulbenkian de Ciência e da Secção de Antropologia Social do ISCTE realizam-se nas instalações deste instituto, à Avenida das Forças Armadas, as seguintes conferências públicas: amanhã, às 10 horas, «Political and Secular Change», por Peter Laslett; dia 30 de Março, às 10 horas, «Systems of Household Formation in Historic Europe», por John Hajnal.

Teatro

Nola Rae repete hoje e amanhã, no Porto, às 21.30, no Carlos Alberto, o espectáculo de mímica que apresentou em Lisboa com êxito. «Grandes Loucos da História» é o título da função que a actriz canadiana radicada em Londres traz agora até nós.

«Passo a Passo», exposição da artista brasileira Irene Buarque, está patente na Diferença

Rádio

Destaques do Programa Dois da RDP: hoje, às 19.30, «Terra Viva, Planeta Azul»: a agricultura biológica (realização de Gil Montalverne). Amanhã, às 19.30, «Música em Diálogo» com a Orquestra Sinfónica do Porto e o maestro José Atalaya: concerto na Igreja de Alfena (Valongo) – comentários e análise do 1.º andamento da 2.ª Sinfonia de Beethoven; às 22.30, «O Gosto pela Música», por João de Freitas Branco: a interpretação de sonatas de Haydn, em instrumentos históricos, por Paul Badura Skoda (realização de Bernardino Pontes).

Exposições

Uma exposição de tapeçaria de artistas contemporâneos está patente ao público no Museu Nacional do Traje. Os visitantes poderão, além da referida exposição, apreciar uma outra, de características diferentes mas assente no mesmo tipo de material que serviu de base à primeira: os têxteis. Trata-se, no segundo caso, de «300 Anos de Traje», uma «digressão» pelos estilos de vestir que ao longo do tempo, foram fazendo moda e, em maior ou menor grau, sujeitaram homens e mulheres aos seus ditames.

A artista brasileira Irene Buarque apresenta na Galeria Diferença, em Lisboa (R. S. Filipe Neri, 42, 1.º) a sua exposição «Passo a Passo»: pés no chão ou alguns fragmentos de caminhos percorridos, de 1980 a 1983, em viagens por Portugal, Brasil, Espanha, China e Japão.

Olinda Colaço expõe pintura em Coimbra, na Galeria de «O Primeiro de Janeiro». A mostra, organizada pelo Movimento Artístico de Coimbra, estará patente ao público até 30 do corrente.

Uma exposição de pintura do artista montemorense Manuel Ganso está a decorrer em Évora até ao próximo dia 31. O certame, aberto ao público na Academia de Música Eborense, é composto por cerca de trinta trabalhos, alguns inéditos. Manuel Ganso nasceu em Montemor-o-Novo, distrito de Évora, em 1972, tendo participado em diversas exposições individuais e colectivas no País e no estrangeiro.

Uma exposição de arte de Adelino Ângelo está patente ao público, nas instalações da Delegação da Direcção-Geral da Comunicação Social, no Porto. A mostra de Adelino Ângelo – que apresenta os seus trabalhos até 5 de Abril – inaugura um ciclo de exposições de artistas nacionais programado para a delegação portuense da DGCS.

PS e PSD medem forças

Continuação da pág. 6

mesma relação de forças e se possível eleger um quarto deputado.

«Quem vai ficar sem ele não sei. Poderemos ir buscar votos tanto ao CDS como ao PS. Temos dificuldade em captar votos na área do CDS por causa do caciquismo que ainda impera».

Viana do Castelo é um dos distritos onde a ideia de uma nova AD talvez não frutifique. Pelo menos a anterior AD está bem esquecida pelos sociais-democratas.

Deixou saudades no distrito?

«Deixou. Ao CDS, porque lucravam. Nas autarquias todo o material humano e meios técnicos eram do PSD. O CDS apenas tomava conta dos lugares. Depois diziam que estavam a crescer e que eram maioritários.»

No seio do PSD há um sentimento de que o CDS explorou em termos materiais e políticos a aliança e os militantes sociais-democratas reagiram mal a essa relação e aos anúncios de crescimento do seu parceiro.

Na opinião do dr. Vítor Loureiro, o eleitorado continua fiel ao PSD e o partido está perfeitamente unido.

«Não vai haver perturbações. Mas a sua solidez deve ser medida ao nível das bases. E isto é válido também para nós que somos cúpulas distritais.»

CDS — um homem tranquilo

Um homem tranquilo é o dr. Manuel Coutinho, presidente da Comissão Executiva Distrital do CDS e actual governador-civil do distrito. Diz acreditar na inteligência do povo e, mesmo não gostando de fazer prognósticos, está convencido de que o CDS vai colher melhores resultados.

«E que o CDS é a única experiência que falta fazer. Sozinho ou a liderar o processo. Fez-se a experiência com os militares, com o PC, PS e ainda se está a fazer a experiência do PSD, visto que é o PSD que lidera. A nossa experiência falta fazer».

O responsável centrista afirma que além do mais, o CDS tem sido muito bem comportado, liderado pelo seu parceiro na AD.

«O PSD é o partido que tem mais afinidades connosco». Afinidades?

«São os parentes mais próximos... Claro que eu não sei muito bem o que é a social-democracia».

O dr. Vítor Loureiro tem da política uma concepção muito pessoal e acha que as grandes motivações de adesão aos partidos não são ideológicas, antes têm a ver com os respectivos líderes.

Não liga também grande importância aos factos políticos e aos ataques que lhe são feitos.

«Até já me chamaram fascista e lacaio do fascismo... Afinal chamavam isso a todos».

Não recusa que teve ligações com o anterior regime em cargos públicos e parece levar a política a sorrir.

«Este trabalho de eleições tem de fazer-se com alegria e correcção».

Mas o PS vai ganhar?

«Creio que não»

Mas o PS está triunfalista.

«Se o PS não dissesse ao menos isso o que é que dizia? Partia derrotado? Mete-se pelos olhos dentro que somos a experiência que falta fazer e até já demos provas de que sabemos fazer».

AV

MARQUISES
E CAIXILHARIA EM ALUMÍNIO ANODIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
CAIXILUX
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.
DIVISÓRIAS
ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO
Aberto das 9 às 19 h
Rua Francisco de Holanda, 28A
Telef. 777488 - 776323 — 1100 Lisboa
Fábrica — 9801203
Almada — 2755743 - 2755806

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 186
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	74$20	80$20
ALEMANHA FED (marco)	39$70	40$80
AUSTRIA (xelim)	5$50	5$70
BELGICA (franco)	1$822	2$022
BRASIL (cruzeiro)	$060	$160
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	78$10	80$10
(notas de 5 a 1000)	78$60	80$60
DINAMARCA (coroa)	11$15	11$55
ESPANHA (peseta)	$670	$790
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	96$00	98$00
(notas de 5 a 1000)	96$50	98$50
FINLÂNDIA (marka)	17$55	18$15
FRANÇA (franco)	13$25	13$95
HOLANDA (florim)	35$35	36$35
INGLATERRA (libra)	140$45	144$45
IRLANDA (libra)	125$95	129$95
ITALIA (lira)	$060	$070
JAPAO (yen)	$051	$086
NORUEGA (coroa)	$366	$404
SUECIA (coroa)	13$30	13$80
SUIÇA (franco)	12$75	13$35
VENEZUELA (bolivar)	46$45	47$55
	9$50	10$50

Observações
1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

rádio

«Antena Um»

17.00: Zghibz (tranquilamente ao entardecer, na Antena Um); **18.30:** Informativo de Trânsito; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** Folhetim – «Cristo Recrucificado», original de Nikos Karantzaki; **20.15:** O Espaço é Seu; **21.00:** Toda a Gente é Pessoa; **21.30:** Viva a Noite; **23.30:** Último Jornal – Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

15.15: Música Varaida: Combatimento di Tancredi et Clorinda, de Monteverdi. Suite em mi menor, de Rameau. Stabat Mater, de Scarlatti. Lamento por um herói, de Liszt; **17.00:** Musicantes; **17.30:** Quarteto em dó maior k. 465, de Mozart-**18.05:** Culturando; **19.30:** Terra Viva, Planeta Azul – agricultura biológica; **20.10:** Concerto em ré maior para violino e orquestra, op. 61, de Beethoven; **21.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **22.00:** Tudo isto e Música Também; **22.40:** Solos de Órgão; **23.00:** Intercâmbio Musical – o Festival de Salzburgo 1982, em gravações cedidas pela ORF, Radiodifusão Austríaca. Recital de violoncelo e piano por Heirich Schiff e Christian Zacharias; **01.00:** Fecho – noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial
Onda média (283, 290 e 387 m.)

14.00: Matinée; **17.00:** sortido Fino; **20.00:** Conta Corrente; **20.30:** Quando o Telefone Toca; (3 edições); **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos – hora luterana; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 24.ª Hora – noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 Mhz)

15.00: O Vapor; **16.00:** o Som da Frente; **18.00:** Círculo em FM; **21.00:** Abandajazz; **22.00:** Café Concerto – noticiários de hora a hora.

Rádio Renascença
Rede nacional de OM e FM

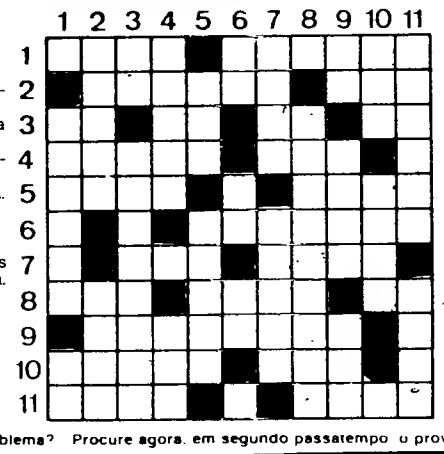
12.50: Bola Branca; **13.00:** Todos à Uma; **15.00:** Equipa da Tarde; **18.00:** Jornal das Regiões; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Programa da LAR; **20.00:** Horizonte; **21.00:** Hora de Música; **22.00:** Ouvir e Pensar (inclui «Rosa dos Ventos»); **23.00:** Última Hora; **23.55:** Meditando – noticiários intercalares todas as horas
Rede Sul de FM

14.00: Duas Vezes Seis; **21.00:** Quando o Telefone Toca, **21.30:** Pajú

Tiragem media diaria do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13697



HORIZONTAIS:

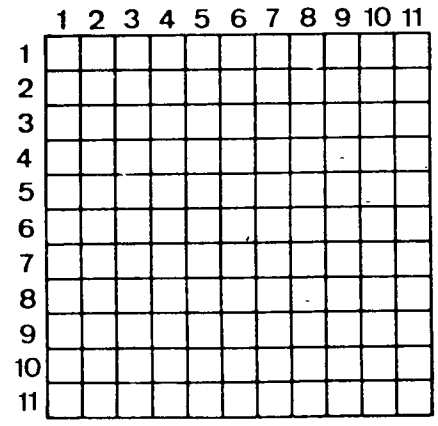
1 Numeral cardinal. Idole (pl.).
2 Instrumentos musicais. Antiga medida de capacidade.
3 Segundo. Bário (s. q.). Basta! Nota musical.
4 Freguesia do concelho de Amarante.Donzela de Orleães.
5 Freguesia do concelho de Arouca. Cidade de Itália.
6 Morrem.
7 Nossa Senhora. Passais.
8 Fecha as asas para descer mais depressa. Forma antiga de Sara. Alumínio (s. q.).
9 Acertara casualmente.
10 Levem à toa. Chiste.
11 Molesta. Rio de Portugal.

VERTICAIS:

1 Semelhantes. Alumínio (s. q.).
2 Preparar com ópio. Pequeno barco de recreio.
3 Segundo. Gorjeios.
4 Grande sábio. Mãe de Rómulo e Remo.
5 Recusa. Executam.
6 Medida japonesa a dois decilitros.Vossa Alteza. Prata (s. q.).
7 Pronome demonstrativo. Aves australianas.
8 Desviaram de um lugar.
9 Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Bata em (fig.). Gento de Maomé.
10 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Móvel sobre o qual se come.
11 Foram para fora. Aliança.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9547



HORIZONTAIS:

1 Presença acidental de ácido hipúrico na urina do homem.
2 Oculta. Sinal
3 Rouco. Lavras.
4 Uma das Novas Hébridas na Melanésia. Nome de letra. Jogo também chamado Jogo de Glória.
5 Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. Móvel sobre o qual se come.
6 Punha sobre.
7 Artigo definido (ant.). Louco. Rádio (s. q.).
8 Oferecemos. O memo que ecrãs.
9 Tira de fígado temperada e frita. Camareiras.
10 Oferecei. Patas .Prendo.
11 Seco. Nome de flores.

VERTICAIS:

1 Ave doméstica do Peru. Rogada.
2 Gruta. Causar lesão a.
3 Tempo do verbo haver. Mil cento e dois em romano.
4 Árvore venenosa da Malásia. Mancha.
5 Deus dos pastores. Burros. Rio de Itália.
6 Pago. Pronome pessoal. Hélio (s. q.).
7 Rádio (s q.). Querido. Érbio (s. q.).
8 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Repdoduz na imaginação.
9 Decorosa. Esteiros.
10 Bolsa. Continua.
11 Tosquia. Apelido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13696

HORIZONTAIS

1 Crateras. Pi.
2 Are. Imitar.
3 Isara. Agá.
4 Abatia. Arad.
5 Nanos. Aparo.
6 Eça. Piadas.
7 Ló NÃO Rãs.
8 Dó. Lua.
9 Surra. Sono.
10 Pêra. Cs. Ras.
11 Amasso. HÁ.

VERTICAIS.

1 PANELA. Pa.
2 Rã. Baco. SEM
3 Ariana. Dura.
4 TESTO. Noras.
5 Ais.
6 Rirá. Polacos.
7 Ama. Aí.
8 Si. Aparas.
9 Tarada. Ora
10 Pagaras. Na.
11 Irados. Rosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9546

HORIZONTAIS

1 Arrostaram.
2 Meada. Lorpa.
3 Am. Er. Timor.
4 Dão Oiã. Tia.
5 Area. Aa
6 Acudira.
7 Pesa. Aves.
8 Ali. Pás. Ela
9 Sioba. Lis.
10 Mãe Brasa.
11 Assas. Airão.

VERTICAIS

1 Amada. Pasma.
2 Remar. Elias.
3 Rã. Ocasiões.
4 Ode. Aca.
5 Saro. Paus.
6 India.
7 Alta. Saba.
8 Rói. Era. Ri.
9 Irmã. Avelar.
10 Apoia. Elisa.
11 Marta. Sasão.

Provérbio: NÃO HÁ PANELA SEM TESTO.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
N. acons. m/13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m/13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 15, 18 e 21.30 – Para Todos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
Aqui estão eles à solta mas a tropa apanhou-os

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
15.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Falado em português
Para todos
DUMBO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 18.30 e 21.30
N. acons m/13 anos
TOOTSIE — QUANDO ELE ERA ELA

CINE 222 579460

Av. Pr da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES
Às 24
IVES, O TEMERÁRIO

CITY CINE .49999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
Às 23.45
PROMESSAS NA ESCURIDÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
– Int. men. 13 a.
9.ª Semana
Às 24.00
PINK FLOYD – THE WALL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
SHALIMAR

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos
A GRANDE PARÓDIA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 16 anos
A FÚRIA DO HERÓI

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19 e 21.30
– Para Todos
Les Charlots vão à inspecção militar e começam as grandes barracadas!
OS MALUCOS DA CASERNA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
FUGA PARA A FELICIDADE

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
5.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
ATOR – A ÁGUIA INVENCÍVEL

MONTECARLO 681117

Av Pedro Alvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
BELDADES SELVAGENS DA IBIZA

MONUMENTAL 555131

P Duque de Saldanha

Às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
A FÚRIA DO HERÓI

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A ESTRANGEIRA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.

BIG-BOSS O IMPECÁVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
DEMÉTRIO, O GLADIADOR

A ESTRANGEIRA, um filme português de nível internacional em exibição no NIMAS

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
14, 15.45, 17.30, 19.15, 21, 22.45
FIM DE SEMANA SANGRENTO
Às 00.15
PASQUALINO DAS 7 BELDADES

SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
Às 23.30
FITAS LOUCAS

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
HOMENS PARA QUEIMAR

SALA 4
As 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO
As 00.15
O HERÓI SACRÍLEGO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANGELO
4.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
7.ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
– N. ac. men. 13 a
BAIRRO DA LATA
11.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
– Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
11.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– Int. men 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
29.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11.00, 13.00, 15.00, 17.00, 19.00
N. acons. m/13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 21.30 e 23.30
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
Falado em português
DUMBO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS

XENON 368480

Av da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19, 21.30
– Int. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA SANGRENTO
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Christiane F.», às 21.45 (18
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre», às 21 30 (13 anos)
OLIMPIA – «Sexo alucinante» (18 anos) Sessões permanentes
CAPITÓLIO – «Os Bombeiros do sexo», às 21.00 e 23.00 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO – «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)
ZODÍACO – «O Mistério da ilha dos Monstros» 21.30 (13 anos)
2000 – «O vulcão» 21.30 (13 anos)
RESTELO – «O bar da última esperança» 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «A Vingança de Shaolin», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA NACIONAL – «Frankenstein Criou uma Mulher», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «O bar da última esperança» 21.15 (13 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Noites escaldantes» 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Loucamente apaixonado» 21.30 (6 anos)
CASCAIS – Oxford – «Gelado de Limão IV», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «Os deuses devem estar loucos» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio– Vitor, Vitória» 21 30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Assim nasce um herói» 21 30 (18 anos)
CACÉM – Cine Estúdio Flores– «A grande desforra» 21.30 (18 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «A Carga de Búfalo branco» 21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Loucos ao Volante», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «A Canção da esperança» 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «E.T. O Extraterrestre» 21.15 (6 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Perigo iminente» 21.15 (13 anos)

Porto

COLISEU – «A fuga do herói» 21.30 (18 anos)
BATALHA – «Onde se meteu a 7.ª Companhia» 21.45 (6 anos)
ESTÚDIO – «Sombras brancas» 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Romance em Nova Iorque» 21.00 (13 anos)
JÚLIO DINIZ – «Uns e outros» 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Dombo» 21.45 (6 anos)
BEBÉ – «Yol-licença precária» 21.45 (13 anos)
OLÍMPIA – «Contra-ataque» 21.30 (18
TERÇO – «007 missão ultra-secreta» 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «A Estrangeira», às 21.45 (13 anos)
FOCO – «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «E T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Veredicto», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Papuça e dentuça» 21.45 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE – Marbel – Av. Roma 131 A (Tel. 776235); **ANJOS-CHILE – Castro** – Av. Almirante Reis 76 A (Tel. 821973); **CAMINHOS DE FERRO – Vilalobos Santos** – Rua Cruz St. Apolónia 90-92 (Tel. 847019); **CASTELO – Bastos Andrade** – Cç Santo André 107 (Tel. 860450); **CHELAS-COLÉGIO VALSASSINA – Santos Silva** – Zona N.º 2 de Chelas Bloco III Lote 226 Loja 22 (Tel. 386255); **CONDE BARÃO – Açoreana** – Lg Conde Barão 2 (Tel. 661330); **BENFICA – IGREJA-CEMITÉRIO – Lisboa** – Rua Cláudio Nunes 73 A (Tel. 703393); **LAPA – Neves** – Rua Bela Vista à Lapa 37 (Tel. 661251); **REGO – G. Silva** – Rua Francisco T. Costa 3 AC (Tel. 771873); **RIO SECO – Biotifar** – Rua D. João Castro 27 B (Tel. 638824); **ROMA – TEATRO M. MATOS – São João de Deus** – Rua Pedro IVO 1 AB (Tel. 885140); **SALDANHA – Cardeira** – Av. Duque d'Ávila 32 C (Tel. 543495); **ALGÉS – Dias & Saraiva** – Rua Major Afonso Pala 19 (Tel. 2114487); **BRANDOA – Brito** – Rua do Colégio Lt 32 B (Tel. 993351); **ODIVELAS – Nabais Vicente** – Rua A lt 19 A Urb. Codivel; **PAMPULHA – Hospital da CUF** – Calç do Sacramento (Tel. 609111).

REFORÇO

ALCÂNTARA – Nogueira – Rua de Alcântara (Tel. 637563); **CAMPO PEQUENO – AV. DA REPÚBLICA – Alcântara** – Av. da República 74 A (Tel. 771379); **BAIRRO ALTO – Pinharanda** – Rua da Rosa 94-96 (Tel. 321534); **CAMPO D'OURIQUE – Porfírio** – Rua Francisco Metrass 59 B (Tel. 663349); **CHILE – Bastos** – Rua Morais Soares 91 D (Tel. 844350); **CONDE REDONDO – Salus** – Rua Luciano Cordeiro 73 (Tel. 542239); **ENCARNAÇÃO – Ascenso** – Pç do Norte 11 A (Tel. 311216); **LUMIAR – São Tomé** – Est. do Desvio Lt 12 A (Tel. 790704); **PICHELEIRA – Mariuz** – Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **PRAÇA DE LONDRES – Imperial** – Av. Guerra Junqueiro 30 B (Tel. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA – Sousa** – Est. de Benfica 429-431 (Tel. 780027); **SÃO SEBASTIÃO – São Sebastião** – Lg. S. Sebastião Pedreira 1/3 (Tel. 548642); **BURACA – Vaz Martins** – Rua António Ferro 6A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores 11 A(Tel. 910305); **PRIOR VELHO – Matos** – Tv Prioras (Tel. 2519939); **PONTINHA – Pimentel** – Az dos Bezouros Lt R8 (Tel. 991434);

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-rc (Tel. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª, 40-B (Tel. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb.º (tel. 2421015) Até às 22 horas); **CAXIAS – nova – R. Bernadim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Até às 22 horas; CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel 2470037) Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 22 horas; **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial dr. Augusto Castro, lote 10 (Tel. 2430091) Permanente; **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, 42 (Tel. 2471785) Permanente; **SASSOEIROS – Amaral Semblano** – Quinta das Encostas – até às 22 horas; **MADORNA – Madeira** – Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria Carlos Anj. (Tel. 2682313) Até às 22 horas; **ESTORIL – Marques dos Santos** – R. Ferreira J.A., 15 (Tel. 260116) Até às 22 horas; **CASCAIS – Marginal** – Av. Maginal (Tel. 280078) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA – Amadora– P. 25 de Abril, 3-A (Tel. 935518) Permanente; **Soares Correia** – Est. das Águas Livres, 28 Até às 22 horas; **DAMAIA – Confiança** – R. Bartolomeu Dias, Lote D (Tel. 970231) Até às 22 horas; **QUELUZ – Vasconcelos 6** Est. Part. Henq. Pousão (Tel. 964649) Até às 22 horas; **CAMARATE – Batalha** – A Avelino S. Oliv.ª, 5 (Tel. 2518669) Até às 19 horas; **CACÉM – Central** – R. Elias Garcia, 55 (Tel. 9240034) Permanente; **MEM MARTINS – Química** – Est. de Mem Martins, 285 (tel. 9210012) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas; **COLARES – Abreja** (Tel. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (Tel. 980456) Permanente; **MOSCAVIDE – Varela** – Av. Moscavide, 44-B (Tel. 2518520) Permanente; **SACAVÉM – Lourenço** – R. Almirante Reis, 31 (Tel. 2518151) Até às 22 horas; **LOURES – Saraiva** – Av da República, 96 (Tel. 2530027) Até às 22 horas.

Outra banda

ALMADA – Cristo Rei – Av. Cristo Rei, 31-A (Tel 2766498) Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE – Cerqueira Afonso** – L. 5 de Outubro, 18 (tel. 2750254) Permanente; **LARANJEIRO – Tovar Chaves** – R. dr. António Elvas, 104-D (Tel. 2296119) Feijó até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA – Chai** – Av. General Humberto Delgado (Tel. 2403218) Até às 19 horas; **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Mascarenhas Neto** – R. D. Francisco Azambuja (Tel. 2074446) Permanente; **AMORA – Duarte Ramos** – Cruz de Pau Até às 22 horas; **SEIXAL – Alves Velho** – L. Camões, 27 – Torre da Marinha (Tel. 221132) Até às 22 horas; **MONTIJO – Higiene** – R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370); **MOITA – União Moitense** – Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Nunes** – L. coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137); **SETÚBAL – Higiene** – R. Frei Agostinho Cruz, 5 Permanente; **Portugal** – R. Camilo Castelo Branco, 34 – Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

SANTA TERESA, P. Guilherme Gomes Fernandes, 100; **PADRÃO**, R. de Santo Ildefonso, 342; **SÁ**, R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA**, R. da Boa-Hora, 80; **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37.

DE DIA E TODA A NOITE

PASTELEIRA, R. André de Resende, 92; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636; **COSME**, R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL**, R 31 de Janeiro, 203.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

ESTÁDIO, R. do Brasil, 384, r/c, ao Calhabé (T. 72710); **ADRIANA**, P da República, 20-22 (T. 23609).

teatros

Lisboa

MARIA VITÓRIA – «Sem rei nem rock» 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES – «Há mas são verdes» 20.30 e 23.000 (18 anos)
D. MARIA II – «Fernando talvez pessoa» 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «O Suicidário» 21.30 (13 anos)
ABC – «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

O TEMPO

MARÉS DE HOJE

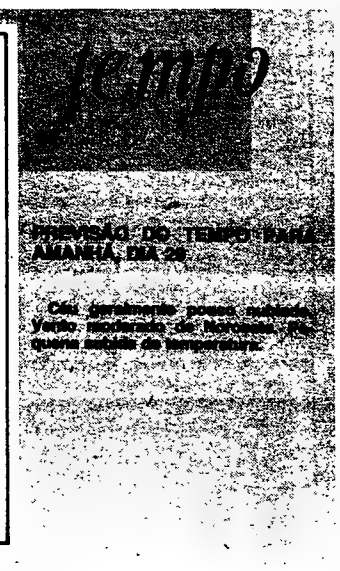
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.41	4,3 m	9.32	0,6 m
16.07	4,2 m	21.43	0,7 m

Dia 29

4.23	4,4 m	10.10	0,6 m
16.46	4,2 m	22.22	0,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

Viana do Castelo	10º
Bragança	5º
Vila Real	7º
Porto	9º
Penhas Douradas	-1º
Coimbra	8º
Cabo Carvoeiro	12º
Portalegre	5º
Lisboa	11º
Évora	9º
Beja	7º
Sagres	14º
Faro	10º
Ponta Delgada	13º
Funchal	15º



últimas

O GOVERNO MILITAR ARGENTINO declarou ilegal a greve nacional convocada para hoje pelos dois ramos da Central Sindical CGT, a qual, segundo o Governo, «levantaria sérios obstáculos ao regresso da democracia ao país», soube-se em Buenos Aires. Apesar dos avisos oficiais, os dirigentes dos dois sectores tradicionalmente opostos da central, os «Moderados» da «CGT-Azopardo» e os «Duros» da «CGT da República Argentina», confirmaram entretanto o seu acordo de greve, em sinal de protesto contra a situação económica e social.

A SEMANA DE MACAU, acontecimento que registou êxito junto do público que acorreu em grande número a visitar as várias exposições, encerrou ontem no Casino Estoril. A iniciativa integrou no seu programa gastronomia, música, folclore, artesanato e pintura daquele território português, além de «mostras» filatélicas, documentais e de medalhística. O festival de gastronomia terminou sábado, tendo milhares de pessoas (entre elas, cerca de 130 agentes de viagens finlandeses que se encontram em Portugal por ocasião do seu congresso anual) experimentado as especialidades da culinária de Macau.

CANIBALISMO É FALSIDADE HISTÓRICA afirma o professor norte-americano de antropologia, William Arens, da Universidade de Nova Iorque. Disse em Los Angeles, na apresentação do seu livro «O Mito do Antropófago», que as culturas que pretendem absorver ou destruir outras, que consideram inferiores, as acusam de canibalismo. Segundo as suas investigações, o canibalismo nunca existiu como forma de cultura, se bem que, por questão de sobrevivência, tenha sido praticado em diferentes épocas e situações.

UMA CARTA MANUSCRITA e os estribos da sela do cavalo de guerra de Simon Bolívar foram localizados em Belo Horizonte – anunciou o cônsul-geral da Venezuela no Rio de Janeiro, Freddy Gauteaume Pantin. A descoberta vai causar sensação nos países da América Latina que Bolívar ajudou a libertar – disse. A carta e os estribos vão ser apresentados ao público de Belo Horizonte no próximo mês de Julho, durante as celebrações do bicentenário de Bolívar.

COM A FACA DO OFÍCIO um sapateiro feriu um colega de trabalho durante uma altercação por motivos pessoais. Ocorreu na oficina onde ambos trabalham, na Rua Lopes, 21, ao Alto de S. João, em Lisboa. Enquanto a vítima, Manuel Encarnação Alves, de 27 anos, baixaria ao Hospital de S. José com uma ferida profunda no abdómen, o agressor, Alfredo dos Santos, de 36 anos, ingressava nos calabouços do Governo Civil para ser presente ao juiz de Instrução Criminal.

O conselho de Soares...

Caminhemos para a CEE "sem a sachola na mão"

Mário Soares considera não ser «de sachola na mão e socos nos pés, atrás do burro ou da vaca» que Portugal entrará, «de cara erguida» no Mercado Comum. E disse-o, ontem, em Santarém, a um auditório de agricultores, aconselhando-os a um esforço de «modernização».

«Tm que se comprometer com um programa muito claro de modernização, de ajudar a aumentar a produtividade e a produção do vosso sector», disse ontem Mário Soares aos agricultores que participavam numa sessão de esclarecimento do PS, realizada na capital do Ribatejo.

Mário Soares prometeu que se o PS for Governo, dará «condições especiais de crédito aos agricultores» e «desburocratizará» o Ministério da Agricultura.

Num discurso escrito de cerca de 40 minutos, Mário Soares começou por recordar que Portugal importa metade do que come e que, também por isso, o sector agrícola deve ser desenvolvido com prioridade.

Enunciou depois as linhas gerais da «política agrícola unitária, coerente e inovadora» do PS, em particular, a organização de uma lavoura «planeada e assistida», a criação de uma «verdadeira economia alimentar confrontada com o ingresso na CEE», aproveitamento nacional dos factores básicos da produção agrícola – radiação solar, solo e água.

Disse também que os socialistas têm preparadas algumas medidas de aplicação imediata, como a instituição de bancos de terras por compra e arrendamento destinados preferencialmente a jovens empresários, fundação de escolas, proibição do fraccionamento de explorações, criação de um esquema de crédito agrícola assistido.

Igualmente estão já estudadas disposições relacionadas com a criação de uma rede de cooperativas de interesse público, acções estabilizadoras sobre os mercados e esquemas de construção de pequenas barragens em Trás-os-Montes, Alentejo e Algarve.

Protesto contra ausência da TV

A sessão de esclarecimento foi ainda ocasião para o PS protestar contra o facto de a Televisão se ter abstido de recolher imagens da reunião em Santarém de Mário Soares com os agricultores.

A ausência de uma equipa do Telejornal surge dias depois de o próprio Mário Soares ter afirmado que o seu partido se sente «marginalizado» pelos actuais responsáveis da TV. Fontes socialistas têm traduzido em privado um certo mal-estar existente entre o PS e a RTP.

O Telejornal esteve presente no encontro de Soares com os empresários, terça-feira na FIL, mas jpa no decurso da reunião com trabalhadores, sexta-feira em Paio Pires, foi um contacto de última hora que fez com que uma equipa de Televisão, aí destacada por outros motivos, registasse uma reportagem do acontecimento.

Veiga Simão apoia iniciativa privada

O socialista Veiga Simão disse ontem à Rádio Renascença defender a abertura da Banca à iniciativa privada, uma das reivindicações apresentadas no Congresso da CIP – Confederação da Indústria Portuguesa.

«Não se trata da desnacionalização da Banca, mas de permitir o acesso da inciativa privada a um sector da nossa economia. É um problema que tem de ser resolvido, designadamente no âmbito da integração na comunidade europeia», explicou o candidato pelo distrito da Guarda.

Veiga Simão, um dos poucos ministros do regime anterior ao 25 de Abril a candidatar-se ao Parlamento a eleger nove anos depois da Revolução, é militante do PS e tem colaborado com o seu partido na revisão em curso do respectivo programa, em particular nas áreas da Educação, Ciência, Tecnologia e Indústria.

Comício anulado

O Partido Socialista desistiu de convocar o comício que chegou a estar previsto para amanhã em Lisboa. Com essa realização, o PS esperava iniciar formalmente a campanha para as eleições antecipadas.

Manuel Alegre em Mira:

"Não iremos para o Governo sem uma corresponsabilização

— de partidos, de parceiros sociais, do PR"

MIRA, 28 — Não iremos para o Governo de qualquer maneira: é preciso que haja uma corresponsbilização, dos partidos, dos parceiros sociais, do Presidente da República. Não estamos para ser «chutados» quando os problemas começarem a estar resolvidos como aconteceu em 1977» — afirmou Manuel Alegre, no sábado, em Mira, num jantar-convívio onde o PS apresentou a militantes e simpatizantes os seus candidatos pelo círculo de Coimbra.

Segundo Alegre, o PS poderá não atingir a maioria absoluta nas eleições de 25 de Abril, mas poderá obter uma maioria de votos e deputados suficientemente implicativa de que o próximo Ministério seja de base e predominantemente socialista e apliquem uma política da responsabilidade do PS. Não pormenorizou, porém, sobre o que será a composição de tal Ministério.

Em vésperas de eleições, o número um da lista PS de Coimbra fez um demorado discurso versando os temas que se prevê venham a ser os mais privilegiados da campanha dos socialistas, repetindo as posições ultimamente defendidas pelos dirigentes do partido sobre os problemas políticos, sociais e económicos com que o País actualmente se defronta, e prenunciando já a política do eventual Executivo.

Que política? «Uma política de rigor — disse Alegre. — E que é uma política de rigor? Não é uma política de esquerda ou de direita. É uma política de rigor, capaz de enfrentar e resolver os probelmas nacionais» — disse Alegre.

Falou ainda duma inventável agudização da austeridade, nos tempos mais próximos, de eventual gestão socialista do poder político demarcando o PS da AD, porém, neste tocante: «O PS defende os interesses dos trabalhadores». E, a dado passo, traiu o apoio do PS aos recentes aumentos das taxas de juros.

Na linha do que se pode chamar uma tradição de oratória, pessoal, (muito popularizada), Alegre asseverou que «o próximo Governo não pode falhar», sob pena de que o messionismo e a altocracia se pronunciem e acabe com isso a democracia em Portugal.

Defendendo uma política realista, a propósito, fez uma alusão clara e crítica a sectores socialistas não-alinhados pela direcção do PS — professores intelectuais, etc. — que pretendem «aprofundar a democracia». Numa região onde o PCP tem implantação pouco significativa, a APU passou praticamente sem referência. — L.M.R.

Mota Pinto em pré-campanha eleitoral

"Firmeza, autoridade e competência"

— o novo discurso do PSD

Mota Pinto, no encerramento do seminário de reflexão dos sindicalistas do PSD, num hotel de Lisboa, considerou «irrealista» pretender na situação actual do País, maiores salários reais, menos desemprego, baixa de inflação e reforço dos direitos sociais.

Falando, depois, em campanha pré-eleitoral, em Famalicão, Mota Pinto prometeu: «É possível combater o saldo negativo da balança de transações sem aumentar o desemprego. O desequilíbrio de contas com o exterior é o grande problema financeiro do País e o PSD propõe-se atacá-lo e resolvê-lo».

Quase ao mesmo tempo, João Salgueiro – ministro das Finanças e cabeça-de-lista por Braga, afirmava em conferência de Imprensa para apresentação dos candidatos, que vai ser difícil manter em Portugal a taxa de desemprego sob controlo.

Enquanto em Lisboa, Mota Pinto falava em «concertação social», em Fafe, o candidato social-democrata a primeiro-ministro afirmou: o que está em causa nas próximas eleições é a escolha de uma liderança para a vida política portuguesa ao nível do Governo e do Parlamento». Mota Pinto sublinhou a necessidade de «firmeza», de «autoridade democrática» e «competência na acção» para «inspirar confiança aos empresários e agentes económicos».

Em Famalicão: a luta patriótica

Intervindo num comício realizado a meio da tarde de ontem em Vila Nova de Famalicão, o vice-presidente da Comissão Política Nacional do PSD salientou como já dissemos que o seu partido vai atacar «o grande problema financeiro do País, ou seja, o desequíbrio das contas com o exterior».

« Fazê-lo, impõe rigor e seriedade, mas não precisamos de o fazer sacrificando os actuais postos de trabalho e emprego», frisou. O dirigente social-democrata recordou ter sido nesta zona do Minho que nasceu Portugal.

«Daqui partimos para a conquista do que é hoje o nosso território, numa acção em que colaboraram as Forças Armadas (um dos símbolos da nossa perenidade histórica), várias organizações da Igreja Católica (Berço Espiritual da nossa Acção Evangelizadora) e o povo anónimo, que de todas as formas colaborou na tarefa de criar Portugal» – afirmou.

Mota Pinto referiu a necessidade de modernizar Portugal, país criado há séculos. «A nossa luta patriótica – acentuou – é a de caminharmos para a igualdade com os restantes países europeus. A palavra chave para essa luta é modernizar, abrirmo-nos às ideias sem perdermos a nossa identidade, abrirmo-nos à evolução tecnológica, abrirmo-nos à luta pela produtividade».

Liberalismo: está ultrapassado

Neste fim-de-semana eleitoral, Mota Pinto teve ainda uma reunião com alguns candidatos (cerca de 80) a deputados. O vice-presidente do PSD e candidato a Primeiro-Ministro, Mota Pinto, considerou o liberalismo económico-conceito defendido pelo CDS – como uma «ideia ultrapassada».

Na sua intervenção, Mota Pinto defendeu, os principais pontos do manifesto eleitoral daquele partido, nomeadamente a defesa da autoridade democrática contra formas «drásticas e excessivas» de reivindicação, na perspectiva do primado do sufrágio universal.

A promoção da justiça social e a instalação da confiança nos sectores empresariais foram também advogados por Mota Pinto, que defendeu pontualmente o apoio à indústria da construção civil, através de créditos e outros estímulos. Afirmou, ainda, que o seu partido é aquele que dá maior representação à juventude nas listas de candidatos a deputado.

João Salgueiro: desnacionalizar

João Salgueiro, que acompanhou Mota Pinto a Fafe, abordou aqui e em Braga, a integração de Portugal na CEE. «Há possibilidades de concluir as negociações com a CEE em três meses» pois, frisou, «só existem alguns processos em aberto, tais como os casos da livre-circulação da mão-de-obra portuguesa na Europa, a agricultura e as pescas».

«Estas dificuldades poderão conhecer o seu termo logo que a Comunidade resolva os seus problemas internos», salientou.

Aquele membro do Governo teceu algumas considerações críticas a uma burocracia que alegadamente «tem prejudicado o próprio sistema governativo».

João Salgueiro declarou ainda que o PSD não poderia «levar cabalmente até ao fim o seu programa» apesar de que – saleientou – a recente revisão constitucional abriu já melhores possibilidades».

visite a URSS e...
ASSISTA AO JOGO DE FUTEBOL URSS/PORTG.
e
ÀS COMEM. DO 1º MAIO
MUNDIRAMA
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO, LDA
Estab.1948 - Operador Turístico, alv.nº 12
R.Crucifixo 3 - 1100 Lisboa . Telef.360302 328856

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PROXIMA SEXTA-FEIRA SEGUNDA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1983

O vazio fabuloso do cinema

O cinema começa a extravasar.

Não mais contar histórias, mas conceber visões. Não mais a eficácia mas a explosão: luzes, actores, música, montagem, movimentos de câmara encadeiam-se numa multiplicidade de sentidos. O resultado é um filme apaixonante até às lágrimas: **1One from the heart** de Francis Fore Coppola. Fascínio e morte, decomposição, recomposição.

1980: Francis Coppola aceita rodar para a MGM um filme chamado **One from the heart.** A máquina entra em funcionamento. Coppola compra os maiores estúdios de Hollywood. **One from the heart** vai ser o primeiro filme a ser aí rodado. Coppola compra os direitos do filme à MGM. Os «Zoetrope Studios» equipam-se. Coppola anuncia que vai pôr em marcha um projecto de fazer cinema completamente revolucionário. O vídeo e os computadores estarão na primeira fila. **One from the heart** vai ser o primeiro filme electrónico da História do Cinema. Coppola contrata actores em permanência, como nos velhos tempos da indústria. Las Vegas e a sua fúria de neon são totalmente fabricados em estúdio (125 000 lâmpadas, dizem as folhas da produção). Os custos de **One from the heart** galopam. Coppola roda o filme fechado no seu carro de controle, cheio de monitores, botões, mdaquinas de fetiso especiais.

As cenas começam, retomam-se, refazem-se, Coppola insiste em fabricar alguns dos planos sequência mais complicados que jamais se fizeram. Coppola acaba uma primeira versão do filme e mostra-a a um público-testè.

Fracasso total. Na Imprensa os rumores de colapso financeiro avolumam-se. A Paramount, empresa distribuidora, rompe o contrato com Coppola.

1982: O filme estreia, é um **flop** total. Coppola é obrigado a vender os estúdios, a sua casa de San Francisco, é a ruína do projecto místico da Zoetrope. Coppola anuncia que volta à estrada, aos filmes baratos. E roda dois filmes, de seguida, «baratos», o que quer dizer, não mais que 200 000 contos cada.

Desta aventura que durou dois anos, ficou **One From the heart,** um filme, uma hora e quarenta de imagens e sons.

Coppola afirmou algures que, gostava de fazer filmes que **fossem,** não filmes que **fossem sobre. Apocalypse Now era** a guerra. **One from the heart é** o desencanto. **One from the heart é** o cinema.

O ÚLTIMO DOS FILMES

Não é fácil escrever sobre este filme. Talvez porque ele tenha como característica central o não se parecer com nada já visto, embora se pareça com tudo. Ou seja, ele é uma espécie de pirâmide mágica da sucata do cinema. Alumiada por encantamentos, por sopros de luz que vêm de todo o lado, de sítio nenhum, por meio impulso de paixão. Fabricada num estúdio que nunca imita o real, que é ele próprio a assumida transfiguração de um referente que, estando algures, já se perdeu no espaço e no tempo.

O estúdio, a feérie do cenário é a alavanca de **Do fundo do coração.** Dentro dele evoluem actores, ou talvez seja melhor dizer encarnações fantásticas de pessoas. Corpos que se recortam ou perdem na amálgama genial de cores e movimentos. Corpos subexpostos ou banhados numa luz total, absorvente. Corpos que dançam e falam e gritam e vagueiam.

Mas o espaço é fechado. Nunca, como neste filme, tive a sensação de enclausuramento das personagens, de impossibilidadè de fuga. Nenhum horizonte é real, tudo acaba no cenário do fundo, o mais que se pode é rodar obsessivamente em torno da solidão, sob o som rouco das canções de Tom Waits. O espantoso deste filme é que não fala de gente excepcional mas da pequena mediocridade suburbana. Ela (Teri Garr) sonha com Boca Boca e arranja um amante à Rudolfo Valentino (Raul Julia). Ele (Frederic Forrest) pensa numa acrobata de circo (Nastassia Kinski), imagem de infância, paixão improvável. Acabarão por voltar à sua casa de subúrbio, às brigas azedas. Nunca saíram do seu próprio imaginário, tão comum, tão **kitsch,** tão limitado. **Do fundo do coração** é um filme tão triste que um arrepio nos percorre. Porque é a morte que aquelas imagens evocam.

Tão compostas que já se começam a decompor. Tão ligadas à memória do cinema, à improbabilidade das grandes histórias, das grandes paixões dessa memória, tão perto da precariedade que o cinema é, que permanentemente temos a sensação de estar a assistir ao último dos filmes. No maior dos estúdios, no auge da técnica uma pequena história de desencanto.

«Basta fechar os olhos e eu desapareço» diz Nastassia Kinski a Frederic Forrest. É assim o cinema. Ao fundo, na mesma cena, um enorme letreiro avisa **NO TRESPASSING** como em Orson Welles; mas acrescenta DEAD END.

Quando a técnica augura um futuro inimaginável, a ficção fecha-se. Tudo são efeitos, tudo é vão, é apenas luz e magia. Antes havia a ilusão. Agora é o fim. Tão belo e tão triste que não recusa as nossas lágrimas **One from the heart** é um filme fabuloso, o puro génio que explode num imaginário de apocalipse.

Assim se fabrica o vazio superpovoado de uma civilização em crise.

Jorge Leitão Ramos

FICHA:
Título português: Do fundo do coração.
Título original: One from the heart.
Realização: Francis Coppola (USA-1982)
Argumento: Armyan Bernstein e Francis Coppola.
Fotografia: Vittorio Storaro
Efeitos especiais visuais: Robert Swarthe.
Cenários: Dean Tavoularis **(production designer),** Angelo Graham **(art director).**
Música: Tom Waits.
Montagem: Anne Goursaud, Rudi Fehr, Randy Roberts.
Interpretação: Frederic Forrest **(Hank),** Teri Garr **(Frannie)** Raul Julia **(Ray),** Nastassia Kinski **(Leila),** Lainie Kazan **(Maggie),** Harry Dean Stanton **(Moe), etc.**
Distribuição em Portugal: Sonoro Filme.
Cinemas: Apolo 70 e Satélite.
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.
Duração: 107 minutos.

Agenda

Sete Ponto Sete

A mãe (Carole Courtoy, à esq.), a ama (Maria de Medeiros, à dir.) duas das mulheres que povoam memória de «**A estrangeira**»

As estrelas

Do fundo do coração	★★★★
Uma comédia sexual numa noite de Verão	★★★★
ET — O Extraterrestre	★★★★
Sem sombra de pecado	★★★
Tootsie	★★★
Ao correr do tempo	★★★
Victor/Victoria	★★★
Os salteadores da Arca perdida	★★★
A estrangeira	★★
Blade Runner	★★
O Veredicto	★★
Na calada da noite	★★
Contos da loucura normal	★★

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

Cinema

● Do Fundo do Coração
de Francis Ford Coppola
(USA-1982)

Ei-lo que chega o mítico **One from the heart** de Cappola. Leia crítica — algures neste 7.7.

Cinemas Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
e Satélite
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Uma comédia Sexual numa Noite de Verão
de Woody Allen
(USA-1982)

A semana passada aqui se disse que este filme estava de saída. Afinal mudou apenas de sala. A pérola de Woody Allen vai poder continuar a ser admirada.

Cinema ABCine-Sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21 e 23 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Tootsie
de Sydney Pollack
(USA-1982)

Uma comédia inteligente sobre um actor desempregado que resolve fingir que é uma actriz e, como actriz, atinge o sucesso. Excepcional interpretação de Dustin Hoffman e de Jessica Lange. Um estilo cinematográfico despido de efeitos, cercemente eficaz. Um ritmo sem quebras. É o cinema americano (veja-se o genérico, típico de Pollack: em cinco minutos arquitecta-se um personagem e a sua história).

Cinemas Castil
(15.30, 18.30, 21.30 h; aos sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
7.ª Arte
(14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45 h)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● E.T. — o Extraterrestre
de Steven Spielberg
(USA-1982)

Um caso de extrema eficácia cinematográfica. O sucesso já nem é recompensa, é mero resultado lógico desta maneira de fazer filmes.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(Para todos)

● Sem Sombra de Pecado
de José Fonseca e Costa
(Portugal-1982)

Portugal, anos 40, um tempo de que somos herdeiros. Uma história à portuguesa contada com total ironia. Mário Viegas e Victória Abril no topo do cartaz.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Ao correr do Tempo
de Wim Wenders
(RFA-1975)

Pela estrada fora, sem história, topando com o que cada um de nós sente por dentro. A fronteira e a sufocação, a terra de ninguém. Uma viagem para sítio nenhum.

Cinema Quarteto-Sala 4
(14.30, 17.45, 21 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Victor/Victoria
De Blake Edwards
(USA-1982)

O espectáculo do desejo e das suas aparências. Quando uma mulher finge que é um homem que está a fingir que é uma mulher e nos apaixonamos pela criatura, estamos a desejar, a mulher ou a ambiguidade?

Se as estrelas deste filme são Julie Andrews e James Garner, vale a pena atentar em Lesley Ann Warren, a mulher de sinais tão superlativos que até roça o **travesti.**

Cinemas S: Jorge 1
(15.15, 18.15 e 21.30 h)
e ABCine-Sala B
(14.45, 17, 19, 21.15 e 23.15 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Os Salteadores da Arca Perdida
de Steven Spielberg
(USA-1981)

O filme do imaginário adolescente lá vai andando, interminavelmente.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45)
(não acons. men. 13 anos)

● A Estrangeira
de João Mário Grilo
(Portugal-1982)

Quando se parte para a memória já é sinal de que presente e futuro pouco contam? Talvez. Por isso **A estrangeira** é um filme inquietante num realizador com 23 anos. É uma primeira obra (nas falhas) belíssima (na maturidade) e decadente (na temática).

Um enigma que vale a pena partilhar.

Cinema Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Blade Runner
de Ridley Scott
(USA-1982)

A paisagem urbana e moral do futuro é fabulosa. **Blade Runner** é um dos grandes filmes visionários destes anos. Mas a trama que preenche o espaço e o tempo é balbuciante, falhada.

Cinemas Quarteto-sala 2
(14.30, 16.45, 19 e 21.15 h)
e Quinteto
(12.15, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● O Veredicto
de Sidney Lumet
(USA-1982)

Solidez e sagacidade: não apenas a história do advogado perdedor que, em tribunal, se bate pela verdade contra os poderosos e, claro, ganha. Também meia dúzia de coisas que renovem, de algum modo, essa história clássica: o final, por exemplo.

O Veredicto é um filme bem carpinteirado. Nada de novo, muita eficácia. E Paul Newman, evidentemente.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Na Calada da Noite
de Robert Benton
(USA-1982)

Um filme policial pouco astuto, apenas bem feito. E Meryl Streep de novo a apaixonar-nos.

Cinema S. Jorge 3
(14, 16.15, 19 e 21.45 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Contos da Loucura Normal
de Marco Ferreri
(Itália-França-1981)

Ferreri não encontra saída para o seu universo de regressão. O espaço americano só aparentemente lhe insufla algo de novo. **Contos da loucura normal** é um filme onde quase tudo é já visto.

Cinema Quarteto-Sala 3
(14, 16, 18.20 e 22 h)
(interdito a men. 18 anos)

É mais cómodo.
É mais económico.
É mais funcional.

É o novo serviço TECAM para o transporte de furgões e camiões.

É verdade!
Este novo serviço TECAM, para o transporte de veículos comerciais médios e pesados, até 11 toneladas, funciona entre Lisboa/Sta. Apolónia e o Porto/Campanhã. E é muito simples! Basta entregar o veículo, com ou sem carga, até às 21 horas e ele poderá ser levantado no seu destino às 8 horas do dia seguinte.

Isto significa enormes vantagens para as empresas de transporte rodoviário de mercadorias. Em tempo ganho. Em economia de custos humanos e de material. Em funcionalidade.

Este é o novo serviço TECAM. As vantagens são suas!

CP

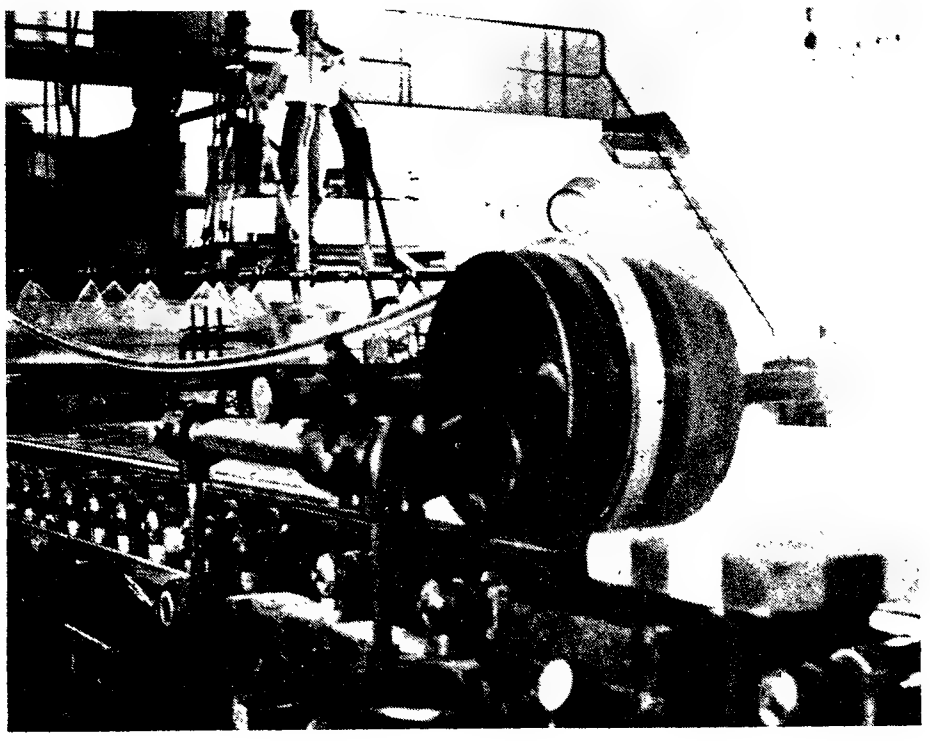
Comboio, a opção inteligente.

Para informações mais completas, contactar:
Departamento Comercial (Serviço Comercial de Mercadorias)
Lisboa - St.ª Apolónia — Tel. 86 61 01
Serviço Comercial da Região Centro
Lisboa — Tel. 86 77 85
Serviço Comercial da Região Norte
Porto — Tel. 56 41 41
Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro — Tel. 207 30 28

CP/Design

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



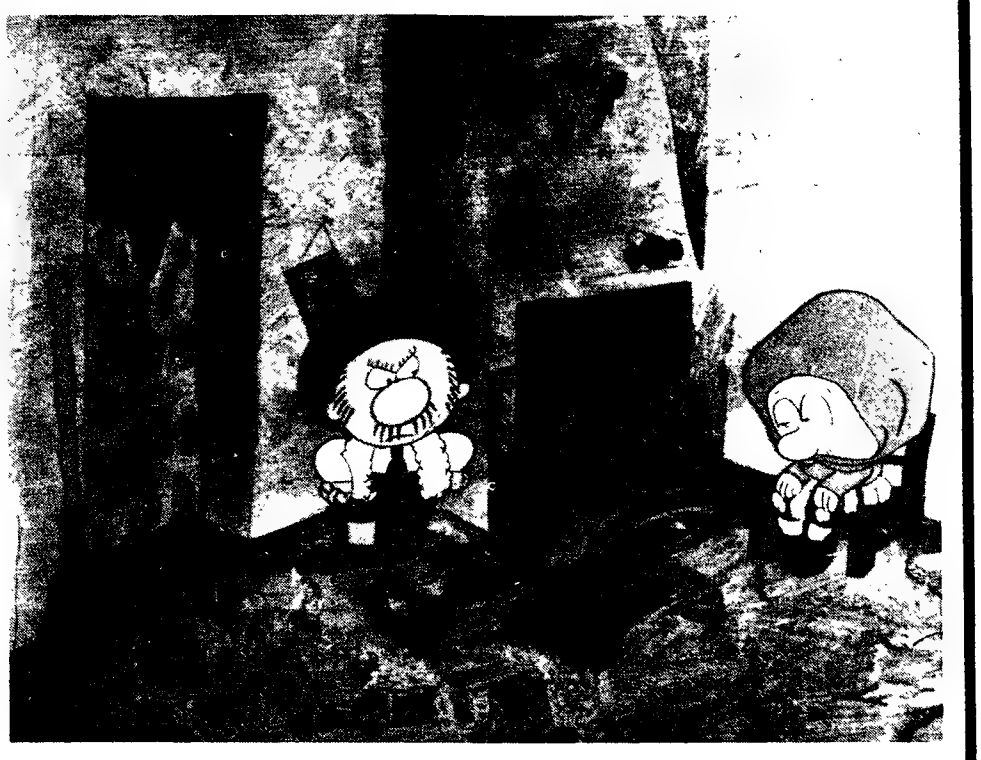
COMO SE FAZ O PAPEL
— curta-metragem
— 16 mm/cor

Realização: Faria de Almeida. **Assistente de realização**: Françoise Filipe. **Locução**: Luís Gaspar. **Iluminação**: Fernando Costa. **Sonoplastia** : Carlos Manuel. **Produção**: Panorâmica 35 para a Direcção-Geral de Educação Permanente. **Duração**:16 minutos.**Rodagem**: 1968. **Estreia: ? Localização de cópias**: Direcção-Geral de Educação de Adultos/Instituto de Tecnologia Educativa.

Outro filme da série didáctica realizada por Faria de Almaida em produção da Panorâmica 35 para a DGEP.

De todos esses trabalhos, **Como se faz o papel** é um dos melhores, dentro da pobreza geral da série.

Faria de Almeida atravessa toda a produção (e até uma parte das aplicações) do papel, desde a madeira à fabricação de livros e jornais, passando por várias tipos especiais de papel (o Craft, o dúplice, etc.). É um filme que se segue com interesse e é dos que menos envelhecem nestes anos que passaram sobre a realização de série. Parece também ser dos de produção menos apressada. Em ma: se todas as curtas-metragens didácticas de Faria de Almeida fossem como esta, não mereciam francos aplausos mas, pelo menos, não suscitariam apupos.



DEZ ANÕEZINHOS DA TIA VERDE-ÁGUA (OS)

—curta-metragem
—35 mm/côr

Realização: Ricardo Neto. **Argumento.** Ricardo Neto, segundo um conto tradicional português. **Diálogos:** Joaquim Ortiz. **Animação:** Artur Correia, Ricardo Neto. **Assistente de animação:** Laura Matos. **Decalque e pintura:** Graça Pisco, Cristina Robalo, Glória Carlos, Artur José, Carlos Real. **Cenários:** Álvaro Patrício. **Câmara:** ArmandoFerreira. **Sonoplastia:** Paulo Correia. **Vozes:** Marília Jeans, Teresa Castro, António Palma. **Produção:** Topefilme. **Duração:** 7 minutos. **Rodagem:** 1976. **Estreia:?. Localização de cópias:** Instituto Português de Cinema/Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Outro desenho animado baseado num conto tradicional português. De novo há a notar a atenção etnográfica na concepção dos cenários e o trabalho de vozes. De novo há a referir o bom humor. De novo há a reparar nos limites técnicos da animação: personagens evoluindo sobre um fundo imóvel.

Mas o traço é divertido e a divulgação do património oral português que, por este meio se faz, motivo de justificado destaque e de aplauso.

ADENDA

Erros e, sobretudo, omissões são inevitabilidades deste tipo de trabalho. O leitor deverá fazer, nas fichas respectivas, as correcções que a seguir se mencionam.

AVENTURA CALCULADA (A): acrescentar **Localização de cópias**: Filmes Castello Lopes.

CARVALHO, RUI DE: acrescentar, à filmografia, a locução de **A criança e a justiça** CM de António de Macedo (1972) e de **Hello Jim!** CM de Augusto Cabrita (1970).

CIDADE (A): acrescentar **Fotografia:** Elso Roque.

COUTO, LUÍS: acrecentar, à filmografia, **8 canções de Maria Pereira** CM (1966), co-real. João Mendes; **Homem prevenido**, série de 12 programas TV (1980).

ESCUDEIRO, ANTÓNIO: acrescentar, à filmografia, como director de fotografia, **Totobola -Relatório e contas** CM de António de Macedo(1970).

ESTRANGEIRA (A): acrescentar **Estreia:** 4 de Março de 1983 («Nimas», Lisboa; «Lumière», Porto; «Gil Vicente», Coimbra; «S. Mateus», Elvas).

GUEDES, JOÃO: acrescentar, à notícia biográfica, a data do falecimento (19 de Fevereiro de 1983, Matosinhos).

GUERRA, MARIA DO CÉU: acrescentar, à filmografia, a locução de **Crónica do esforço perdido** CM de António de Macedo (1966).

NEM PÁSSARO NEM PEIXE: acrescentar **Estreia:** 14 de Dezembro de 1978 (na RTP/2).

OLIVEIRA, MANOEL DE: acrescentar à filmografia **Visita ou memórias e confissões** (1982).

PAREDES, CARLOS: acrescentar, à filmografia, **Crónica do esforço perdido** CM de António de Macedo (1966); **Hello Jim** CM de Augusto Cabrita (1970); **The Columbus Route** de José Fonseca e Costa (1969). Emendar, na discografia, «O oiro e o trigo» por «Carlos Paredes — Meister der portugiesischen Gitarre: Das gold und der weizen», Amiga 845140 (gravado e editado na RDA, 1977).

ROQUE, ELSO: acrescentar à filmografia **A criança e a justiça** CM de António de Macedo (1972), co-fot. João Santa Clara e José Carlos Oliveira; **Visita ou memórias e confissões** de Manoel de Oliveira (1982).

SAFRIQUE SAFARI: acrescentar **Estreia: 21 de Abril de 1973 («S. Jorge», Lisboa).**

SEM SOMBRA DE PECADO: acrescentar **Distribuição em Portugal**: Filmes Lusomundo. **Estreia**: 11 de Fevereiro de 1983 («Cinebloco» e «Eden», Lisboa; «Lumière», Porto; «Gil Vicente», Coimbra; «Rosa Damasceno», Santarém).

SILVA, MANUEL COSTA E: acrescentar à filmografia como director de fotografia **Nacionalidade: português** CM de Fernando Lopes (1972), colaboração; **As desventuras do drácula Von Barreto nas Terras da Reforma Agrária** CM da Célula de Cinema do PCP (1977), co-fot. Carlos Gaspar (não creditado no genérico).

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDERSEN: acrescentar **Localização de cópias**: Filmes Castello Lopes.

SOVERAL, LAURA: acrescentar, à filmografia, **O último soldado** de Jorge Alves da Silva (1981).

VIDA E OBRA DE FERREIRA DE CASTRO: acrescentar **Estreia:** 5 de Julho de 1974 («Monumental», Lisboa).

Agradecimentos

Na cedência de fontes bibliográficas, filmes, material fotográfico e informações, cumpre agradecer a preciosa colaboração continuada do Instituto Português de Cinema, da Cinemateca Portuguesa, de José de Matos - Cruz e, ainda, para além de todos os que, em anteriores ocasiões referi, Faria de Almeida, Paulo Branco, António Casimiro, Luís Couto, João Mário Grilo, Filmes Castello Lopes, Teresa Madruga, Isabel Ruth, José Fonseca e Costa, Henrique Espírito Santo, Orlando Costa, José Gomes, Maria Cabral, Acácio de Almeida e a Direcção-Geral de Educação de Adultos.

J. L. R.

ÍNDICE

Em aditamento aos índices publicados em 21/11/81, 9/7/82 e 4/12/82, indicam-se a seguir as datas das fichas entretanto editadas. Se o leitor desejar receber os jornais respectivos basta, para tanto, enviar a necessária quantia em selos do correio para «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA, que os exemplares pedidos ser-lhe-ão remetidos na volta do correio.

Cumpre informar que ADENDAS FORAM PULICADAS A 13/3/82, 9/7/82, 6/11/82 e 4/12/82.

ABRANTES — A arte e a vida ... 8/1/83
ALGARVE ... 31/12/82
ALMADA NEGREIROS, VIVO, HOJE ... 24/12/82
ALMÁDRABA ATUNEIRA (A) ... 15/1/83
AVENTURA CALCULADA (A) ... 11/12/82
BRANCO, PAULO ... 19/2/83
CALDO DE PEDRA (O) ... 19/3/83
CASIMIRO, ANTÓNIO ... 31/12/82
CIDADE DO RIO AZUL (A) ... 18/12/82
COLUMBUS ROUTE (THE) ... 5/3/83
COMO SE FAZ O PAPEL ... 26/3/83
COMO SE FAZ O VIDRO ... 19/3/83
COMO SE FAZEM OS SABÕES ... 5/2/83
CONCELHO DE OEIRAS ... 8/1/83
COSTA, ORLANDO ... 15/1/83
COVILHÃ — Cidade da serra e do vale ... 29/1/83
CRIANÇA E A JUSTIÇA (A) ... 18/12/82
CRÓNICA DO ESFORÇO PERDIDO 8/1/83
DEAMBULAÇÕES DO MENSAGEIRO ALADO (AS) ... 5/3/83
DESVENTURAS DO DRÁCULA VON BARRETO NAS TERRAS DA REFORMA AGRÁRIA (AS) ... 5/3/83
DEZ ANÕEZINHOS DA TIA VERDE ÁGUA (OS) ... 26/3/83
ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMEIRAS ... 24/12/82
ESTRANGEIRA (A) ... 12/2/83
EUCALYPTUS ... 11/12/82
FAÇA SEGUNDO A ARTE ... 18/12/82
HISTÓRIA BREVE DA MADEIRA AGLOMERADA ... 11/12/82
HOJE ESTREIA ... 24/12/82
INDÚSTRIA DE TAPEÇARIA (A) 24/12/82
MA FEMME CHAMADA BICHO . 12/2/83
MADRUGA, TERESA ... 12/3/83
MARANOS (Teixeira de Pascoaes, o homem e a obra) ... 12/2/83
MINUTO ZERO MENOS DEZ ... 29/1/83
NACIONALIDADE: PORTUGUÊS 29/1/83
NÃO QUERO SER PALHAÇO ... 19/3/83
OVO E A GALINHA (O) ... 5/3/83
PEARL OF THE ATLANTIC (THE) — MADEIRA ... 19/3/83
PORTUGAL DESCONHECIDO ... 8/1/83
PORTUGAL NA EXPO'70 ... 5/2/83
PÓVOA DE VARZIM — Cidade nova, terra milenária ... 5/2/83
PREPARAÇÃO E DISTRIBUIÇAO DE LEITE (A) ... 29/1/83
REGRESSO À TERRA DO SOL .. 12/3/83
RUTH, ISABEL ... 19/2/83
SEM SOMBRA DE PECADO ... 15/1/83
SERRA, EDUARDO ... 22/1/83
SEVER DO VOUGA — Uma experiência ... 22/1/83
TOTOBOLA — Relatório e contas . 22/1/83
TRIUNFO DA TÉCNICA ... 24/12/82
ÚLTIMA PEGA (A) ... 12/3/83
VIADUTO DE ALCÂNTARA ... 18/12/82
VIDAGO — Saúde e Turismo ... 12/2/83
VINHOS BISSECULARES ... 11/12/82

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS
As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

Teatro **Sete Ponto Sete**

Fernando Gomes: uma moeda a brilhar

Na noite em que conheci o Fernando Gomes, sentia-me particularmente deprimido. Tinha ido ver o seu espectáculo « Última Moeda», em que representava sketchs de Café-Teatro, juntamente com a Maruga e a Cândida Vieira. Não houve nada a fazer: sentei-me, e daí a meia hora já estava leve e bem disposto. Desde então, tenho visto várias vezes o espectáculo, através das modificações que tem sofrido. Não me lembro de uma única vez em que não me fartasse de rir

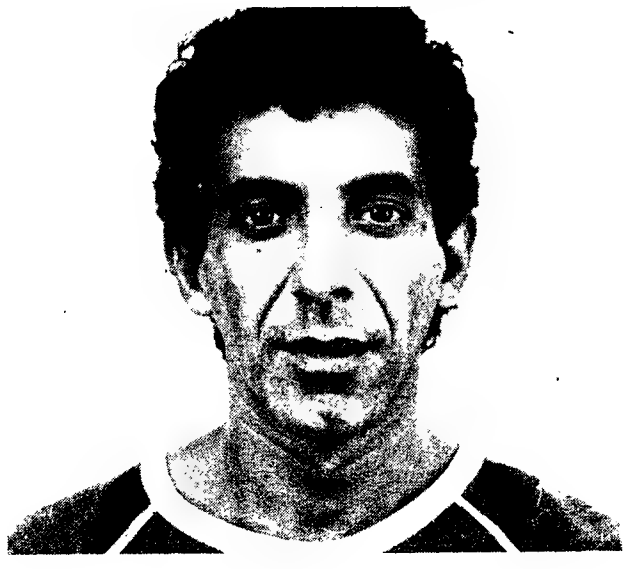
Manuel Cintra

AGORA tenho à minha frente um Fernando ao natural, sem maquilhagem nem roupas vistosas. E sinto na sua cara muito expressiva e vincada uma simplicidade muito especial. O olhar que condiz com quem costuma pegar na vida complicada das pessoas e desmontá-la, até ficarem só as linhas caricaturais. E fazer rir.

— Eu sou uma pessoa que ri muito. Acho que rir faz bem. Faz falta às pessoas, que de uma maneira geral riem pouco. Têm medo de rir e isso é mau. Gosto de conviver com pessoas que riam, porque acho o riso muito saudável. Os primeiros espectáculos que fiz quando comecei a fazer teatro profissional, não eram propriamente espectáculos para rir e eu até tinha a impressão de que não seria capaz de fazer rir. Só que um dia, depois de sair do Teatro Experimental de Cascais, entrei numa peça em que fazia imensos papéis, uns cinco, e o número do qual as pessoas na altura mais falaram e que teve mais êxito, era um número cómico. É muito agradável porque as pessoas, principalmente aqui na cidade levam uma vida má, por causa do «stress»... (ri-se. Lembrando-se certamente de um dos números de «A Última Moeda» em que ele próprio canta um poema sobre o «stress»)... uma vida cheia da problemas, e têm poucas possibilidades de rir durante o dia devido à tensão em que se encontram nos seus empregos, nos escritórios, nos bancos... em todo o lado. Então, se eu me puser no lugar de um espectador, sem ser de todo contra os outros espectáculos que não são para rir, acho que neste momento, perante tudo o que se tem passado em Portugal, todos os problemas sociais que vão piorando, acho preferível fazer um espectáculo para aliviar um pouco a tensão com que as pessoas andam. Se bem que quando digo fazê-los rir, não falo de fazer rir as pessoas estupidamente, pode ser uma maneira alegre de despertar as pessoas para os problemas sérios. Desde que comecei a fazer espectáculos de café-teatro, a maior parte dos espectadores, tanto anónimos como mesmo outros colegas de teatro, vêm felicitar-me pela iniciativa de andar de bar em bar ou de terra em terra a fazer este tipo de coisas que não era muito usual quando começámos, embora agora já esteja a ser um pouco mais. Têm aplaudido esta iniciativa de sair de um certo ciclo de teatro para entrar noutro, que abrange muita gente, e outro tipo de pessoas.

A s luzes e as cores foram ficando. Ele guarda em álbuns e caixas grande número de fotografias em que vou vendo a enorme quantidade de aspectos que a sua cara foi tomando. Mas vem sempre tudo de mais longe ainda. Neste caso a família está muito envolvida no assunto.

— A minha família é toda ela... como diria... muito bem disposta. É. Eu nasci num bairro do Porto, de gente remediada, nunca fomos muito ricos, não. Um bairro de pessoas muito populares, a maior parte das quais em termos de estudo não passavam da quarta classe, mas pessoas muito alegres e que gostavam muito de viver. Posso dizer o contrário de muita gente: é que tive um crescimento muito normal, todos na minha família se davam bem, não tenho os problemas de que muita malta nova se queixa, do ambiente familiar que os traumatiza... é muito frequente encontrar pessoas que não se dão com os pais ou que saíram de casa por causa da família, e nada disso aconteceu comigo. Sempre tive um ambiente familiar bom e só saí de casa quando vim para Lisb . Riamos muito, tanto o meu ai como a minha mãe tocavam piano e cantavam, o meu pai e a minha tia tinham feito teatro amador no grupo dos Modestos, no Porto, e aquele ambiente,



com o meu pai a escrever e compor músicas... era natural que eu continuasse com esta minha boa disposição que espero continuar a manter.

Faz-me chegar esses tempos antigos, a própria infância, sem nenhuma espécie de saudosismo melancólico. Pela maneira de falar, é como se tudo se tivesse passado agora, ou pudesse tornar a acontecer. Tudo ao alcance da mão. Simples, alegre.

— Dizia poemas, cantava, fazíamos teatro. Lá no bairro tínhamos um quintal e um jardim (éramos privilegiados, nessa altura) e como o quintal era bastante grande eu e a malta amiga todos os anos nas férias grandes juntavamo-nos (devíamos ser sete ou oito) e fazíamos umas peças de teatro no quintal e convidavamos a vizinhança. Cobravamos vinte e cinco tostões pelos bilhetes... todos os anos. Já vem de muito longe.

Não podia ver muito teatro, porque não havia. Recordo-me das duas primeiras peças que vi (devia ter 16 ou 17 anos): uma foi «O Tinteiro», salvo erro pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. A outra era uma peça musical com a Laura Alves que se chamava «Boa-noite Bétina». Essas duas peças entusiasmaram-me de tal forma, que enquanto estiveram em cena, estava sempre a ir vê-las. Depois de «Boa-noite Bétina», nunca mais vi por cá nada, em teatro musical, que se lhe comparasse e o caso mais próximo que me agradou quase tanto, foi o Godspell. O teatro musical é uma das formas de teatro de que mais gosto. O meu café-teatro também tem influências da revista à portuguesa, de que também gosto muito (se bem que não goste de todas as que vou ver) e de alguns espectáculos que vi em Paris e Londres.

Estou satisfeito, mas nunca vou chegar onde quero porque quero sempre mais qualquer coisa... Por exemplo: o primeiro espectáculo de café-teatro foi o «Cheira a Esturro», estreado há dois anos no Porto e depois no Café-Teatro da Comuna, em Lisboa. Na altura gostei do espectáculo, teve muito êxito, principalmente no Porto onde foi o primeiro espectáculo de café-teatro que se fez. Agora já me sinto muito longe, nunca voltaria a fazer uma coisa igual. E no entanto foi só há dois anos.

Soube que muitas vezes é sentado no café, de manhã particularmente, que Fernando escreve os seus textos. As personagens são muitas vezes inspiradas de pessoas comuns, que se encontram na rua, e talvez essa situação de estar só num café a tomar um banho de multidão o motive mais. Creio que existe nele por vezes algo de solidário que transparece tanto nos textos como nas personagens, particularmente as masculinas, encarnadas por ele.

— Os textos, sou eu que os escrevo porque não encontro ninguém que escreva este tipo de coisas. Mas agrada-me imenso escrever. No «Cheira a Esturro», eu propuz ao Paulo B., à Maruga e à Cândida Vieira que escrevessem parte dos textos, mas acabei por ser eu a escrever tudo e o mesmo aconteceu com «A Última Moeda». Mas não escrevo pelo facto de não querer textos de mais ninguém. Gostaria de um dia fazer um espectáculo com sketchs escritos por outras pessoas. É preciso é que apareçam.

Escrevo a condizer com o actor ou actriz a quem o texto se destina. Como tenho escrito para mim, para a Maruga e para a Cândida, e a partir de agora também para a Isabel Ribas, assim que começo a escrever, vou concretizando a ideia encaixando logo uma delas ou eu nessas personagens. Aconteceu pedirem-me para escrever sketchs fora deste contexto, mas não resultou.

Quando iniciámos «A Última Moeda», era só eu e a Maruga, portanto fiquei logo limitado à partida a sermos só dois em cena, tive que usar em certas alturas o texto «off» e o espectáculo ficou com algumas carências. Agora que somos quatro, vamos continuar uns tempos com «A Última Moeda, mas já muito alterada. Enquanto de início usávamos a mesma maquilhagem durante o espectáculo todo, não tínhamos muitas hipóteses de mudar o aspecto das personagens. Agora já dá margem a que pelo menos um ou outro esteja fora de cena cinco ou dez minutos de forma a poder fazer uma caracterização mais rigorosa e cuidar mais os sketchs nesse aspecto. Eu poderia por exemplo gostar de fazer um velho de setenta anos, mas não é num minuto que posso pintar-me, e muito menos despintar-me. Também quero mais momentos do espectáculo em que estejam mais pessoas em cena, embora possa haver momentos apenas com um ou dois como era habitual. Também gostava de fazer a experiência de acontecerem duas coisas em simultâneo, havendo por exemplo um número que seja interrompido por um actor que nessa altura faça de público. Estou a preparar um espectáculo totalmente novo, mas que não vai ficar pronto tão cedo como pensávamos, porque «A Última Moeda» continua a ser pedido para vários sítios e para a Isabel, que colabora connosco há quase um mês, não estar mais à espera, resolvi integrá-la na «A Última Moeda», para podermos continuar a fazer espectáculos com ela enquanto vamos calmamente preparando o outro. O que, por razões de dinheiro, nunca fiz até hoje: preparar um espectáculo com o devido tempo.

Não tenho obsessão por nenhuma personagem ou peça que gostasse sobretudo de fazer. Gosto sempre de mudar para coisas novas. O que tem mais interesse neste tipo de espectáculo é a reacção do público, diferente de caso para caso. Saber porque é que não resultou com certo público e resultou com outro.

São espectáculos em que se ri com um copo na mão. Em que os actores vêm para o meio de nós, nos provocam, nos obrigam a participar. A estar do mesmo lado. Porque as histórias que se contam trazem os nossos problemas. Os nossos defeitos. A nossa crueldade e o nosso egoismo no dia-a-dia. A nossa solidão. Tudo o que nos tira a vontade de rir está ali, através da caricatura, a devolvê-la. E iremos para casa a pensar um pouco nisso tudo. Talvez a reformulá-lo. Viro-me para o Fernando. Já não me apetece perguntar-lhe mais nada. Aquele sorriso, aquela sensação de ar puro, basta-me. Agora queria era que o espectáculo começasse, que se acendessem ali mesmo os projectores.

— Que tipo de sensação é que tens quando acaba um espectáculo?

— Depende de como correu...

— Se correu bem.

— Se correu bem... olha, é a mesma coisa que se sente quando se faz amor com uma pessoa de quem se gosta muito. É um prazer muito equivalente.

As Mulheres de Setecentos no Universo Masculino: algumas observações de um livro "oficial"

Muitas das questões referentes à problemática feminina ganham luz quando abordadas ao nível cultural e das mentalidades. A relação dos homens com as mulheres, e o próprio estatuto destas, liga-se intimamente com a concepção que ambos têm quer de si próprios, quer do outro. A este nível, seria uma ajuda preciosa para o entendimento do problema investigar a própria concepção de homem ao nível do universo feminino.

A concepção de mulher vigente no século XVIII, no que diz respeito à visão masculina, se bem que heterogénea e vinda de universos mentais mais ou menos diferenciados, é, no entanto, possível de ser generalizada enquanto pensamento maiormente dominante de uma época. Dele dependeram muitas coisas, e até certo nível as limitações impostas à liberdade e dignidade das mulheres de Setecentos, de que falaremos a partir do ponto de vista masculino.

Como fonte servimo-nos basicamente de uma obra datada de meados do século, cujo carácter moralizante acaba por reflectir a concepção de mulher de Setecentos. É de 1766 a 10.ª edição de «Eva, e Ave, ou Maria Triunfante. Theatro de Erudição e Filosofia Christãa, em que se representão os dous estados do mundo: cahido em Eva e levantado em Ave», em que António de Sousa de Macedo se expande em considerações sobre o carácter e actuação feminina.

É esta fonte importante a dois níveis. Em primeiro lugar, trata-se de um livro dedicado a um importante inquisidor, pelo que as formulações teóricas aí contidas gozam do pleno acordo oficial. Em segundo lugar, o facto de ser uma 10.ª impressão lança-nos alguma luz sobre a própria difusão da obra. Protegida, a impressão é custeada por um familiar do Santo Ofício. A mulher tem na obra um lugar especial. É ela a culpada dos males do mundo.

A formulação oficial, se assim lhe podemos chamar, é secundada por obras diversas, oriundas de vários quadrantes masculinos. Um pouco por toda a parte, da acusação à paródia cínica, do moralismo ao desprezo, o mesmo racismo, tanto mais ridículo quanto as mulheres se afirmam e progridem. Um bom exemplo é as «Modas do Tempo» de 1788, em que a sátira às modas femininas é pretexto que leva o autor a opinar sobre a sua concepção de mulher.

Em certos aspectos, as mulheres do século XVIII começam a pisar os terrenos reservados inicialmente ao «clã» masculino. Talvez isso os irrite. Os senhores vêem evadir-se a presa e temem — aliás, o medo da mulher expresso nos mais diversos mitos é uma constante da sensibilidade masculina — perder o lugar que lhes é reservado. Ou pelo menos recusam-se a compartilhá-lo.

Às vezes, ufanos da sua «superioridade» parodiam. E é parodiando que se detecta o seu juízo (mesmo que se refiram a brincos...):

«Que tragam as mulheres cadeados
Este acerto lhes louvo;
Mas trazellos assim he moda louca,
Devem ir das orelhas para a boca»

(Anónimo, Modas do Tempo, Lisboa, 1788, p. 8)

Já S. João Crisóstomo, há muito tempo atrás, tinha expressado a mesma ideia: «Oh, se as mulheres fossem mudas quanto seguras e úteis seriam!» Sonho impossível de realizar. As mulheres do séc. XVIII falam. Têm coisas a dizer e a fazer. E nas medidas das possibilidades tentam recuperar o tempo perdido.

Era preciso assustá-las com Eva e dar-lhes a hipótese de se salvarem imitando Maria. Ela é a única que não ameaça o homem na sua liderança terrestre. É ela o único modelo de mulher (casta, mãe, submissa) possível. É ela o modelo da luz; Eva (e com ela todas as mulheres) é o caminho das trevas. «Deste modo cahio o mundo da mayor alteza no mais profundo abysmo: a mulher dada para ajudar a hum foi principio da ruina de todos.» (Eva... p. 1).

Relacionando o mito do pecado original e o mito da Virgem — que no título da obra bem expresso vem — acaba o autor por reflectir as duas grandes tendências que o catolicismo aprofundou na sua concepção de mulher. Entre a salvadora e a pecaminosa oscilam os mitos femininos, que raramente se situam na mediania, constituindo-se antes num dos extremos: Eva ou Maria.

O próprio homem parece ter medo da mulher. Adão pecou para acompanhar Eva: «quem não temerá hum sexo que, querendo ajudar, mata. De quem pode o homem fiar-se?». (Eva... p.2) A desconfiança é assim extensível a todas as mulheres. A melhor maneira de mantê-las dominadas é cercá-las no seu único papel: mulher do homem e mãe, ou seja, serva e parideira. «A obedicência aos maridos foy a condenação mais penosa ao altivo das mulheres, e Deos a duplicou para melhor a estabelecer» (Eva... p. 3). A segunda refere-se ao parto.

Fechada em casa dos pais, do marido ou no convento, afastada da decisão política, da tertúlia ou dos lugares específicos onde tradicionalmente circulavam as ideias, a mulher — se exceptuarmos em certa medida a alta aristocracia — foi criando o seu mundo limitado a maior parte das vezes às quatro paredes da casa. Criou e interiorizou uma imagem de si por vezes em tudo desfavorável à sua própria libertação de objecto. A mulher, por exemplo, enfeita-se para agradar ao marido. Ou ao futuro marido. Sem ele a única saída é o convento. E nem sempre a fé é muito ardente.

Criticando o excessivo apego da mulher às modas, o homem deixa por vezes antever que mais qualquer coisa se passa. A actividade feminina escapa-lhe, ou melhor, parece já não se ligar tão evidentemente aos antigos objectos de servidão. Dantes, dizia o parodiador.

«Não campava a mulher pelo toucado sim pela honestidade não se fazia c'os enfeitos louca cuidava n'almofada, meia, e roca» (Modas do Tempo... p.7)

Fútil e ambiciosa de futilidades a mulher é vaidosa, diz o autor. Não deixa de ser um caso curioso esta observação, se nos lembrarmos de todo um número infinito de folhos e folhinhos, laçarotes, cabeleiras, caracóis, com que os elementos masculinos se enfeitavam precisamente na mesma altura.

Com a sua vaidade ela torna-se terrível. E o autor num acesso de inteligência após longos pensamentos, descobre que: «São mais feras que as feras» porque entre os animaes nenhuma femea mata o seu macho senão a mulher» (Eva..., p. 213). Seria efectivamente uma hipótese a considerar, se desconhecessemos as atrocidades sobre mulheres cometidas por elementos masculinos.

Sobre a mulher que António Macedo descreve poucos ou nenhuns estudos há, ao nível concreto das suas actividades. Sendo certo que a concepção que o imaginário masculino construiu de uma D. Maria I diferia abismalmente da plebeia, difícil se torna a generalização de um determinado conceito a uma tão heterogénea massa. Sem querer aqui esgotar as condições de vida femininas no séc. XVIII, algumas constantes há que indicam em parte a sua posição na sociedade.

Sendo a sua existência social reconhecida em função da família em que se integra, não é ela o chefe dessa família. Na sociedade em que vive, todas estruturas assentam na primazia masculina.

Ao nível da lei, o direito civil e canónico, a teologia e a «sabedoria popular» coincidem no desmerecimento das suas capacidades e do seu carácter, denunciam a sua fraqueza e maldade.

Curiosamente, em França parecem mais visíveis os progressos quanto ao lugar que ela vai alcançando na sociedade. Frequentes são as observações sobre os seus poderes. O Núncio do Papa terá afirmado que «Em França todos os grandes acontecimentos, todas as intrigas de importância dependem cada vez mais das mulheres.»

Assim, e pelo menos ao nível da corte, nota-se uma certa contradição entre o texto da lei e a actuação feminina. Que em Portugal, de qualquer modo, não atingiu a soberania que em França lhe é concedida.

A resposta não se faz esperar: «(...) hoje lhe he molesta a sujeição, ou porque o marido quer o injusto, ou porque ella, com natureza depravada, nem no justo quer obedecer.» (Eva..., p. 20)

Eis encontrada a solução de todos os problemas. A mulher que se cultiva, a que se dedica às letras, a que reflecte sobre a sua situação e tenta alterá-la é depravada.

O mito da mulher perversa (e são todas, diz o autor) aparece com todo o seu vigor, aplicável a tudo o que ela faça, donde, um colocar uma pedra sobre o assunto. O homem não pode fiar-se na mulher. Tudo quanto ela faça sem ser debaixo do seu rigoroso controlo e obediência pode ameaçar a sua seguraça. Mesmo os seus argumentos, envolventes e sedutores, podem traduzir-se numa desgraça. Não foi o próprio Senhor que castigou Adão por ter escutado as palavras de Eva?: «Para a condenação deo o Senhor a Adam por primeira causa, haver houvido a voz de sua mulher» (Eva... p. 20)

O desmerecimento das capacidades e do carácter feminino encarando a dependência e a inferioridade como um estado natural das mulheres, não é apanágio dos escritos portugueses. Sade, o tão apregoado marquês defensor das liberdades, sintetiza em certa medida tudo isto ao afirmar em Justine: «As relações entre a esposa e o marido não são diferentes das que existem entre a galinha e eu: uma e outra são animais domésticos, dos quais temos de nos servir e a quem temos de utilizar de acordo com os ditames da natureza sem os distinguir em nada.» (Sade, «Justine», p. 178)

De todo o emaranhado de opiniões e contra-opiniões que por esta altura fazem aparecimento ao nível da literatura acerca da mulher, podemos de uma forma geral concluir tanto pelas que lhe são favoráveis, como pelas que não lhe atribuem qualquer dignidade, que é estranho no mínimo que em pleno século das luzes a escuridão fosse tanta.

Clara Frayão Camacho
José Manuel Vilhena

Estórias de Portugal

AEM sempre os acontecimentos maiores determinam as mais gordas notícias. Que me perdoe quem tiver de perdoar, mas há por aí, todos os dias, novidades arrebatadoras, eventos empolgantes, daqueles de quem se esperaria manchete a toda a primeira página, com edição de tiragem reforçada, que se escondem, timidamente, numa coluna de seis modestas linhas dum corpo minúsculo, quase atarracado. Dir-me-ão que meta o rabecão no saco e me reduza à minha insignificância de remendão de meias solas... Mas como o que não tem remendo remendado está, esgrimo a sovela, rapo da naifa, corto, recorto, coso e prego, deixando a graxa para outros mais ciosos da segurança dos protectores.

Antes que o leitor me dê com os pés convém recordar-lhe a que veio todo este arrazoado de vão de escada: chegou ele a propósito de relação «importância do acontecimento — tamanho da notícia» — se é assim que se designa em terminologia jornalística. Isto tudo porque, há já alguns dias, descobri eu, quase envergonhada, a notícia que um padre, algures numa terriola do Norte, fora acusado de envolvimento num «negócio» de cheques falsificados. Não creio, evidentemente, que a extensão da operação se aproximasse, de perto ou de longe, com o movimento de capitais, de capitais para capitais, do Banco Ambrosino, que Deus tem, mas, num país como o nosso, em que tanto se fala de crise, tanto se discute a economia, tanto se comenta a inflação, tanto se choram as finanças, deixar passar um acontecimento de tal relevância sem o menor destaque, quase anonimamente, pareceu-me, digo-o francamente, de mais ou de menos. Era o virar as costas à «via original», ignorar a «luz no fundo do túnel», meter a «salvação na gaveta.».

Ingénuo, atrevi-me a pensar numa distracção, numa precipitação, numa confusão, em várias possibilidades terminadas em ão... E aguardei... Qual o quê?!... Se a primeira notícia sobre o acontecimento fora pequena a segunda nem sequer era... não houve, não saiu!

Tudo o que se entendeu por bem dizer foi dito nas tais linhitas despretensiosas, desadjectivadas, discretas. Mas veio a «Primeira — Página» com os representantes económicos dos quatro principais partidos. E aí eu pensei: «—A Margarida Marante é uma pessoa atenta... não vai deixar de convidar o senhor prior a estar presente!»... Novo erro. O prior convidado para aquela freguesia foi o Sarsfield Cabral e todos nós já sabíamos daquela missa muito mais que a metade. E assim se perdeu uma ocasião soberana de se conseguir qualquer coisa de novo para as finanças de todos nós. Deixando-se no esquecimento a grande oportunidade de a nossa economia recuperar da debilidade em que se debate! Margarida não foi à fonte onde melhor água podíamos beber!... Que me desculpem os ilustres economistas, mas não nos trouxeram nada que nós não soubéssemos já... Que me perdoe a Margarida Marante, mas a ausência do padre-financeiro é imperdoável!... Pois o que este País precisa não é dum milagre económico?!... Para o conseguir haverá alguém melhor colocado que um padre?

Francisco Nicholson

Teatro **Sete Ponto Sete**

Bouche cousue: Teatro mimo da escola polaca

A companhia de mímica parisiense BOUCHE COUSUE está em Lisboa, numa das salas da Comuna, em representações do espectáculo. «Esta noite a minha cama é um barco e a minha memória um poço». Lídia Martinez, portuguesa e Xavier Mstres, catalão, mimos, coadjuvados por Tony Lyttle, australiano, num trabalho de perfeição técnica inexistente entre nós.

QUANDO se começa a escrever e a ler tem que se aprender o alfabeto. Nós aprendemos um outro: a técnica da sectarização do corpo. Tomamos consciência de que ele se pode dissociar. Fazemos igualmente um trabalho sobre o ritmo, a improvisação de temas, dança clássica, alguma acrobacia, feitura de máscaras. Começamos depois a montar números, sozinhos. Aí encontramos o nosso desenvolvimento pessoal. ELLA JAROZEWICZ (ex-bailarina clássica e primeira actriz do WROCLAW PANTOMIM THEATER durante doze anos) é a directora da companhia MAGÉNIA, em Paris. Frequentamos os seus cursos. ELLA oferece-nos todo o apoio para os espectáculos, sobretudo dum ponto de vista da economia de gestos: não dizer de mais mas o suficiente.»

O «Fait-Divers»

Xavier: Saímos de Paris domingo de manhã, três «couchettes», três bilhetes comprados com o nosso dinheiro. Em Irun, Tony Lyttle não passou. Precisava de um visto para entrar em Espanha. Fiquei com ele, fomos ao consulado, obtivemo-lo. Lídia seguiu para adiantar as coisas em Lisboa. Tomámos um outro comboio, perdemos o direitoàs «couchettes». Em Vilar Formoso o agente português olhou para o meu bilhete de identidade, olhou para mim e acho que não gostou da minha cara. Perguntou-me quanto tempo ficaria em Lisboa e que dinheiro tinha. Respondi: quinze dias e mostrei os duzentos francos que trazia no bolso.

Não me deixou passar, saímos do comboio, disse-me que Espanha era para o outro lado e que eu necessitaria de doze mil escudos para entrar em Portugal. Tony podia seguir porque era australiano. Havia um chileno também em sarilhos. Tudo isto era ilegal, bastavam cinco mil escudos, mas não o sabíamos. Tony emprestou-me o resto do dinheiro. No meio da confusão, fomos separados e levaram-me para uma sala da alfândega, não sei se preso, não percebi. Tony, no meio da estação sozinho, não me via e pensou que eu tivesse embarcado de novo. Sem dinheiro, sem saber falar espanhol nem português, desesperou. Pelo meio dos campos gritava: Xavier, Xavier. Rimos. «Estava a fazer exercícios de voz». Avisámos a Lídia pelo telefone e procurámos a fronteira das camionetas. Pegámos nas malas e, a pé, passámos tranquilamente. O homem pôs dois carimbos, tudo em ordem. De camioneta fizemos turismo quase de borla pelo país todo, de Vilar Formoso, a Lisboa, também não percebemos. Conclusão: um atraso de três dias para a nossa montagem, desconcentração na estreia.

O trabalho

Lídia: Em 1979, fundei a Companhia de Mímica **Bouche-Cousue.** Tive a colaboração de Pascal Bretonnière. O primeiro espectáculo, intitulado **CANEVAS** foi bem sucedido e com ele realizámos uma «tournée» à Alemanha. Alguns dos seus extractos levei-os eu à Polónia. Em 82 criámos **CE SOIR, MON LIT EST UN BATEAU ET MA MEMOIRE UN PUITS.** Eu escrevi um texto que Pascal corrigiu e mais tarde com Xavier Mestres pude interpretá-lo. Aqui tivemos a colaboração do nosso amigo e colega Tony Lyttle que se prontificou a acompanhar-nos fazendo apenas trabalho de apoio técnico. Somos todos alunos da professora Ella Jarozewicz, de origem polaca, discípula de Tomaszewsky, de Wroclaw, Ella dirige em Paris uma escola de mímica, ou melhor, uma companhia **MAGÉNIA,** que lhe dá o nome. Frequento os seus cursos desde há cinco anos.

Xavier: Lídia criou a companhia e com Pascal e os quatro números que constituem a primeira parte do espectáculo que agora Lisboa pode ver. A segunda parte é criação de Lídia e minha. Pascal ajudou-nos evidentemente. Tive a grande vantagem de os não ter visto juntos, na primeira fase, e assim não fui influenciado. O pássaro deste sonho, o rapaz que dança, a mulher/mãe foram invenções minhas fundidas ao texto de Lídia. Há mês e meio que trabalhamos incasavelmente. Preparámos também um espectáculo para crianças. Alugámos um espaço mas o dinheiro era mínimo para nos fixarmos lá por muito tempo. Os textos estavam escritos e desenhadas as figuras. Fizemos vinte e três ensaios. Estivemos três semanas no Théâtre Constance, em Paris. A Lídia chegou a pesar trinta e nove quilos.

Tony: Sou actor profissional, faço bailado clássico e um pouco do moderno. Trabalho com o W. A. Ballet Co. E faço publicidade para a televisão. Por exemplo: **Used cars, garden products, washing powders...etc.** Às vezes um artista precisa de ganhar a vida assim. (Ri).

O Governo australiano concedeu-me uma bolsa de estudos para mímica. Cheguei a Paris e ingressei nos cursos de Ella Jarozewicz. A bolsa, que era de um ano, terminou. Mas quero continuar a estudar mimo, dança (clássica e moderna), ecrobacia, etc.

Xavier: Ele é um bom acrobata.

Tony: Quando voltar para Paris vou preparar um espectáculo de rua. (Ri).

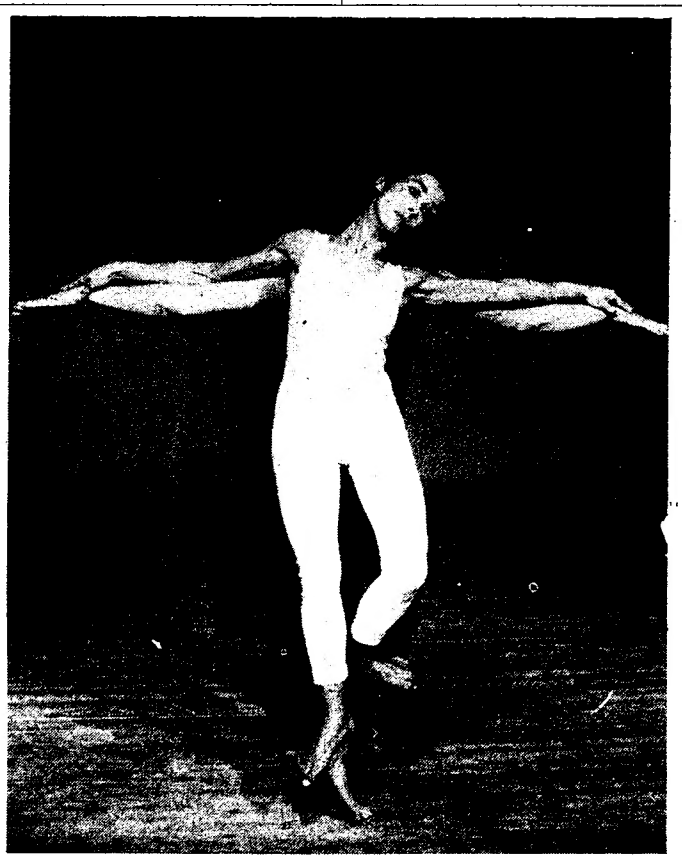
Xavier: Nunca tenho projectos. A maior parte das coisas não passam da nossa cabeça. Não sou aventureiro; reconheço sim que a vida o seja. Há que tomar todos os dias decisões.

Tony: O meu objectivo é trabalhar no teatro de «cabaret». (Ri). Gostava de fazer parte da **Pina Bausch Co.** da Alemanha: aí podia funcionar como actor, mimo, bailarino.

Lídia — A mímica é uma forma de expressão que, quanto a mim, está muito ligada a uma ideia que pode ser literária, por exemplo. Essa ideia é passada ao gestual, à respiração, ao ritmo. Tudo isto envolvido por música ou silêncio. A pantomima é diferente: uma ou várias histórias são contadas por gestos muito ligados aos do cinema mudo, isto para uma imagem mais concreta. A mímica é mais abstracta: pode ser representada por gestos, movimentos, mas uma pode ser aliada à outra, uma pode viver sem a outra e as duas podem ficar juntas.

Xavier: É um instrumento, uma técnica de trabalho. Se se faz a mímica pela mímica não se chega a parte nenhuma. Um pianista não aprende piano só para saber tocar piano. É uma questão de método, de perspectiva. Para mim **a meta é o espectáculo.** Sou um actor a «dar a volta». Aos 17 anos fui para Paris e estudei com Étien Descroux que considero o inventor da mímica ocidental. Entrei para o circo como acrobata cómico. Ingressei na Escola de Circo do Conservatório Nacional de Artes do Circo, de Paris, «Nouveau Carré».

Fiz trabalhos diversos; diversos cursos. Procurei a qualidade. Agora encontro-me na Escola de **Ella.** Já lá tinha estado. Saí para me integrar numa troupe suíça — **Rigolo Circus** — . Um espectáculo que tinha **apenas** cinco mil quilos de material. Dois camiões formavam um módulo cénico. Algo entre o circo e o teatro. Cores, movimento, ritmo. Andei cá e lá, isto é, Ella e Rigolo. Entrei, como mimo, numa ópera: Macbeth, de Verdi, no Teatro Musical de Paris. Fiz parte da companhia MAGÉNIA. Depois comecei a trabalhar com a Lídia na **Bouche Cousue.** Pratico também a arte lírica. A ópera é o espectáculo por excelência. Um bom cantor necessita também de ter uma boa imagem, saber movimentar-se, utilizar a acrobacia, isto sem denegrir outras formas teatrais. Se te pões no meio do palco, parada, e cantas bem, não chega. Para isso compra-se o disco. A polivalencia é necessária. Todo o trabalho que faço é complicado, já não me é possível a facilidade.



Líddia Martinez. Foto : Guy Vivien

Esta noite o meu leito é um barco e as vagas chegam até mim e submergem-me nos seus vazios negros. Neste barco não há marinheiros nem capitão. No meu leito, esta noite, um corvo apareceu e eu fechei os olhos para não o ver. Tive medo. Mãe, mãezinha, vem procurar-me. Já não tenho nem lençol nem cama mas sinto o teu cheiro e o teu vestido que se arrasta pelo chão do quarto e me traz segurança. Dá-me de comer, mãe, mãezinha, olha para mim, porque é que não me vês? Lembras-te do baile e dos amantes loucos e do meu vestido de «tulle» cor-de-rosa bon-bon?...

... O dia chega docemente e debruça-se sobre o meu lençol. A luz obriga-me a acabar o sonho e a minha cama já não é um barco mas um pedaço de neve que se esvai e me faz esquecer esse corvo negro que se esconde aos meus pés, debaixo do lençol...a noite.

(Texto de Lídia Martinez — base para a mímica «Ce soir, mon lit est um bateau et ma memoire un puits»)

Lídia: O meu percurso está ligado ao desenho e à pintura mas tive sempre um grande interesse por tudo quanto era movimento, a dança, o teatro e a música também. Eram coisas de que me tornava espectadora conivente. Estudei artes decorativas, belas-artes, tanto em Lisboa como em Paris. Depois passei por uma ou duas escolas de dança e mímica. Fixei-me nos cursos da MAGÉNIA, **que é ligada à tradição da pantomima e mímica polacas.** O meu trabalho evoluiu no sentido da figura, do movimento, do panejamento, da «mise-en-scène»... **Acabei por fazer eu própria o que estava a desenhar.**

Tony: Vai ser excitante quando formos grandes artistas... Voilà. (Ri).

Xavier: Não gosto de frequentar escolas mas de fazer cursos. Não suporto o sistema da regularidade e quase sempre a falta de empenhamento. Num curso sou obrigado a impor-me uma diciplina própria. Na MAGENIA há uma identificação corporal com todos os objectos, não apenas a descrição como nas escolas ocidentais. Isso conta muito para mim, tal como a apuradíssima técnica corporal e o trabalho de improvisação. Em Paris há duas escolas importantes: a de **Descroux** e a de **Ella.** Descroux tem uma finalidade não teatral. Considera a mímica em si mesma. Ella faz um trabalho de interiorização, do meu ponto de vista mais global no seu dinamismo, um ritmo completamente teatral. Pode utilizar-se. A improvisação permite que cada aluno encontre a sua própria linguagem. É mais interessante. **Le Coq** é o nome de uma outra escola mas para comediantes. Visa a procura do personagem «clownesco» que cada um de nós comporta. Tem um importante ritmo de réplica e de improvisação. Não me serve tanto enquanto **mimo.**

Lídia: A mímica é uma forma de arte completa. Pode funcionar como complemento mas pode também viver por si própria. Se hoje lhe dou prioridade é porque se trata de um trabalho muito físico, portanto mais urgente. Mais tarde faltar-me-á dinâmica e fôlego. Tenho 30 anos. Digo sempre para comigo que terei tempo para me sentar, olhar as coisas, senti-las e pintá-las. A pintura vai amadurecendo dentro de mim e tem-me ajudado no tipo de escolha de elementos, na composição plástica, na cor, etc. Esforço-me, ponho o meu melhor no que faço, mas deixo aos outros o aperceberem-se disso. O que é que isto tudo pode representar em relação a eles?, penso eu. Como pode passar para fora o prazer, o interesse, a curiosidade? Numa primeira fase há que estar disponível. O que é preciso é nunca nos desencorajarmos. Depois de muito sacrifício consegue-se chegar ao trabalho final. Então, é verdade, a maior parte das vezes deparamo-nos com outro tipo de problemas para os quais já não se tem energias: coisas ligadas à publicidade, à programação em salas de espectáculos, às questões económicas. **Pedimos à SEC um subsídio de 25 000$00,** ajudas de custo, quase ridículo. **Depois de quase um ano de estudo a SEC** recusou o seu apoio à **companhia de música, música** em vez de **mímica.** Isto passou-se em 81.

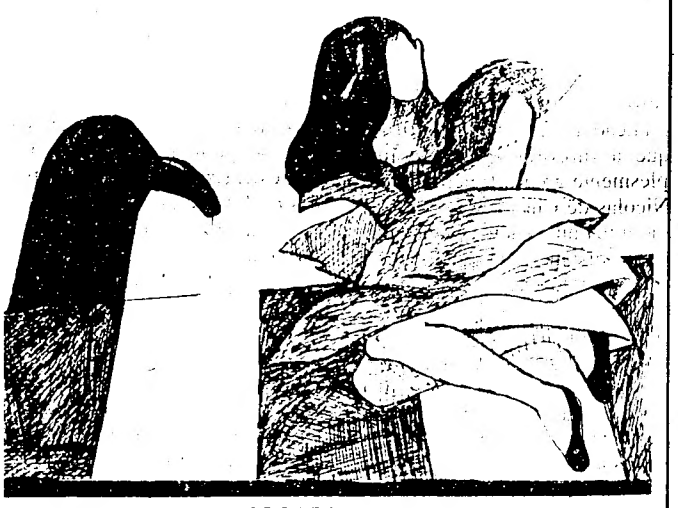
Agora pedimos 30 000$00 para pagamento de viagens Lisboa-Paris, ida e volta de comboio, três pessoas. Passámos pelo Consulado de Lisboa em Paris, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, acabámos no Ministério de Cultura: nova recusa. Não temos sequer dinheiro para partir. Dividimos a bilheteira. Hoje ganhámos 600$00 cada um.

Xavier: Chega para comer. A justiça não existe. Eu tenho que partir no fim deste mês. Assumi o compromisso de trabalhar noutra ópera, como mimo. O dinheiro não me preocupa muito, é um facto, só até ter vinte escudos para um café. É verdade que nunca tive tão-pouco como em Portugal. Mas se quiser dou cursos, na Suíça, por exemplo, portas abertas ao meu trabalho, posso ganhar bastante.

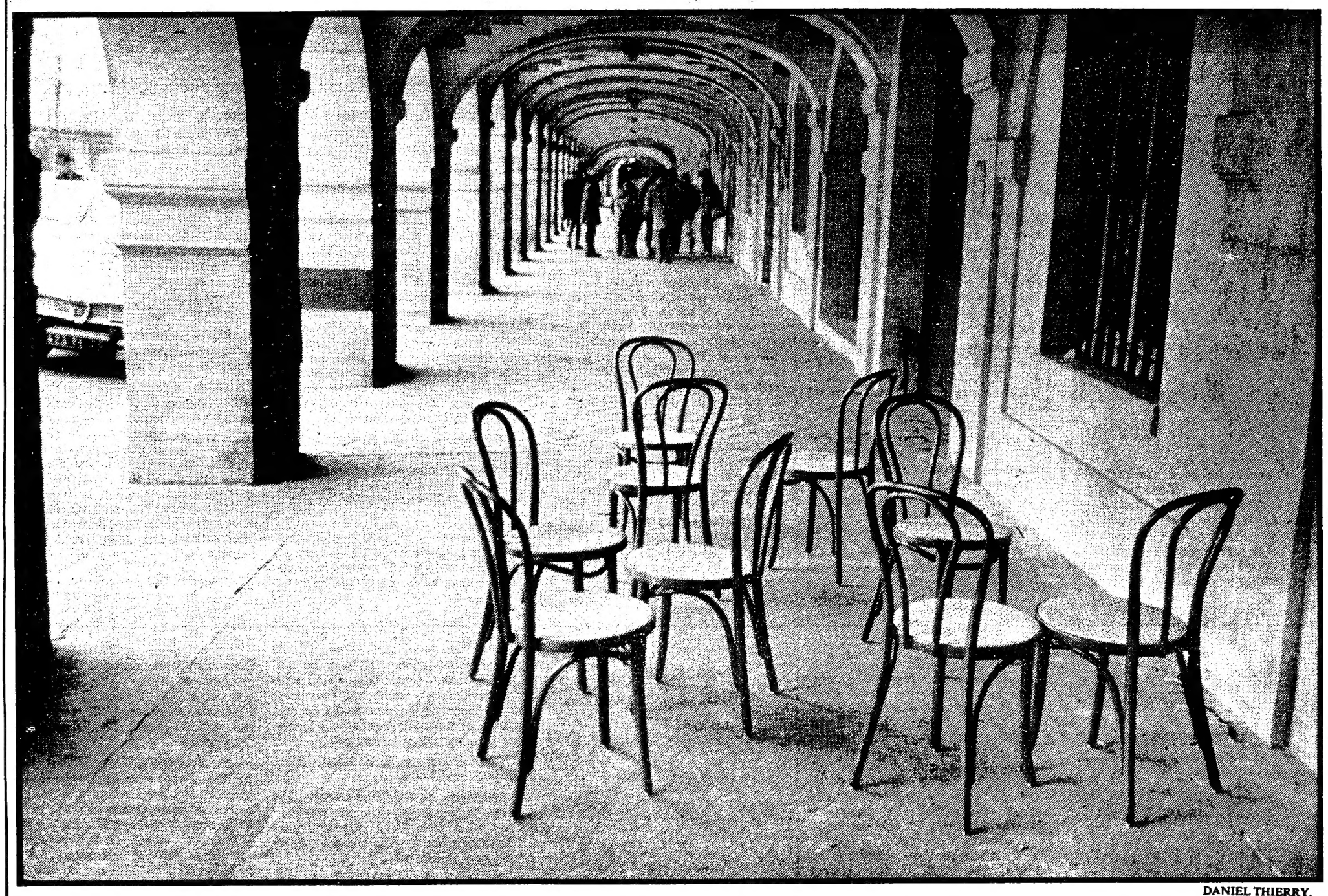
Tony: Gostava de comer sempre peixe depois do espectáculo. Em Portugal é óptimo. Esses bifes das cervejarias aqui em Lisboa, cozidos em manteiga com sangue são horríveis. Quando chegar a Goulburn abro um restuarante com esse prato: sopa de bife. Vou ganhar dinheiro. Sabes, a vida é como uma «omellette» australiana; dum lado toda queimada, doutro lado crua. Eu? Estou do lado queimado. (Ri).

Maria Emília Correia

BOUCHE COUSUE



MIME



DANIEL THIERRY.

Diálogos intemporais de Maurice de Gandillac

Amigo de Charles Du Bos e de Jacques Maritan, camarada de Sartre e de Merleau-Ponty, tradutor de Hegel e de Nietzsche, o filósofo Maurice de Gandillac mantém um diálogo sempre actual com os filósofos gregos e alemães e com os humanistas do Renascimento.

Christian Descamps

PROFESSOR emérito em Paris I — Sorbonne, Maurice de Gandillac foi, na Escola normal superior, camarada de Sartre, de Nizan e de Merleau-Ponty. Foi íntimo de Charles Du Bos, de Maritan, colega de Bachelard e de Jean Wahl. Traduziu Hegel e Bloch. Continua a dirigir a tradução francesa de Nietzsche (Gallimard) a partir da notável edição italiana de Colli e Montinari. Publicou **la Sagesse de Plotin** (Vrin), **Dante philosophe** (Seghers)...

Apaixonado pelos humanistas do Renascimento este filósofo (1), que junta o gosto da tradição ao da invenção, afirma que a filosofia não fala simplesmente grego. **Reler com ele Nicolas de Cues (1421-1464) é** mergular numa actualidade que, a boa distância, adquire outros relevos. De Cues, que nasceu numa aldeia da Moselle, partiu para Itália, estudou direito, medicina e matemáticas. Viajou até Constantinopla com o projecto de reunir — teórica e praticamente — as culturas. Maurice de Gandillac, que o traduziu e o fez tornou conhecido em França, gosta deste filósofo que diz que o homem é um animal nu porque também sabe que pode recorrer à arte da tecelagem para «viver melhor».

*

— Se se reconstituisse as suas investigações sobre o Renascimento, encontrar-se-ia a conciliação entre o seu gosto pela novidade e pela tradição.

– nascido em 1906 fui contemporâneo de mutações. Em criança, o meu tio levou-me ao campo de aviação de Juvisy. O desenvolvimento da electricidade e da rádio, apaixonavam-me. Um dia o meu pai levou-me ao Teatro dos **Champs-Elysées**, a um lugar de onde se podiam ver todos os lugares... Exibiam-se os Ballets russos. Em volta de mim falava-se, de um modo um tanto escandalizado, dos **fauves**, dos cubistas, de Mondrian, de Kandinsky, do cinema. Era o tempo de Proust e de Joyce, mas as pessoas ignoravam-nos. No quinto ano, o meu professor Auguste Bailly, o romancista de **Naples au baiser de feu**, ensinava-nos a compor versos latinos. Apreciei desde cedo a linguagem correcta. Isso levou-me, ingenuamente, a escrever aos jornais para protestar contra os erros de sintaxe.

— Em matéria política as suas experiências foram por vezes opostas.

— Ainda criança, em Agosto de 1914 tive um sobressalto patriótico. Uma jovem alemã, Fraulein de amigos de férias, despediu-se. Recusei apertar-lhe a mão. Logo em seguida tive tantos remorsos que cheguei a fazer grandes declarações germanófilas, que escandalizavam os meus amigos. Mas, na minha família, lia-se Romain Rollane e depois Barbusse. Foi decerto a eles que fui buscar tendências pacifistas e uma sensibilidade pelas civilizações estrangeiras.

— No entanto, pelo menos durante um certo tempo, foi influenciado por Maurras.

— É certo, mas um livro como **de Kiel à Tanger** foi descoberto recentemente como um trabalho de reflexão, interessante quanto à situação de uma potência média entre dois grandes blocos. Maurras também falava de autonomia local, apresentava o rei como federador de repúblicas. E ao seu lado havia em 1923 o proudhoniano Georges Valois, anticapitalista como Bernanos mas de um modo mais reflectido. Depois de ter fundado os «Faiceaus» que seduziram Nizan durante alguns meses, acabou por se tornar resistente e deportado. Na minha geração éramos muitos a sonhar em conciliar a autoridade, a liberdade e a justiça social.

— Entre as duas guerras seguiu com atenção as conferências de Gabriel Marcel. No seu salão, que Sartre frequentava, estudavam Jaspers e Heidegger.

— Assim como Bergson tinha acompanhado com a sua retórica poética muitos dos nossos professores, e Leão Brunschvicg mantinha a tradição kantiana e neo-kantiana, nós descobriamos Kierkegard e o existencialismo.

— Brunschvicg recusava com vigor Aristóteles e Hegel.

— Foi muito mais tarde, através do marxismo, que começámos a interessar-nos por Hegel, que antes nos tinha sido apresentado como o regresso a uma escolástica. Kojeve e Hypolite é que mudaram a situação. Mas prestemos homenagem a Brunschvig. Ele fez uma boa edição de Pascal e era um fino conhecedor de Malebranche. Durante a ocupação, escondido na zona sul com o nome de **Brun, mostrou-se estoico.**

Com Desjardins e Schlumberger, este pensador notável **deu-me a honra de me pedir que o secundasse numa «década» de** Pontigny consagrada ao problema do Mal. Estava-se em 1936 e a mulher dele era ministro no gabinete de Léon Blum. Pedi a Jean Wahl que tratasse o aspecto existencial do problema. Brunschvicg não concordou achando que isso não tinha nenhum sentido...

— Também se deu com Berdiaeff que, depois de ter sido afastado da Universidade russa em virtude das suas opiniões revolucionárias, se voltou depois para uma espécie de existencialismo espiritual.

— Foi em parte através dele e de Leão Chestov que descobri toda uma parte da tradição russa, ao mesmo tempo gnóstica, mística e próxima do romantismo alemão.

— Esteve na Berlim dos anos 30.

— Nessa altura o tratado de Versalhes era considerado uma vergonha por todos os alemães, mesmo de esquerda. Escrevi então um artigo de humor em **Esprit**, onde me manifestava contra o direito de os ingleses e de os franceses — tendo em vista a sua política colonialista — poderem representar a consciência internacional. Depressa compreendemos a necessidade de resistir a Hitler pela força, mas não viamos como seriam capazes de o fazer. De resto, **esse período era fascinante. Em** 1929, em Davos, ouvi Cassirer discutir com Heidegger e encontrei o jovem **Lévinas que se iniciava em Sein und Zeit** (O Ser e o Tempo).

Não há corte entre Antiguidade e os Tempos modernos

— Como começou o seu interesse pela Idade Média e o Renascimento?

— Os cursos de Etienne Gilson fizeram compreender que não havia um corte radical entre a Antiguidade e os Tempos modernos! Comecei a estudar Giordano Bruno, e, entre as suas fontes, encontrei Nicolas de Cues, a quem me dediquei durante muito tempo. Em 1931 **fiz um curso nos Altos Estudos**, sobre Petrarca; e Dante sempre me fascinou. Veja esta passagem magnífica do Inferno onde o poeta imagina que o velho Ulisses volta a partir, desta vez à reconquista do Oceano, antecipando a viagem de Cristóvão Colombo.

— Não teve que se esperar pelo Renascimento para saber que a Terra era redonda.

— Claro que toda a Antiguidade faz da rotundidade um

Continua na pág. 8

Ultima página **Sete Ponto Sete**

Maurice de Gandillac

Continuação da pág. 7

tema central. A viagem à volta da Terra, das colunas de Hércules às Índias, é várias vezes anunciada por Aristóteles. O Ulisses de Dante diz: «**Nós não somos animais**, quer dizer a nossa vocação é dominar o mundo. Claro que a viagem corre mal. Ulisses vai ser punido pela sua desmesura. Mas é claro que Dante sente simpatia pela sua audácia e descreve com precisão a travessia do Atlântico dos que naufragam nos antípodas de Jerusalém, do lado de Valparaíso.

— Nicolas de Cues vai inventar uma nova epistemologia, uma nova cosmologia. Ele proclama ao mesmo tempo a força e os limites do intelecto humano.

— Como o viu Cassirer, a sua teoria do conhecimento faz dele um percursor de Descartes e de Kant. O pensamento humano tem para ele um valor regulador. Ele dá grande importância à matematização do saber, assim como à técnica. Apaixona-se por instrumentos de medida, Propõe pesar a respiração... Gostaria de que os governos se interessassem pelo inventário do saber.

A «docta ignorancia» **é incapaz de atingir o infinito mas estabelece assim fronteiras que serão bases do saber.**

— Nas **Conjectures** encontra-se uma reflexão sobre o espírito do conhecimento, sobre o tempo, sobre tudo aquilo a que hoje chamamos conceitos operatórios. No concílio de Basileia apresentará um projecto de reforma do calendário, que deverá esperar um século para ser realizado.

— Ele põe em dúvida os limites dos séculos: para ele, há muito de homem na mulher, e da mulher no homem. Antecipa o moderno tema da bissexualidade.

— Numa perspectiva bastante próxima do estoicismo, para ele tudo participa em tudo. Há pois elementos masculinos na mulher inversamente. O mais interessante é o acento posto na igualdade e na complementaridade, porque não se esperou pela psicanálise para saber que o homem tinha pequenas mamas, e, as mulheres, clítoris!

— Embora não oponha os sexos, não faz um corte absoluto entre finito e infinito.

— Com efeito, por um lado o infinito é um movimento indefinido, assimptótico, mas o limite está presente, de um modo dinâmico, no próprio coração do finito. No mundo da matemática, uma circunferência que tivesse um raio infinito tornar-se-ia direita.

— Para ele, o Universo não tem portanto centro, a circunferência não está em parte nenhuma. Ele aplica à «máquina do mundo» essa fórmula até então reservada a Deus.

— Ele chega a imaginar a viagem de um astronauta. Suponhamos que um homem se eleva até à Lua, depois até Marte. Onde quer que esteja vê-se no centro do mundo. Não há direita nem esquerda, nem em cima nem em baixo. O cosmos é relativisado. Essa intuição ultrapassa a revolução de Copérnico, que se contenta em por o Sol no lugar da Terra. Ela anuncia Bruno e apluralidade dos mundos.

— Em 1453, no momento da queda de Constantinopla, príncipe-bispo no Tirol, em vez de pregar a cruzada contra os Turcos, propõe a confrontação. Na sua opinião, se se ler bem o Corão, encontra-se nele o cristianismo. Aquilo a que chama «paz da fé» supõe a convergência das filosofias e das religiões.

— Amigo do grande papa humanista Pio II, também se ocupa da temporalidade; propõe mesmo um plano de seca para os pântanos de Pontins. Vai além do sincretismo; vê nos dogmas da Trindade e da Incarnação das noções universais. Encontra-os na dialéctica da unidade, da igualdade e da síntese: por outro lado entre o infinito divino que é inacessível e o mundo indefinido, só o homem (Deus humanizado) faz a união.

Abelardo e a OLP

— Três séculos antes, Abelardo imaginara um diálogo entre o o cristão e o filósofo.

— Ele queria conciliar as tradições judia, cristã e helénica. Mas não conhecia as outras religiões e, em especial, não instituia nenhum confronto com o islão. Fiquei impressionado ao vê-lo descrever tão pertinazmente a condição judia. Ele diz que ela é imposta a essa minoria pela imagem que dela se faz. Impedido de possuir terras e de ser funcionário ou militar, o judeu fica reduzido ao comércio do dinheiro. Mas como o Levítico proíbe a usura, só empresta aos cristãos, provocando o ódio destes.

Abelardo recusa acusá-los de deicídio: eles agiram segundo a sua consciência, recusando aquele que consideram um blasfemo. Mas pergunta a si mesmo porque razão os «gentis» — isto é, os muçulmanos, — também destestam os judeus. A sua resposta é que eles lhes ficaram com a terra. Veja, estamos perto das proclamações da OLP! Com efeito, a terra prometida no tempo de Josué, estava ocupada. Foi conquistada, é certo, por ordem de Deus, mas pela violência. Quando Saul se mostrou um pouco conciliador em excesso com os inimigos, Deus substituiu-o por David.

No século doze, quando as comunidades judias viviam principalmente fora da Terra Santa, principalmente em Espanha, em Alexandria ou na Sicilia, o problema da terra dos Filisteus — antigo nome dos palestinianos — ainda não tinha actualidade. Abelardo é profético.

— Durante os anos 40, consagra uma parte do seu trabalho a Eckhart.

— As suas obras podiam ser publicadas visto ele ser alemão. Houve então duas traduções, na Gallimard e na Aubier. Revi e prefaciei a de Molitor, tradutor de Marx. Eckhart influenciou Nicolas de Cues, mas também, paradoxalmente, revolucionários como Thomas Munzer. As suas raizes mergulham no neoplatonismo e está muito próximo da tradição «vedantica». Hegel conheceu Eckhart pela bula que condenou as suas fórmulas mais ousadas. Interessou-se por essa dialéctica do sim e do não, do interior e do exterior, do objectivo e do subjectivo.

Nos anos 1942-43, nos Altos Estudos eu falava perante um auditório que se ia esvaziando para partir para o STO ou para a guerrilha. Mas nessa época dramática era, de certo modo, consolador poder tratar de questões que não estavam directamente relacionadas com a actualidade. O que não nos impedia, à saída, de regressar bruscamente ao quotidiano. Mas era preciso lutar contra a confiscação de Eckhart pelos nazis. Bastava lê-lo para compreender que não havia nessa obra nenhum traço de pangermanismo ou de racismo.

— Munzer — que leu Eckhart — fez-se teólogo da revolução.

— Se ele interessou tanto Ernst Bloch, é precisamente porque estava alimentado pelos grandes profetas judeus. Toda a sua vida foi incompreendido, finalmente vítima da coligação dos príncipes católicos e luteranos. Ele tomou a sério as promessas de um mundo novo, combinando a Bíblia e Platão. Tudo isto terminou com um massacre horrível. Sente-se bem a atmosfera dessa época em **l'Oeuvre au noir de Margueritte Yourcenar. Por meu lado prefiro, a estas visões, uma utopia mais lúcida como a de Thomas More.**

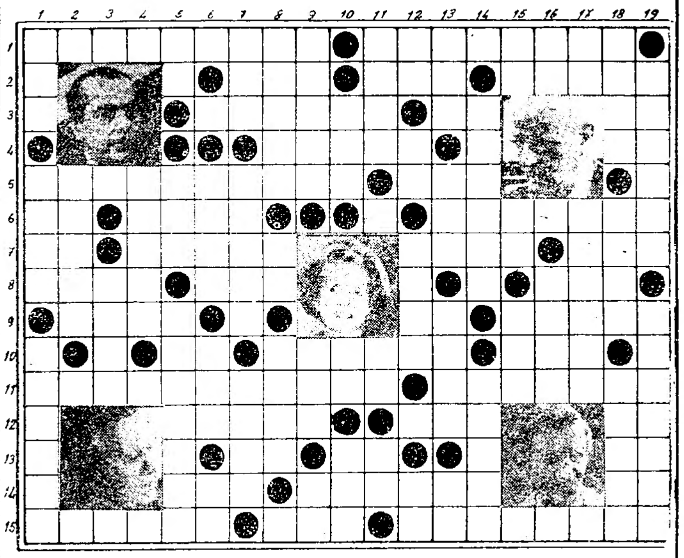
— No entanto, os seus projectos de sociedade ideal são particularmente terríveis.

— Talvez, mas como Inglês realista, faz a crítica mais radical do capitalismo mercantil do seu tempo. Não acredita no paraíso na terra. Na sua ilha isolada é, no entanto, preciso produzir duramente. Isto implica o trabalho obrigatório, a proibição das viagens — os passaportes internos, — os trabalhos forçados para os delinquentes. Estamos num regime policial. No entanto, este cristão, este futuro mártir, partira de um princípio de prazer que colocava na base da moral. Tudo isto devia levar-nos a reflectir, como o fez Aristóteles, no facto de o melhor regime político ser sempre o menos mau.

(1) Um trabalho de homenagem a Maurice de Gandillac, **l'Art des confins** deve sair proximamente nos PUF.

Palavras cruzadas

Interpretativas



HORIZONTAIS:

1 – Chegou a 21 de Março a nuclear em Vilamoura. O preço dele baixou cinco dólares o barril. 2 – Zombou (inv). Fortaleza da antiga Messénia. Cidade da Albânia. 3 – Três afundados no Douro seguem as pisadas do «Tollan». Rei de Basã morto por ordem de Moisés. Irídio (s.q). 4 – Cantigas. O sono das crianças. 5 – Eanes esteve na Grécia em visita oficial onde com este presidente travou conversações importantes sobre a entrada de Portugal na CEE. Ela, há só uma. 6 – Entre os Sírios, o último mês de Verão. Freguesia do concelho de Torres Vedras. Este dirigente do Partido Democrático Trabalhista brasileiro tomou posse do cargo de governador do Estado do Rio de Janeiro. 7 – O lado do vento. Dar a volta a ele a alguém, é perder essa pessoa o juízo. Ficar com a de asno, é ficar desapontado, envergonhado. Gracejas. 8 – Asa. O homem faz isso, e Deus dispõe. Figura que simboliza o povo americano. 9 – Empreende. Lântânio (s.q). Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Cordy. 10 – Pô-lo no pescoço a alguém, é vencê-lo. Em entrevista dada a revista «Newsweek» este líder socialista apoia a «Opção Zero». Manto real.. 11 – Os nossos, em Espanha, casam para manter postos de trabalho. Este arquipélago português tem mais obras do que dinheiro. 12 – O presidente da Câmara desta cidade nortenha está contra nova ponte ferroviária sobre o Douro. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Prefixo de privação. 13 – Sua Alteza. Nota musical. Sentidas Condolências. 14 – Chefe etíope. Taxistas querem-nos à prova de bala. Chover por uma velha, é chover muito, a cântaros. 15 – Este chefe do executivo açoriano, renovou o convite a Sua Majestade João Paulo II, para visitar o arquipélago. Estar como uma pilha dele, é estar muito salgado. Esta controversa dama britânica e a Liga Árabe fizeram as pazes.

VERTICAIS:

1 – Todos os soldados o recebem. Quem assim fica, consente. Chega a porto. 2 – Com as eleições à porta, e de família dos portugueses aumentou mais cem escudos. 3 – Fazê-lo com sangue, é adquirir com grande trabalho. 4 – Algumas de guerra, foram encontradas no Tejo. 5 – Arsénio (s.q). Muito. Deras vaias a alguém. 6 – Trabalhadores desta agência noticiosa, alertaram para a asfixia financeira dela. Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de eu. O mais. 7 – Esta grande potência acusa a URSS de aumentar a produção de armamentos. Rio espanhol do Cantábrio. Esta potência, propôs à China pacto de não agressão. 8 – Competidor. O mesmo que oh! (Bras). Constelação junto à Via Láctea. 9 – Planta medicinal da família das palmeiras. Sufixo que designa abundância. Vossa Alteza. 10 – Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Duas vogais desiguais. Os isso, foi nome dado aos companheiros de Garibáldi na expedição à Sicília. 11 – Cidade de Itália. Nas monarquias eles existem (abrev). Idem. 12 – Espera Resposta. Tratamento dado a qualquer rei ou rainha (abrev). Pegue. Duas consoantes desiguais. 13 – Tanto. Falda. Doença que dificulta a respiração. Interjeição designativa de espanto. 14 – O Iraque propõe ao Irão fim dela no Golfo. Ateada. 15 – Rio da Russia. Tempo do verbo ir. Madeira. 16 – Vê. Percebe. 17 – Érbio (s.q). Regarei. 18 – Rio dos Estados Unidos. Cidade do Peru. Apague. 19 – A Venezuela treinou as salvadorenhas. Fazer isso a uma discussão, é pôr termo a ela.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS:

1 – Primavera. Petróleo. 2 – Riu. Ira. Berat. 3 – Navios. Og. Ir. 4 – Árias. Oó. 5 – CARAMANLIS. Mãe. 6 – Ab. Runa. BRIZOLA. 7 – Ló Miolo. Cara. Ria. 8 – Ansa. Põe. Sam. 9 – Ousa. La. Marat. 10 – Pô. SOARES. Abé. 11 – Portugueses. Madeira. 12 – Porto. Mac. An. 13 – Sa. Mi. SC. 14 – Ras. Vidros. Pá. 15 – AMARAL. Sal. THATCHER.

VERTICAIS:

1 – Pré. Cala. Aporta. 2 – Abono. 3 – Suar. 4 – Armas. 5 – As. Mui. Apupara. 6 – ANOP. Ego Al. 7 – EUA. Nalón. URSS. 8 – Rival. Oé! Seta. 9 – Anil. Oso. VA. 10 – Ois. Ae. Mil. 11 – Pisa. Rs. Id. 12 – ER. SM. Cole. Rt. 13 – Tão. Aba. Asma. Oh! 14 – Guerra. Acesa. 15 – Ob. Ia. Mad. 16 – Lê. Sabe. 17 – Er. Orarei. 18 – Oaio. Lima. Raspe. 19 – Tropas. Trancar.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ALHOS VEDROS

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 27 § 1.º dos nossos Estatutos, convoco todos os sócios da Instituição a estarem presentes na Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 30 de Março pelas 21 horas no edifício do Lar da 3.ª Idade em Alhos Vedros, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS REFERENTES A 1982.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Carlos Jorge Oliveira

Sociedade Cooperativa Piedense

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do parágrafo 1.º do Art.º 16.º do Capítulo IV dos nossos Estatutos, convoco os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral, cuja sessão ordinária terá lugar no dia 31 do corrente mês, pelas 20.30 horas, na Sede Social, Rua da Liberdade, 94 na Cova da Piedade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: Apreciar, discutir e votar os Relatórios e Contas da Direcção e Comissões de Gerência dos Serviços e o Parecer do Conselho Fiscal.

Se à hora indicada não comparecer número legal de Associados, a sessão ordinária realizar-se-á uma hora depois, em segunda convocatória, com qualquer número, conforme preceitua o parágrafo 7.º do Art.º 16.º, do Capítulo IV dos Estatutos.

Cova da Piedade, 10 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) José Alves de Almeida